S. José *Fr. João de*—Corographia do reyno do Algarve dividida em quatro livros. 1577.

Copia do sec. XVIII.—1 vol. in-4.° de 134 fl., encad. perg.

(A. 3—42) 109

A
3
42

109

Corografia

Do Reyno do Algarve
Dividida em quatro Livros
Pera mor declaração da obra

Escrita

Pelo M. R. P. Fr. João de São Joze
da Ordem dos Eremitas de S.
Agostinho da Provincia de
Portugal

No Anno de 1577

A. 1. 35

C 3 / 42

Corografia

Do Reyno do Algarve
Dividida em quatro Livros
Pera mor declaracaõ da Obra

Escrita

Pello R. P. Fr. Joaõ de Saõ Jozé
da Ordem dos Heremitas de S.
Agostinho da Provincia de
Portugal

No Anno de 1577.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

O Primeyro Livro conthem a descripção de todo o Reyno em geral e de todas as Cidades, Villas, Lugares, Fortalezas, e Castellos delle em particular. 1.

O Segundo trata largamente a Conquista delle como foy ganhado aos Mouros pellos Christãos, e Restituido à Fè de Nosso Senhor. 57.

O Terceyro relata a maneyra como este Reyno veyo em poder dos Reys de Portugal, e da alteração que por sua cauza se fes no Escudo e Armas Reaes. 79.

O quarto dà noticia de muytas particularidades da terra e costumes da gente deste Reyno do Algarve que so nelle são achados. 113.

Livro I.º

Livro Primeyro.

Que contem a descripção geral do Reyno do Algarve, e de todas as Cidades, Villas, Fortalezas, e outros lugares em particular. 1.

Cap. 1.º Da grandeza dos Reynos dos Algarves da quem da lem em Africa, e do que os Reys de Portugal possuem em particular q̃ he hũa parte da nossa Lusitania. 1.

Cap. 2.º Da maravilhosa disposição do Sacro promontorio com a declaração deste vocabulo aq̃ ao prezente chamamos Cabo de S. Vicente, com a rezão da mudança deste nome. 3.

Cap. 3.º De como o Corpo do Glorioso Martyr S. Vicente foy trazido do Reyno, e

cidade

Cidade de Valença d' Aragaõ a este Sacro promontorio no tempo q Hespanha se perdeo, e nelle esteve escondido muytos annos. 9.

Cap. 4º De como o Corpo do glorioso Martyr S. Vicente foy tresladado do Sacro Promontorio pera a Cidade de Lisboa em tempo del Rey D. Affº Henriques. 14.

Sagres. 20.
Lagos. 20.
Alvor. 28.
Vª nova de Portimaõ
Silves. 30
Alagoa 33.
Albofeyra 34.
Alcantarilha 34.
Farão 35.
Loulè 36.
Estoi 37.
Tavira 40.
Cacella 48.
Arenilha 49.
Castro-marim 49.
Azinhal 51.
Aldea do Leyte a mayor 51.
Aldea do Leyte a menor 51.
Alcoutim 51.
Aldea de Martim longo 52.
Val do Clogo 52.
O Pereyro 53.

Aldea dos Gioes

Aldea dos Gioês 53.	V.ª nova de mil fontes
Moncarapacho 53.	Bengali 55.
A Fonte do Bispo 53.	Os Collos 55.
Salir 53.	A Murteyra 55.
Paderne 53.	A Carrapateyra 55.
Pera 53.	Algos 55.
Monchique 54.	Carvoeyra 55.
Mixilhoeyra pequena 54.	Freyxo 55.
Mixilhoeyra grande 54.	Pena grande 55.
A Bordeyra 55.	A Peninha 55.
Budens 55.	A Naue redonda 55.
Aldea do Bispo 55.	Alte 55.
A Raposeyra 55.	Guarteyra 55.
Aljezur 55.	Marim 55.
Ode Seyxes 55.	A Alcarias 55. e
Sines 55.	A dos Pretos 55.

Destes ultimos 17. Lugares naõ faz o Author particular mençaõ por naõ ter (como elle diz) noticia inteyra delles e lhe parecerem de menos importancia. A or-dem q̃ segue em contar todos os Lugares

desde

desde Sagres, ao de Seyxas, he hir pella Costa do Poente a Oriente; e depois voltan-do pello sertaõ por entre as Serras.

Livro Segundo.

De por quem e em q̃ tempo foy Conquistado o Reyno do Algarve daquem mar, havendo mais de quinhentos Annos q̃ era possuido dos Mouros. 57.

Cap. 1.º Do tempo em que se perdeo Hespanha e se comessou a recuperar pellos Christãos, e com ella o Reyno do Algarve.

Cap. 2. De como D. Fr. Payo Peres Correa, Mestre de Santiago em tempo del Rey de Castella D. Fernando o 2.º tomou aos Mouros Estombar e Alvor no Reyno do Algarve. 61.

Cap. 3.

Cap. 3. Dos Recontros que o Mestre D. Payo Piz Correa teue com os Mouros estando em Cauella, nos quaes forão vencidos, e desbaratados. 63.

Cap. 4.º Da Morte dos Sette Cavalleyros e de como o Mestre tomou Tavira. 66.

Cap. 5. Apparecimento q̃ estes Santos Cavalleyros fizerão a El Rey D. Aff.º de Castella tendo cercada Tavira, com q̃ levantou o Cerco, e se tornou a Castella. 71.

Cap. 6. Como o M.e D. Payo Peres Correa tomou aos Mouros Salir, Alvor, Estombar, e a Cidade de Silves. 73.

Cap. 7. De como o M.e de Santiago D. Fr. Payo Correa tomou aos Mouros Laderne, e gouernou, todas as terras que no Reyno do Algarve lhe tinha tomadas, se virem em poder dos Reys de Portugal. 76.

Livro 3.º

Livro Terceyro.

Que trata de como o Reyno do Algarve veyo em poder dos Reys de Portugal, e foy acabado de Conquistar da maneyra que ora está. 79.

Cap. 1.º De como a Raynha de Portugal D. Brites foy a Castella a pedir a ElRey D. Aff.º seu Pay o Reyno do Algarve da quem mar. 79.

Cap. 2.º De como ElRey de Portugal D. Aff.º 3.º deste nome accrecentou o escudo de suas armas e se intitulou primeyram.te Rey do Algarve. 82.

Cap. 3.º Das Armas do primeyro Conde de Portugal D. Henrique tronco, e origem donde procedem todos os Reys delle. 84.

Cap. 4.º

Cap. 4º. Das Armas que El Rey D. Affº. Henriques o 1º. de Portugal tomou em principio de seu Reyno, e da occaziaõ que pª. isso teve. 86.

Cap. 5. Das alteraçoẽs e mudanças que houve no escudo das Armas Reaes de Portugal desde o primeyro Rey D. Affº. Henriques que as tomou athe El Rey D. Sebastiaõ q̃ a prezente Reyna. 88.

Cap. 6. De como El Rey D. Affº. de Portugal depois de lhe ser dado o Algarve foy sobre a Villa de Faraõ que era de Mouros, e lhe poz Cerco, onde o Mestre D. Payo Correa se veyo tambem ajuntar com elle 93.

Cap. 7. El Rey D. Affº. de Portugal combate a Villa de Faraõ no Algarve, e a rendeo por força, e depois a deixou

a deyxou aos mesmos Mouros ficando lhe tributarios, e com privilegio de seus Vassallos.. 95.

Cap. 8. De como El Rey D. Aff.º de Portugal foy sobre a Villa de Loulé, e a tomou, e o M.e de Santiago D. Payo Correa tomou Aljezur... 97.

Cap. 9. De como o M.e de Santiago D. Payo Correa se foy p.ª Castella, e por divizoês que houve veyo a Portugal o Infante de Castella D. Luis, chamado Pontus, e o Reyno do Algarve foy posto em terçaria em poder de D. Joaõ de Boim, e de D. Pedreannes de Portel seu filho Cavalleyros Portugueses. 100.

Cap. 10. de como por differenças que houve entre El Rey de Portugal, e o de Castella; tornou a Portugal o M.e D. Payo Correa com outros dous Principes fidalgos.

de Castella

de Castella por Embaixadores, e das pazes que por seu meyo forão feytas. 102.

Cap. 11. De como ElRey de Castella D. Affº o X. quitou a ElRey de Portugal D. Affº seu genro, e ao Infante D. Diniz seu neto; e a todos seus successores a obrigação dos cincoenta Cavalleyros, em que lhe erão por respeyto do Reyno do Algarve, e o soltou a Portugal livre p.ª sempre. 105.

Cap. 12. Da morte, e sepultura do Mestre de Santiago D. Payo Correa; e de como estes dous Reys de Portugal D. Affº, e D. Diniz, Pay, e Filho e seus successores ajudarão sempre aos Reys de Castella em suas emprezas em agradecim.to do Reyno do Algarve. 108.

Livro Affº

Livro quarto.

Das Particularidades do Reyno do Algarve aquem mar. 113.

Cap. 1. De como se poem, e adubaõ as figueyras, e se seca o figo. 114.

Cap. 2.º do apanhar e enceyrar do figo e do muyto que importa cada anno o Reyno do Algarve. 116.

Cap. 3. Dos Olivaes do Algarve, e da boa invençaõ q̃ acharaõ os Algaravios de fazer o Azeyte. 120.

Cap. 4. das Vinhas, Vivas, e Vinho do Algarve. 124.

Cap. 5. Da Amendoa do Algarve. 125.

Cap. 6. Da Pescaria dos Atuns q̃ morrem na Costa do Algarve. 126.

Cap. 7. Dos Solhos q̃ se pescaõ no Alg.e 129.

Cap. 8.

Cap. 8. Do Esparto que nace no Algarue, e do proveyto que se faz nelle. 130.
Cap. 9. Da Palma do Algarve e das Obras q̃ se fazem della. 131.
Cap. 10. Das Serras do Algarve. 132.

LIVRO PRIMEIRO.

Que contem a Descripçaõ Geral do Reyno do Algarue, e de todas, Villas, Fortalezas, e outros lugares em particular.

Capitulo 1.º Da grandeza dos Reynos dos Algarues, daquem, e dallem em Affrica, e do que os Reys de Portugal possuem em particular que he huã parte da nossa Lusitana.

Este nome Algarue he Arabigo, e naõ m.to antigo o que parece por Estrabaõ, Ptolemeo, Mela, e Plinio, e por todos os outros Escritores, e Geographos mais modernos, nenhum dos quaes em suas escrituras em que comprehenderaõ o Vniuerso fizeraõ mençaõ delle pello que está claro ser moderno, e dos tempos que os Mouros conquistaraõ e possuiraõ este Reyno, como o saõ tambem Alacil, Almexal, Albaçaõ, Alcaria, e outros muytos que no mesmo Reyno, como estes correm e seruaõ, e sabemos de certo hauerem-se nos pegado da mesma gente, e lingua e Ter-

Alacil - tempo de recolher o figo.
Almexaõ - o Terreiro em q̃ o secaõ.
Albocaõ - Alcofa de esparto.
Alcaria - nome de terra.

e erãormolos delles com a terra pella m.ta conversa-
ção que com elles tiuemos.

E he de saber q̃ as terras q̃ os Mouros chamão
Algarues são m.to grandes, e de muytos senhorios, e cin-
gem boa parte do mar Mediterraneo dũa banda,
e da outra, e tambem do Oceano. Da banda de Hespa-
nha começão do Cabo de São Vicente e correm ao le-
uante athe Almeria q̃ he na Prouincia Betica, ou
Andaluzia, e dali attrauessando o mar Mediterra-
neo se estende por Africa des do Reyno de Tremecem
pello estreyto de Gibaltar te o Cabo de Guê tomando
toda a ribeyra da Mauritania Tingitania, em q̃ ha
m.tos Reynos de grande fertilid.e, e são a melhor terra
de toda Africa. A toda esta Região assim diuisada cha-
marão os Mouros antigam.te os Reynos de Benama-
rim, e ao prezente Algarues daquem, e d'alem
mar, e foy a derradeyra que na Africa em parte
nossos Reys Christãos sogeitarão a fee da San-
ta Igreja, hauendo m.tos annos q̃ era possuida
dos seguidores da seyta de Mafoma. E porque
minha tenção não he tratar de todos os Algarues
em geral, como os tenho diuididos, mas

somente

somente desta parte que está mistica com nossa Lusitania, e he sogeyta a os Reys de Portugal; deyxarei o mais a outros que nisso se quizerem ocupar.

Demarcação do Reyno do Algarve.

Começando pois a deytar o primeiro traço geralmente a este Reyno do Algarve, de que fallo pella costa do Mar Oceano contra Levante; pella ordem que Estrabaõ e Plinio o demarcaraõ, digo que comeca do Sacro Promontorio, que he o cabo de S. Vicente, e passa pello cabo de Santa Maria a que os Geografos chamaõ Promontorium cuneum) te dar na Barra do Rio Guadiana, onde está a Villa chamada Santo Antonio de Arenilha, e da mesma Villa sobe pello Rio acima, contra o Norte antre Portugal, e Castella, passando polla Villa de Alcoutim, e pellas Ribeyras do Leyte, e Vascaõ, que atravessaõ as Serras, e vem despejar suas agoas em Odiana; tê a Villa de Alcoutim, sette Leguas pella Barra dentro. Dahi corta pello Certaõ antre as Serras chamadas do Algarve, e o Campo de Ourique, e por Monchique e a Naue redonda ao de Seyxes direyto ao mar a onde este Rio se mete no Oceano junto do mesmo

Cabo

Ptolomeu tab. 2. c. 4. 5.

cabo de S. Vicente onde esta demarcaçaõ começou. Aos moradores deste Reyno, visinhos do Sacro Promontorio chama Ptolomeu Turdetanos; e diz que possuem aquella parte de Lusitania, que o Rio Guadiana divide da Provincia Betica, q̃ he Andaluzia. Mas estes Turdetanos segundo este mesmo Autor diz mais se estendiaõ pella Lusitania do que agora os Algaravios, conforme a demarcaçaõ acima dita, porq̃ Vleda no sertaõ duas Cidades, que agora se incorporaõ em Portugal, que saõ Mertola, e Beja, quinze leguas fora dos seus termos. E ainda Estrabaõ nos

Estrabo. Lib. 3.

dà a entender q̃ pella costa do Mar Oceano chegavaõ estes Turdetanos; te a boca do Rio Tejo q̃ he a Barra de Lisboa. He couza maravilhoza as excellencias q̃ este Autor Estrabaõ escreve da Provincia

Item ibid.

Turdetania, e os primores q̃ conta dos Turdetanos sobre todos os povos de Hespanha. Da terra diz q̃ seus Campos Vlerespondiaõ com duas novidades cada anno, e que havia tanta abundancia de riquezas nella q̃ quando os Carthaginenses os vieraõ a conquistar, com Barca seu Capitaõ, as manjadouras

jadouras dos Cavallos, e as dornas, e talhas em que recolhiaõ o Vinho, e agua tudo era de prata. Dos mesmos Turdetanos affirma q̃ eraõ os mais domesticos, e sabios de toda Hespanha. E q̃ tinhaõ Livros m.to antigos de Poezia, e Leis escritas em verso q̃ (segundo se dizia) havia mais de seis mil annos que eraõ feytas. De Belo Rey de Hespanha se escreve q̃ foy o primeyro q̃ nos Turdetanos deu conhecimento das Letras, e q̃ Asclepio Mirliano, regeo m.to tempo suas escolas, e no fim escreveo hum Livro dos Louvores dos Turdetanos, e de sua terra. E posto que a principal Turdetania fosse a que agora chamamos Andaluzia; tambem os nossos Turdetanos que saõ os acima ditos, seus visinhos tinhaõ com elles m.to parentesco, e semelhança: naõ so nos nomes, mas tambem em todas as excellencias que delles se escrevem como na Liçaõ deste mesmo author parece.

Coelius in Monosticho Regu Hispan.

Strab. lib. 3.

Ha neste Reyno ao prezente quatro Cidades, muytas Villas, fortalezas, e outros lugares: alguns no Certaõ, e os mais na ourela do mar, dos quaes diante farey particular mençaõ; cada

da hum em seu devido, e proprio lugar.

Cap. 2. Da maravilhosa disposiçaõ do Sacro Promontorio com a declaraçaõ deste Vocabulo a que ao prezente chamamos Cabo deel Vicente, com a rezaõ da mudança deste nome.

Ao Cabo deel Vicente (donde me pareceo bem começar) chamaõ os antigos Geografos Sacrum Promontorium nome composto de duas partes, cada huã das quaes tem seu particular sentido, e pede delle declaraçaõ. Promontorium se diz qual quer terra sombranceyra ao Mar, q̃ por elle faz entrada notavel mais q̃ toda a outra junto de quem està conforme onde se vee, a q̃ commum m.te chamamos Cabo. Para o que he de notar q̃ os Romanos (gente em tudo bem olhada e curiosa) a todos os Lugares desta maneyra poseraõ em Hespanha, e fora della seus particulares nomes, pera divizarem as terras; e entenderem milhor as paragens dos Mares

dos Mares porondenaueganaõ. E poresta re-
zaõ no Cabo de Palas na Costa do Reyno de Allu-
rena chamaraõ Promontorium Scombrarium,
ao Cabo de Gatas no Reyno de Granada chamaraõ
Promontorium Caridemum. Ao Cabo de S. Ma-
ria q̃ comeſſa na foz do Rio Guadiana, e acaba na
Villa de Albufeyra chamaraõ Promontorium
cuneum. Ao Cabo de Espichel junto de Cizimbra
na Lusitania, chamaraõ Promontorium Ne-
rium. E assim a outros muytos de maneyra
que este vocabulo Promontorium era com-
mum, e geral a todos os que tinhaõ as qua-
lidades acima ditas, e pello que mais lhe
acrecentauaõ, se entendia qual era o de que
falauaõ. Acrecentaraõ pois Sacrum a este de q̃
tratamos, q̃ em seu sentido tanto queria dizer
como Cabo Santo, e dedicado a Deos, profe-
tizando ja em alguã maneyra o que de-
pois nelle hauia de ser. E nós agora ue-
mos (segundo que adiante em seu lugar pare-
cerà.) Mas elles naõ o entendiaõ desta maneyra,
porque cegos em seus errores attribuiaõ a os
idolos

idellos feytos depedra, e madeyra, a honra que
só à divindade se deue, e esta foy a cauza,
porque a este Promontorium ou Cabo chama-
raõ Sacro, pello terem dedicado a Hercules,
homem facinoroso que os Gentios honrauaõ como
Deos. Em este Promontorio tetinhaõ seu templo
edificado (segundo o diz Artemidoro Escritor,
e Filosofo antigo) e nelle o honrauaõ com seruiços
e ceremonias àcostumadas trabalhando
de o ter propicio em suas necessidades. Onde
este mesmo Author diz que os Romeyros q
a este templo vinhaõ, faziaõ montinhos
de pedras pouco distantes huns dos outros,
pello caminho por onde vinhaõ q seruiaõ
de baliras a os que, o naõ sabiaõ; como aopre
zente se costuma, e uimos em Monserrate,
e Guadelupe, cazas de m.ta deuaçaõ: a que os
Castelhanos chamaõ Mojones. Outros hauia
cuja deuaçaõ passaua mais adiante: e ter
por si, ou à sua custa traziaõ agua, de outras par-
tes por no mesmo Cabo hauer falta della: de
que bebiaõ os caminhantes que, por sua de
uaçaõ

Dilo Estrabaõ em seu liuro 3.

uação vinhão em peregrinação ao templo. E se
estes Romeyros ou peregrinos acertavão de che-
gar perto deste Sacro Promontorio em seque-
rendo por o Sol não ousavão passar muy
adiante aquelle dia, mas ficavão-se
aquella noyte num Bayrro que não lon-
ge estava, já pera isto crendo segundo suas
falsas imaginaçoẽs que os Deoses tinhão
reservado as noytes pera si, e não lhes pra-
zia que nellas alguem lhe sacrificasse,
ou andasse caminho.

Este mesmo Filosofo Artemi-
doro que estas cousas escreve, movido por
sua devação, e dezejo de ver este Sacro Pro-
montorio, e tambem offerecer em o templo
q̃ nelle estava: veio-o a visitar des de Grecia
donde era natural; e considerando sua figura,
e o que com ella reprezentava; comparou seu
geito altivo e sobranceyro ao mar; a hum na-
vio bem em masteado. Pera fazer esta com-
paração e semelhança (segundo Estrabão
delle escreve) tomou tres Ilhas pequenas q̃
este

Ilha de Caens
Ilha de Figueira
Ilha de Gongor.

este Cabo junto de Si inda, a ppresente tem, e de hua dellas lhe fes a proa; e das outras duas os mastos por serem mais alterosas. No tempo que Artemidoro o vio, e appdou (o que elle saberia bem fazer porque era prudente, e bem entendido) ser lhe hia esta semelhança mais apropriada do que he a ppresente: por estar já gastado do mar cujas ondas continuam de nelle roem, ha mais de mil e quinhentos annos que isto passou; e tambem por os moradores, e visinhos o terem ja cultivado, e limpo do arvoredo que nelle havia, em cujo lugar succederão torres e edificios com q̃ está mais tomado, e fortalecido de maneyra q̃ não temos já necessidade de Mojones ou balizas p.ª asinarmos com elle. Não sejo de com tudo negar ser este hum dos mais celebres lugares de sua qualidade, e o q̃ com sua salida ponta mais entrada fas ao mar pollo que com rezão se poderia bem contar por hua das maravilhas do

Estrabão. l. 3.

Mundo. Nelle (segundo diz Estrabão) se acaba, como em hum final, e baliza remotissima

tissima, toda a maquina da terra da banda do Occidente porque nelle fenecem as duas partes do mundo Europa, e Africa; e os Lusitanos, e Mauritanos saõ os ultimos moradores dellas. Nelle se achaõ em hum mesmo instante differentes ventos. Nelle as aguas continuamente se encontraõ huas com as outras, e todas juntas num corpo tomando força calaõ por baixo delle por furnas, e cavernas que a continuaçaõ dellas já tem feyto: e isto com taõ grande impeto, que parece que neste so lugar a natureza de continuo peleja, e traz contenda comsigo mesma. As naos, navios, e outros baixeis que navegaõ de Levante a Poente, e de qual quer outra parte desta Europa a elle vem obedecer. E tambem os pescados que ao estreyto em manadas, e cardumes vaõ desovar, e fazer sua criaçaõ primeyro a elle chegaõ a reconhecer a terra, e saber com o natural distinto que Deos lhe deu em que rumo e paragem estaõ, de maneyra que julgará quem isto com attençaõ considerar que todas as creaturas

Atuns
Corvinas
Sardinhas

do Mun-

Ha no Cabo hũ mosteyro de frades descalços.

do Mundo em alguã maneyra Vê saõ sogeytas, e reconhecem Senhorio. No mais sahido de sua ponta, està hum mosteyro de Religiosos descalços do P. S. Francisco bem accomodado à penitencia, e contemplaçaõ (q̃ Ds.) parece que, foy alli feyto, e nelle achaõ caridade e hospedaria, as pessoas de que he frequentado. Este mosteyro mandou edificar o Bispo do Algarue D. Fernando Coutinho q̃ a este Lugar foy m.to affeyçoado, e pera seu amparo e defensaõ o mandou sallhar com hum da banda da terra por causa dos Mouros que, naõ longe delle sahiaõ. El Rey de Portugal D. Joaõ o 3.o vendo que ainda isto naõ bastava, mandou pegado cõ o mosteyro mosteyro ordenar hũa fortaleza em que, continuam. Lê sa Soldados, muyta artelharia, e outros petrechos de guerra com q̃ se defende o mesmo Lugar, e tambem as naos, e navios dos Christaõs q̃ em torno delle se acolhem dos imigos que naquella paragem de maravilha faltaõ.

edificar.

Fes mais este mesmo Bispo D. Fernando

nando Coutinho hũa torre pegada com o Mos-
teyro q̃ he onde hora estaõ as armas, eleuantou-a
sobre todo o outro edificio p.ª que seruisse de fa
rol. epos no mais alto della hũa grande Lan-
terna, com hũa lampada, em que hauia fu-
me continuam.te todas as noytes p.ª os naue-
gantes que andassem perdidos; e todos os ma-
is poderem ainda que ouuesse tempestades re
conhecer a terra, cousa p.ª o lugar naõ menos
necessaria, que lustroza. Eposto que por sua
morte deixou rendas p.ª a fabrica, esustenta-
çaõ della, tudo acabou, como hade succeder às
mais couzas que agora vemos.

Hauia farol no cabo naq̃la m.to tempo.

Naõ longe deste lugar defronte de Ode-
mira, forão salteados de Ingreses Luthe-
ranos tres Religiosos que no anno de 1569.
pera este Reyno do Algarue, por mar hiamos,
pellos quais depois de metidos a tormento des-
pidos, e roubados os mais da companhia a
nos determinaraõ pendurar em hũa antena
dum Galeaõ bem artilhado em q̃ vinhaõ por
nos terem muy contrarios à sua seyta, e ladroisse.

verem

Mas

Mas como naõ fossemos dignos de taõ boa
sorte, hum Portuguez que com elles andava
de mystura, mostrandose mais propicio à na-
çaõ os tornou de maneyra q̃ nos deyxaraõ, naõ
sem outro novo perigo do Mar, porq̃ nos ficou
a Caravella despejada, e boiante com tempo le-
vantado q̃ nos era contrario, com este trabalho do-
bramos o Cabo onde deitando o batel ao mar
nos baldeamos ao pè delle sobre hũ arrecife — salrimos.
pello qual sobindo em pès e mãos nos achamos
emcima, os mais de nós escalavrados por-
cauza de hũ aspero rochedo e penedia, (logo
ordenamos hũa devota procissaõ (couza
piedosa de ver) e encaminhamos p.ª o Mos-
teyro todos postos em Ordem a fazer graças
do nosso livramento: naqual huns hiamos
descalços, e outros despidos em camiza, e
nenhum como dantes vinha. E posto que
isto naõ procedia de sobeja devaçaõ mas da
força passada, que nos pusera em tal estado,
naõ nos faltavaõ lagrimas q̃ offerecer ao Senhor
considerando cada hũ, que naõ havia m.tas

horas

horas que seruira em poder daquelles crueis imi-
gos com bem poucas esperanças deisto poder
fazer. Fomos recebidos dos Religiosos com
a caridade que a todos mostraõ, e a uista
da nossa miseria Peregrina. E confesso que
em parte folguey com a ocaziaõ, e me fes es-
quecer o trabalho passado ver este Lugar, cou-
sa que m.to dezejaua, e tomar experiencia
do que delle escreuo ainda que foy à custa
da propria pessoa. A hum Religioso deste
Mosteyro estando hum dia com o Capitaõ
de Sagres pescando à cana no mais baixo
das rochas deste Cabo menos recatados do q
deuiaõ, foraõ catiuos por hũa Galé de Mou-
ros que dobraua junto de terra sem ser sen-
tida, e fazendose logo a tomar à Sagres
da preza, que tinhaõ perto despiraõ ao fra-
de, e seu companheyro, e puzeraõ-nos ao re-
mo segundo seu costume. E hum dos Turcos
querendo festejar a preza, e alegrar a compa-
nhia com fazer zombaria do frade, e dos
Christaõs vestiose o habito com seu capello,
e fin-

e fingindo grande devaçaõ começouse a entrar pella coxia da Galè, e de remeyro em remeyro como quem por rua publica vay de porta em porta pedia esmolla por amor de Deos e de Xaõ Franxico; naõ gastou m.to tempo neste exercicio de que m.to se regozijavaõ todos, quando chegando às areas gordas, onde determinavaõ fazer aguada, tiveraõ vista dalguãs vellas, de que nada ficaraõ contentes, e o Padre pedinte deitou o habito de si com mais presteza do que o vestira. Estas vellas eraõ sinco Galès de Portugal em que andava por Capitaõ mòr D. Fernando Alvares de Noronha em guarda da Costa do Algarve, o qual havendo vista da Galè dos Mouros, em cuja busca hia, por ter jà noticia, domas receado que havia certo, deulhe logo caça, (e posto que trabalhou de se acolher à força de remo) quiz desentor que a alcançou, e rendeo. Era esta Galè de hum Turco grande Cossario chamado Ramadaõ, o qual alli foi morto

deixava.

tendo

tendo feito antes naquella costa m.to dano aos Christaos. Logo o Capitaõ mor mandou tirar do remo o Religioso, e os outros Christaos, e meter nelle ao Turco mendicante, e a todos os companheyros, e darlhe com o rebem a esmola que antes pedia. O Religioso tornou a tomar, e vestirse seus habitos dando m.tas graças ao Senhor Deos e ao Bem auenturado P. S. Francisco, q̃ acodio por sua honra, e teue por bem de o liurar dentro em uinte quatro horas, hum dia natural em que seuio catiuo, e logo liure, e tornado a seu Mosteyro, mas com proposito de mais naõ pescar naquella costa.

Cap. 3. De como o Corpo do glorioso Martyr S. Vicente foy trazido do Reyno e Cidade de Valença d'Aragaõ a este Sacro Promontorio no tempo q̃ Hespanha se perdeo, e nelle esteue escondido m.tos annos.

A este Sacro Promontorio do Reyno do Algarue

foy

Foy trazido o Corpo do glorioso Martyr S. Vicente natural da Cidade de Çaragoça no tempo que Hespanha se perdeo, e foy tomada de Mouros, e nelle esteve escondido por espaço de m.tos annos. E porq̃ a certeza disto chegue aos Francezes da Provincia de Aquitania, os quaes dizem, e ainda

Beuter

escrevem q̃ o tem em hum seu lugar chamado aq̃ foy levado de Valença, por diligencia de hum Monge, direy aqui porquem, e a maneyra como veo a este nosso Sacro Promontorio, e como depois delle foy treslladado à Igreja mòr chamada See de nossa notavel Cidade de Lisboa do Reyno de Portugal onde he honrado e tido em grande veneração seu sepulchro, por todo o povo. Aos quaes não deve nossa escritura parecer sonho, ou invenção de homens q̃ dezejão ennobrecer seu reyno e Cidade, com a reliquia q̃ não tem, mas verdade authentica; de q̃ fazem expressa memoria todas as Chronicas dos Reys de Portugal; escritas por seus Chronistas, Varoēs sabios, e de m.to credito, no q̃ se lhe deve dar inteyra fee, como a os mais q̃ escreverão. E isto não he agora notorio, ou novam.te sabido

neste

neste Reyno de Portugal, e seus visinhos: porque S. Boaventura Doutor Santo, graue, e sem sospeyta o escreueo em Italia ha ja trezentos annos; no principio da vida do Bem auenturado Confessor S. Antonio Portuguez natural, e visinho da mesma Cidade, e Igreja em q̃ o Corpo deste glorioso Martyr a cerca de nòs descança; o q̃ parece deueria bastar pera tirar escrupolo a qual quer q̃ nisso tiuera duvida.

Contaõ pois os Chronistas Portuguezes q̃ acabando o Victorioso D. Affonso primeyro Rey de Portugal, de vencer e desbaratar Cinco Reys Mouros nũa so batalha no Campo de Ourique, o anno do Senhor de 1139. e mortos m.tos milhares de Mouros, imigos do nome Christaõ, tornouse a Coimbra (naquelle tempo cabeça de seu Reyno) trazendo comsigo grandes despojos, e muytos Mouros Catiuos. O q̃ sabido por S. Theotonio primeyro Prior do Insigne Mosteyro de S. Cruz da mesma Cidade, seu grande deuoto e amigo, sahio a receber ao caminho como outras m.tas vezes fazia, alegrandosse

Rui de Pina
Pero de Mariz.

dosse de sua boa fortuna. E sendo enformado q̃ antre aquelles Mouros Catiuos uinhaõ tambem alguns Christaõs de mistura, pedio a El Rey q̃ os quizesse libertar pois sua fee o merecia. E marauilhandosse El Rey, como aquillo podia ser; mandou q̃ lhos trouxessem diante, e uindos lhe perguntou de q̃ naçaõ eraõ, e q̃ fee era a sua, e se era uerdade q̃ eraõ Christaõs. E chegandose delles dous q̃ antre os outros eraõ mais anciaõs, e de autoridade responderaõ a El Rey dizendo: Senhor nòs outros na fee Christaõs somos, e de naçaõ Valencianos, e os Mouros entre quem viuemos nos chamaõ Moçarabes, q̃ quer dizer mestiços, ou mesturados Alarues, e a causa disto; e como passa na uerdade contaremos a sua Alteza; segundo nos ficou em memoria de nossos antepassados. Naõ m.^{to} depois daquelles trabalhosos tempos; quando Hespanha se comecou a perder; passou a ella de Africa hum por nome Albedramen, a cuja ira e poder ninguem bastaua resistir. Este com menos receo q̃ algum outro, se attre-

Destes Christaõs Muçarabes trata Garibay lib. 23. c. 7.

ueo

iuo a entrar mais dentro por ella; e sogeytar a todos sem differença, assim Mouros como Christaos, e pollos debayxo seu senhorio. Vendo isto nossos antepassados que (segundo nos ficou por noticia) eraõ dos moradores da Cidade Valença, no Reyno de Aragaõ, temeraõ m.to: e dezejando escapar sua tirania fugiraõ pera lugares mais secretos, em que escondidos se podessem valer, te uer o q̃ o Senhor determinaua do pouo Christaõ naquellas partes. E pera que com o mesmo Senhor pudessem mereçer alguã cousa tiraraõ comsigo o corpo do glorioso Martyr S. Vicente, que na mesma Cidade padeçerà, e inda estaua; e com elle se passaraõ ao Algarue; e na ponta que mais delle sahe ao mar, fizeraõ sua pobre morada consolados em parte; por terem comsigo aquelle santo thezouro, por cujos merecimentos lhes pareçia seus trabalhos poderem ter remedio. Mas como a ira do Senhor, mouida pellos peccados dos homens naõ estiuesse applacada inda de todo; uindo o d.o y ter a caso depois dalguns annos hum

Mouro

Mouro natural daterra, accompanhado dal-
guns seus; dosquaes senaõ puderaõ esconder;
foraõ todos porelles mortos; tirando alguns me
ninos e moços q comsigo levaraõ cativos, dosqua-
es descendemos nos osque aqui estamos prezen-
tes. E sedoque dizemos atua Alteza queres
tomar algua experiencia, damos por sinal
denossa verdade os vestigios desuas proprias
moradas, que ainda no mesmo lugar parecem,
etambem os corvos que o frequentaõ dedo temp-
po que o corpo doglorioso Martyr a elle foy trazi-
do: porcuja causa os Mouros lhepuzeraõ nome
Monte dos Corvos.

pobres.

A enformaçaõ deste mesmo caso naõ
m.to dessemelhante à que aqui estes Christãos
a ElRey deraõ nos deixou Rasis Mouro, Histori-
ador de Albarab Miramolino Rey de Cordova
no Livro das historias que escreveo das anti-
guidades e successaõ dos Reys Sarracenos em
Hespanha, que ainda temos volto em Hespa-
nhol, oqual posto que no que tratou das Sa-
gradas escrituras fingio, e disse muytas par-
voiçes

Foy Rasis gran-
de Doutor em
Medecinas.

uoisses como Mouro, e infiel que era imitan- Escreueo Rasis anno 958
do os Poetas antigos, porem chegado à Historia da Encarnação
das cousas de seu tempo, que tocauão à materia do Senhor.
profana de que escreuia fallou bem, e não deue
ser engeytado. Este na Historia de Albedra-
men quarto Rey deste nome, e decimo nono,
na successão dos Sarracenos diz estas pala-
uras à letra.

Andando a era dos Mouros Alarues E del Christo
em cento e trinta e oito ueyo de Africa a Hespa- 760.
nha hum Mouro por nome Albedramen podero-
so e grande Caualleyro, o qual uencendo em
batalha, e matando a Jozeph que naquelle
tempo reynaua, conquistou e pos debayxo
de seu Senhorio, toda Hespanha, e passadas
alguas cousas que não fazem tanto ao nosso
proposito, por ser a origem deste Albedramen,
diz logo mais adiante; Este Albedramen
tomou por força de armas todas as Cidades e
Villas que os Sarracenos possuião em Hespanha
moueo tambem guerra contra os Christãos,
e partindose pera Seuilha, tomou Euoras,

Beja,

Beja, e despois Santarem, e Lisboa, e todo o Algarue, e em tal maneyra affligio Hespanha, que naõ hauia Cidade, ou Lugar em toda ella, que se tiuesse por segura, e naõ receasse seu poder, e os moradores dellas desemparando suas casas, e fazendas fugiaõ pera os Montes, e Serras das Asturias, este destruio todas igrejas que achou em Hespanha, em cujo tempo hauia nella muytas fabricas notaueis assim do tempo dos Gregos como dos Romanos, e todos os Corpos q̃ pode daquelles em que os Christãos criaõ, e chamauaõ Santos tirou fora dellas, e os fes queimar publicamte. o q̃ uendo os Christãos cada hum recolhia destas cousas o que podia, e fogia com ellas pera os Montes mais solitarios, de maneyra que tudo o que podiaõ escapar puseraõ em saluo, e leuaraõ escondido ás Serras das Asturias, e a outros Lugares semelhantes. E como Albedramen se fosse chegando pera Valença os Christãos que nella morauaõ tinhaõ o Corpo dum morto por

nome

nome Vicente o qual elles adorauaõ como a Deos, e persuadiaõ ao povo que aquelle homem fazia ver cegos, e ouuir os Surdos, e daua Saude aos enfermos; e desta maneyra enganauaõ a gente Simples, e Sem Letras. Mas estes como Souberaõ auinda de Albedramen temeraõ Ser descubertos com Seus enganos, e fogiraõ leuando comSigo o Corpo daquelle que digo. Escreue mais este mesmo Rasis que fallando com outro Mouro Alibachaces, Cauallejro, e natural de Fez lhe contara, que estando ello no Algarue já hauia alguns annos, fora hũ dia caçar com alguns de Sua caza e allongandose àquella ponta que a terra mais mete ao mar achara alguns Christaos los q̃ fugiraõ de Valença, e tinhaõ inda comSigo o Corpo do homem Vicente acima dito com que delà fugiraõ; os quaes morauaõ em alguãs pobres casinhas que hauiaõ feyto, e por Saber que eraõ Christãos os mandou matar, naõ deixando delles Senaõ alguns meninos

ninos emoços que comsigo leuara catiuos, e o Corpo de Sam Vicente se ficara só no mesmo lugar. Naõ deixa de parecer verdadeyra a historia deste Mouro a cerca dos trabalhos daquelles tempos em que os Mouros se apoderaraõ de Hespanha; os quaes com zelo de sua diabolica seyta naõ se contentauaõ cõ matar Christãos que podiaõ hauer viuos, mas ainda (como este diz) queymauaõ, e derramauaõ as Reliquias dos gloriosos Martyres, e Confessores que nas Igrejas achauaõ dezejando por em esquecimento seus nomes: pello que conuinha aos Christãos que de suas mãos podiaõ escapar fogir com ellas, e esconderem-se pellos montes, e serras, ou p.ª outras pouoaçoens que ainda estauaõ em poder de Christãos: E desta cauza succedeo vermos hoje em nossa Hespanha m.tos Corpos de Santos mudados das Cidades e terras onde primeyro estauaõ, e eraõ honrados e leuados a diuersos lugares sem acharmos os tempos ou reraõ porque

seisto

seisto fizesse; nem a causa que moveo a os na-
turaes deyxarem levar dos estrangeyros os cor-
pos de seus santos, e padroeyros, sobre que mui-
tas vezes acontecia terem brigas, e contendas en-
tre si mesmos. Destes foy o Corpo do glorioso
discipulo de Christo S. Manços q̃ tinhamos
em nossa Evora, e agora està em hum lu-
gar de Castella junto a Medina de Rio seco.
A Bem aventurada Eulalia, e Julia sua
companheyra saõ celebradas em Merida,
dos Vetoens vemos mudada aos Euneos
de França. S. Leandro Bispo de Sevilha
naõ parece, nem temos novas alguãs de
seu Corpo. A Virgem S. Leocadia a q̃ tanta
honra fazia Toledo trocou o Tejo como Rhin
e foyse a Colonia à Cidade Agrippina. S. Ile-
fonso conhecido e reverenciado em todo o mun-
do por sua muyta Santidade e doutrina de-
zemparou sua propria Cidade, e se passou
às Asturias de Oviedo à Cidade Çamora,
quem pois nos poderà dar rezaõ de tantas, e
des propositadas mudanças? Quis defender

Deos

Deos que emtudo provi que nolas desse Rasis. Eum Mouro infiel daquelle tempo, como temos ouuido.

Cap. 4. Decomo o Corpo do Glorioso Martyr S. Vicente foy tresladado do Sacro Promontorio p.ª a Cidade de Lisboa emtempo del Rey Dom Affonso Henriques.

Ouuindo ElRey D. Affonso Henriques as rezoens dos Valencianos Catiuos (deque algum tanto medeuirti) etendo porventura noticia, desta escritura de Rasis, q̃ naquelle tempo era mais fresca; foy m.to alegre enaceo em seu Coração hum firme constante dezejo de hauer aquella tão preciosa religuia, etela em seu Reyno. Etomando Conselho com os seus em q̃ maneyra isto poderia ter effeyto; foy acordado q̃ fizesse treguas com os Mouros porcerto tempo, eque elle mesmo empessoa o fosse buscar. algũa As quaes feitas sem nenhũa dilação (porque os Mouros

os Mouros nenhũa outra couza dezejavaõ) partiose logo o devoto Rey de Coimbra p.ª aquelle Lugar; com tanto fervor, e devaçaõ, q̃ punha em esquecim.to todo o perigo e trabalho aq̃ se offerecia. E chegando lá fes buscar o Santo Corpo com toda deligencia, mas porem.to q̃ nisso trabalhou, como o S.r tinha determinado de o collocar na muy nobre Cidade de Lisboa onde hoje está, q̃ ainda naquelles tempos, e depois por alguns annos foy possuida dos Mouros naõ permitio q̃ fosse achado: com cuja vontade o devoto Rey se conformou, como em todas as mais couzas fazia: e se tornou a seu Reyno: ainda q̃ algum tanto desconsolado por naõ poder alcançar o comprimento de seus dezejos.

Depois disto andando o tempo teve o Senhor por bem alimpar a insigne Cidade de Lx.ª das immundicias torpes de Mafamede, p.ª a fazer huã das mais nobres, e celebres Cidades de toda nossa Europa; e nella ser servido de grande numero de Fieis clerigos, e Religiozos de todas as Ordens, p.ª cujo ef-

feyto

effeyto esforçou o Coraçaõ do magnanimo, e invencivel Rey p.ª que viesse sobre ella, e Reguisse cerco. O qual logo fez com ajuda de alguãs gentes estrangeyras que o Senhor lhe mandou p.ª este effeyto, e acabo de sinco mezes a Cidade foy entrada aos vinte e sinco dias de Outubro de 1147. em dia dos S. Martyres S. Crispino, e Crispiniano, e naõ se esquecendo o deuoto Rey da Empreza do glorioso Martyr S. Vicente, cujos dezejos sempre estauaõ viuos, e inteiros em seu Coraçaõ, fez logo edificar hum Mosteyro com m.tos des peza e renda que lhe deu, e dedicou-o à honra deste glorioso Martyr apparelhandolhe o Lugar onde fosse honrado; quando o S.or tivesse por bem, e fosse seruido de lho conceder. E como vio tempo, e conjunçaõ p.ª isso; mandandolhe El Rey Mouro de Seuilha Albojaque por nome pedir treguas por cinco annos, lhas concedeo, so p.ª por ter mais liberdade, e occaziaõ de fazer buscar, e trazer a seu Reyno o Corpo deste glorioso Martyr. E assim o poz logo em obra, mandando por mar ao dito Cabo certas pessoas

soas dem.to esforço, e credito, com boa guarda de
armas, e todo o mais necessario; em cuja compa-
nhia quis que fosse hum dos Christaos Valencianos,
q. na batalha do Campo de Ourique tomara; de q.
acima fiz mençaõ, p.a q. mais certificadas do
Lugar buscassem aquella Santa Religquia com
toda deligencia, e naõ tornassem a Portugal sem
ella. Os quais partidos de Lisboa fizeraõ sua Vi-
agem sem algum impedim.to do mar, q. naquelle
lugar continuam.te anda alterado, e soberbo com
suas ondas, q. por entaõ estiveraõ quedas, e se hu-
milharaõ em maneyra q. no mesmo cabo sahiraõ
a terra, tomando isto por bom presagio do seu ca-
minho. E postos logo em oraçaõ de geolhos pri-
meyro q. outra cousa fizessem, rogaraõ ao Senhor
q. lhe aprouvesse de lhe mostrar aquella Santa
Religquia, e nisto satisfazer os bons dezejos do de-
voto Rey, de q. socederia naõ pequena gloria a sua
Magestade, e ao glorioso Martyr, sendo seu Corpo
trazido, e dado por padroeyro a este Reyno, taõ pros-
pero logo em seus principios. Acabada sua
oraçaõ começaraõ logo a cavar com grande con-
fiança

fiança, onde o Christão Valenciano mostrava alguns vestigios da habitação antiga em que os Corvos inda não faltavão, em testemunho do Thezouro que aly fora posto, e havendo aberta a terra, por algũas partes chegarão ao ataude em q̃ fora posto, já gastado da humidade, com o Santo Corpo dentro nelle, de q̃ ficarão m.to alegres. E começando a revolver em hũa arca bem concertada que p.ª isso levavão, hum dos Companheyros com indiscreta devação metteo no seo hum osso do Santo Corpo, e logo sentio sobre si a mão do Senhor, e cahio cego sem poder ver cousa algũa. E conhecendo a causa de sua desventura, tornou a por a Santa Reliquia, onde a tomara, confessando de seu atrevim.to, e o Santo Martyr aceytando sua penitencia, lhe tornou logo a vista, por seus merecim.tos em prezença de todos; de que derão gloria a Deos pello milagre, e certeza q̃ lhes deu de acharem o q̃ buscavão. Isto feyto recolherão-se ao Navio, e dando vella p.ª se tornar virão vir dous corvos, os quaes chegando ao Navio

nis, e hum delles na popa, e outro na proa, naõ querendo desemparar seu companheyro, e Patrono. Chegados ao porto de Lisboa, naõ quizeraõ tirar logo o Santo Corpo do Navio, nem manifestar o que traziaõ, receosos de alvoroçar o povo, porque El Rey era auzente, mas esperaraõ o silencio da noyte, e entaõ o levaraõ secretam.te à Igreja de S.ta Justa onde naquelle tempo chegava o mar, e està ainda a porta chamada de S. Vicente; por causa desta alegre entrada, q̃ o glorioso Martyr por ella fez. Mas como jà era chegado o tempo em que o Senhor tinha ordenado manifestar o corpo deste glorioso seu Cavalleyro p.a ser honrado de todo o povo Christaõ; todos os Moradores da Cid.e accodiraõ pella manhãa à Igreja de S. Justa, como se p.a isso foraõ chamados, e começaraõ a contender entre si mesmos, dizendo huns q̃ fosse levado ao Mostr.o de S. Vicente q̃ El Rey p.a elle edeficara, e outros naõ; senaõ q̃ se devia por na See como Igreja principal, p.a q̃ aly fosse venerado de todo o

povo

povo. A isto acudio Gonçalo Viegas Capitão dos ginetes, que na Cidade estava, e com boas rezões pacificou todos, dizendo que não se devia determinar couza algũa daquelle Santo Corpo, sem parecer del Rey que estava auzente, e que a elle pertencia, fazer nisso o que fosse sua merce. Parecendo isto a todos bem D. Ruberto Bispo da Sée, homem de boa vida e prudente, não satisfeito das rezoens de Gonçalo Viegas, sabendo que nestas duvidas he melhor a condição e parte dos que possuem; foy se secretamente a Dom Moniz Prior de S. Justa, e rogoulhe muito que por honra do glorioso Martyr o deyxasse mudar logo à Sée, que era Igreja nobre, e principal de toda a Cidade, onde com mais devação e concurso seria honrado de todo o povo; que era o fim para que o Senhor o concedera a este Reyno. Finalmente tantas e taes rezoens deu, que o persuadio, e lhe concedeo o que pedia. Ao outro dia, vierão logo os Conegos da Sée com toda a clerezia, e com solenne procissão levarão o S. Corpo à Sua Igreja, dando todos muitas graças ao Senhor,

e ao glorioso

e ao glorioso Martyr S. Vicente; por escolher este Reyno e Cidade p.ª sua morada, e des=canço na terra, por cuja intercessaõ esperavaõ receber do Senhor grandes merces, e beneficios. Em gratificaçaõ deste beneficio, q̃ o Prior de S. Justa D. Afonso fez em deixar mudar o Corpo deste glorioso Martyr à Sée, como dito he; accordou o Bispo della com o Cabido de lhe dar huã Prebenda nella, pera elle, e p.ª todos os Priores da mesma Igreja q̃ despois delle fossem; e assim se fes. El Rey quando isto soube, dizem as Chronicas, q̃ chorou com prazer; porq̃ era m.to devoto, e catolico Christaõ; e teue por bem q̃ estivesse na Sée; onde lhe foy feito hum rico sepulchro, ou reliquairo na Capella mòr à banda da Epistola: e a guarda delle he encommendada a dous Conegos dos mais ancians do Cabido. E tornou El Rey a mandar ao mesmo lugar; p.ª que com mais deligencia buscassem se ficara ainda alguã Reliquia do S. Corpo, e foy achado hum pequeno osso da Cabeça; e foy-

lhe

the trazido com algum pedaços do saude em
fora a Ty posto. E mandou-os pôr na See com as
mais Reliquias. Em memoria desta m.ce,
e beneficio recebido deu El Rey por insinias
à mesma Cidade de Lx.a huá não, e nella
a imagem do glorioso Martyr S. Vicente, com
dous Corvos hum na popa, e outro na proa,
como se elles poseraõ, accompanhando seu
Santo Corpo, como parece na bandeyra da
Camara da mesma Cidade, e em cima
de m.tas portas della. E o Cabido tomou tam-
bem a mesma imagem por armas, e
sello. E porque isto que aqui se diz destes Cor-
uos naõ pareça patranha, aos que tanta noti-
cia deste Caso naõ tem; testemunha he todo
o pouo de Lisboa e os estrangeyros q̃ nella vem,
e aisso atentaõ, como hoje em dia andaõ na
mesma See mansos, e domesticos, hauen-
do quatro centos annos q̃ isto passou; sem
nunca della faltarem. Antes contaõ as Cro-
nicas que hum moço por nome Joaõ, q̃ ser-
uia na See tirou com huá pedra, e deu
em hum

Galuaõ

emhum, e foy cousa marauilhosa, q̃ nesse ponto ficou tolhido de todos seus membros. O que, uendo seu pay, e hauendo grande tristeza deitouse diante o sepulchro do glorioso Martyr S. Vicente em oraçaõ, rogandolhe com m.tas lagrimas, que ouuesse piedade delle, e de seu filho: e foy logo saõ como de antes. Sabido este milagre naõ ouzou mais alguem fazerlhe mal, mas antes m.tas molheres deuotas tem por costume quando vaõ ouuir missa à See leuaremlhe paõ nas mangas por deuaçaõ do glorioso Martyr; e elles tem jà cuydado de o hir buscar por suas mangas quando as vem assentadas.

Depois que ElRey D. Affonso Henriques teve o Corpo do glorioso Martyr S. Vicente em Lisboa principal Cidade de seu Reyno como jà he dito, mandou edificar huá Igreja no lugar em que no Algarue m.tos annos esteue em memoria deste feyto, e dali em diante por honra de taõ glorioso hospede q̃ agazentou em si deixou, e perdeo o nome

de Sacro

dee Sacro Promontorio q̃ antigamte. tinha,
e se chamou Cabo de S. Vicente, e por elle
he agora conhecido antre todos outros.

Sagres.

Sagres he hũa Villa bem murada com sua fortaleza, a qual o Infante D. Henrique Mestre da Ordem de Christo em Portugal, e filho del Rey D. Ioaõ o Iº. mandou edificar em hũa Angra, q̃ o mar faz duas legoas da ponta do Cabo de S. Vicente p.ª o Levante; porq̃ os Mouros ou quaes quer outros inemigos naõ tivessem lugar de salir nella, a fazer saltos nas povoaçoẽs pequenas que estaõ pella terra dentro. Nesta mesma Villa e fortaleza vivia este Infante algum tempo, e nella falleceo sendo de idade de sessenta e sette annos no era do Senhor de 1455. Dis Ioaõ de Barros na prim.ra parte da sua Europa q̃ este Infante D. Henriq̃ quando edificou esta Villa e fortaleza lhe poz o nome Terça nabal; mas q̃ outros lhe chamavaõ a Villa do Infante; polla elle mandar edificar, e gostar m.to da sua vivenda. Agora o nome porq̃ a conhecemos he Sagres; o qual o Padre Gaspar Barreyros quer que

seja

Seja mais antigo do que dizemos que he a mesma Villa e que se deriua desta dicção Sacro tomada do Sacro Promontorio q̃ he o Cabo de S. Vicente em cujas fraldas ella está. Possiuel he que esta Angra em que o Infante mandou edificar esta Villa e fortaleza se chamasse antes disso Sagres, e q̃ este nome antigo preualecesse athe nossos tempos:. e os outros dous mais modernos se lhe acabassem com o tempo. He ao prezente Alcayde mor desta Villa Rodrigueannes de Sarre.....

Lagos.

A Cidade de Lagos he maritima, está edificada na ladeyra dum Tejo q̃ faz rostro ao Leuante: e junto della da mesma banda entra huá ribeyra no mar q̃ corre do Sertaõ. Tem diante desi huá fermosa Bahia, em q̃ ha Villas e lugares de q̃ adiante farey menção. Entraõ nella nàos e nauios de toda sorte e he muyto frequentada de Leuantiscos, por causa do m̃.

gercado

pescado que desta Cidade levaõ embarrilado em conserva. Tem duas fortalezas huá antiga chamada Solária; e outra nova, q̃ em nossos dias mandou fazer o Catholico Rey D. Joaõ o 3.º deste nome, a que se pos nome Pinaõ ambas sobranceyras ao mar, e bem providas de toda muniçaõ necessaria a estes lugares. Alem disto no Caiz tem hum lugar alto à maneyra de baluarte com alguns tiros grossos que varejaõ todo o porto e Bahia delle, de maneyra que, por mar stá bem fortalecida. A Cidade (ou Villa que antes era) he cercada de muros antigos com seu Castello: e os arrabaldes lhe começou a cercar em nossos dias Diogo da Sylua Alcayde mor da mesma Cidade, filho do Regedor Joaõ da Sylua. A mais agua, q̃ nella ha lhe vem de fora por canos, os quaes lhe acabou de fazer El Rey D. Manuel o primeyro deste nome. Nesta Cidade ha o principal trato dos atuns q̃ importa m.to como direy adiante no quarto Livro. E nella tem El Rey e a Raynha seus feytores, por cuja causa

Pinhaõ

causa ha nella m.tos mercadores estrangeyros
Leuantiscos, e de outras partes que trataõ nel-
de pescado, e em outras cousas com q a terra
engrossa cada vez mais. O anno de 1573.
do S.or ElRey D. Sebastiaõ o primeyro deste
nome foy a visitar este Reyno do Algarue,
e por ser a prymeira ves q nelle entraua,
todas as Cidades e Villas determinaraõ
de o festejar, e cada hua por si lhe fazer sole-
ne recebim.to Os (Lacobrigenses, q eraõ os
primeyros (por entrar ElRey pello Cabo
de S. Vicente.) onde foy parmar) se arma-
raõ todos, e com suas enxarauias, e alber-
noses emcima à maneyra de Mouros de pé
e cauallo fizeraõ hum fermoso exercito,
e antes q ElRey entrasse puzeraõ-se todos
em emboscada em certo lugar donde lhe
sahiraõ ao encontro com suas bandeyras
despregadas, e postos em ordem de peleja,
e cercaraõ-no, e prenderaõ-no com grandes
alaridos como os Mouros costumaõ: do q
ElRey mostrou m.to gosto e entrando na ter-
ra

ra, e vendo a grande povoação, e gente bas-
troza e abastada della Cidade, e concedeo-
-lhe alguns privillegios p.ª mais se ennobrecer
de q̃ todos ficarão satisfeytos.
Sobre o nome e sitio desta Cidade tem
lançado os escritores modernos diversos
juizos e pareceres: porq̃ isto trazem comsigo
as cousas desta qualidade, a q̃ os tempos
tem gastada a memoria com seus continuos
successos. Tambem deu a isto grande
occazião as muytas Cidades, e outras povoações
q̃ quasi de hum mesmo nome se
achão nos escritores antigos, q̃ houve em
nossa Lusitania e em toda a Hespanha.
os quais quis aqui pôr p.ª q̃ o leytor veja
quanta rezão tem os modernos que sobre
esta antigualha ainda ao prezente não
cessão antre si de altercar os nomes das
Cidades são os seguintes.
Arcobriga
Arcobrica
Arabriga — Arrabada

Celobriga

Cetobriga,
Conimbriga,
Deobriga,
Flauiobriga,
Gerabriga — Alemquer
Cattagobriga — Gradamiro
Iulio briga,
Lacobriga — Lagos
Lancobriga,
Langobriga — Castello da Feyra,
Laccobriga,
Lacobria,
Medobriga — Almodouar
Mirobriga,
Merobriga,
Mundobrica
Nertobriga
Segobriga — Segouia
Setobriga,
Turobrica,
Talabrica,
Vertobrica,

Cesarobrica,

Cesarobrica.

A cauza que daõ da semelhança de tantos nomes: dizem que he o natural dezejo que os homens tem de despertar e continuar sua memoria, na estimaçaõ dos homens q̃ ao mundo estaõ por vir. Pera isto escrevem, q̃ depois de Hespanha povoada, houve nella hũ Rey q̃ foy o quarto dos primeyros q̃ nella reynaraõ; chamado Brigo, o qual movido por este commum dezejo, edificou m.tas Cidades na mesma Provincia, a que poz por remate de seus nomes o mesmo que elle tinha: antepondolhe alguãs syllabas, ou dicções com que se differençassem huãs das outras; como nas acima ditas parece. E se isto na verdade assim passou, como tem a semelhança; com rezaõ poderemos chamar Briga à nossa provincia Lusitania, como o fizeraõ os Castelhanos pella mesma causa; pois achamos nella m.tas Cidades, e Villas intituladas deste nome: como he esta Lacobriga de que fallamos. Lancobriga no Campo de Ourique, Cetobrica adonde

de agora chamamos Troya, junto de Setuval, Merobriga q̃ dizemos ser Odemira. Mirobriga, que he Marvaõ, mea legua de Portalegre; Arabrica junto da Serra da Arrabida. Conimbriga q̃ foy Condexa a Velha. Mundobriga q̃ dizem ser Montemor o Velho, e com estas, outras m.tas que por serem arruinadas naõ temos ja dellas mais que os nomes, que achamos nos livros dos escritores antigos. Aesta opiniaõ parece contrariar a autoridade de Plinio, e de outros depois delle; o qual diz q̃ Luso, ou Lisa seu companheyro que foraõ depois deste Rey Brigo quatro centos annos ou mais; lhe deraõ este nome Lusitania; mas a isto se pode bem responder que naõ diz Plinio que foraõ estes os primeyros que a povoaraõ; e a ella trouxeraõ moradores.

Enchiridion delos tiempos

Outros escrevem que este nome Briga quer dizer Castello ou povoaçaõ na lingua dos Cantabros q̃ saõ os Biscainhos; q̃ affirmaõ ser a primeyra de nossa Hespanha; e que este nome Briga foy nella geral, e commum a todas as

Floriaõ do Campo Enchiridion delos tiempos Garibay lib. 4. cap. 8. e outros.

povoações

povoações daquelle tempo; e que, o que mais
lhe accrecentavaõ era por se differençarem huãs
das outras, ou por respeyto de seus edificadores que
o tal beneficio lhe fiseraõ, p.ª o que, trazem naõ
poucos exemplos de outras m.tas Provincias,
e naçoens que em suas linguas isto mesmo
fizeraõ: os quaes escuzo relatar aqui por naõ
fazer mais largo processo sobre couza que
naõ importa m.to à nossa escritura. A opi-
niaõ destes a meu ver bem se compadece
com a de cima porque em todas as Provincias
e naçoens do mundo houve quem primeyro
nellas começou a edificar Cidades, e Villas
de que essas mesmas povoaçoens podiaõ to-
mar as caziaõ que nossa Europa tomou do
Rey Brigo, cuja historia nesta parte tem p.ª
comigo m.ta força, pello q' acima fica dito.

Mas tornando à nossa Cidade de Lagos,
donde me deverti, diz Garibay no 6.º L.º de sua Garibai lib. 6. cap. 16.
historia; que Quinto Metello Capitaõ Romano
stando em Hespanha com dignidade Pro-
consular; o anno de 76. antes de nossa reden-
çaõ

çaõ por cerco à Cidade (Lacobriga (q̃ agora
se chama (Lagos, perto de Aluar, ambos lu
gares de Portugal) mandando aos Soldados
Leuar mantim.tos p.a cinco dias; tendo ten
çaõ de a tornar à sede, porq̃ naõ ter (Lacobriga
dentro em si pera se sustentar mais que
hum sô poço de agua nádiuel; e todas as
mais que tinha em seus arrabaldes lha
podia bem tirar. O que sabido por Sertorio
Capitaõ famozo dos (Lusitanos mandou
á dita Cidade dous mil Soldados, com ou
tros tantos Odres de agua; os quais entra
raõ na Cidade sem lhe poder resistir o ex
ercito Romano, mas antes como Metello
mandasse seis mil Soldados a buscar man
timentos a outros lugares do Algarue; os
salteou Sertorio com tres mil Soldados (Lu
sitanos; e os desbaratou, e fez Leuantar o cer
co. Esta historia he tomada de Plutarco;
da Vida de Sertorio na qual diz Garibay (co
mo acima fica dito) que esta Cidade que
agora chamamos (Lagos de que tratamos;

He

He a mesma que antigam.te se chamaua Lacobriga: onde diz Plutarcho que isto aconteceo. Nicolao Coelho em seu Monastichon dos primeiros Reys de Hespanha; fallando del Rey Brigo, diz que a Lacobriga antiga que Pomponio situa no Algarue junto do Cabo de S. Vicente, he já destruida, e naõ ha della senaõ alguãs ruinas de edificios antigos, junto da Cidade de Lagos do Algarue. Diz mais que esta Lacobriga antiga; e outras m.tas Cidades de Hespanha, que saõ semelhantes a esta nos nomes foraõ edeficadas do mesmo Brigo quarto Rey de Hespanha, que foy quatro centos e onze annos depois do diluuio geral. O Autor do Enchiridion delos tiempos esta mesma opiniaõ approua; e diz que tambem este Rey Brigo edificou Medobriga, que elle tem ser Monsemor o Velho. Mas acerca da Cidade Lacobriga de que tratamos naõ se determina qual seja. O Mestre Vasco na sua descripçaõ do Reyno de Portugal escreue que esta Lacobriga estaua edificada

cada, junto de hum Lugar chamado Alaga, que he vizinho da Cidade Silves; onde da que de seus edificios se achaõ inda ruinas; á qual Cidade parece que succedeo Lagos; mais chegada ao Cabo de S. Vicente.

Fr.co de la Hierua

Outros interpretando este nome Lacobriga em Ptolomeu guiados som.te pella semelhança do nome dizem que he Talavera; e outros que Coimbra; naõ advertindo naõ poder ser isto, pois Pomponio a situa no Sacro Promontorio, a que agora chamamos Cabo de S. Vicente, assim mais parecia ser ella nenhuã destas mas a propria Cidade Lagos de que tratamos, de que nenhum delles dá origem; pera o q̃ menaõ faltaõ alguãs rezoens q̃ ao Leytor naõ cuydo pareceraõ mal. Huã das quais he ser Lagos pouca agua dentro em si; e por isso vevem de fora por canos q̃ dissemos acima, que ElRey Dom Manuel acabou: a qual falta sabemos que tinha a antiga Lacobriga; pois escreve

creue Plutarcho que naõ Lacia dentro nella mais de hum so peça; e que a mais que em seus arrabaldes Lacia seattreuia Quinto Metello atha impedir quando por sede a quiz tomar; e Vejpos cerco como acima fica dito. Outra rezaõ, e argumento se toma da Ordem que Pomponio guarda em contar as terras e lugares, porque assim as vay escreuendo primeyras, ou derradeyras como as acha situadas; conforme a Ordem onde começa, ou acaba; como em suas escrituras facilmente se pode ver: e como elle comece a descripçaõ da Costa do Algarue no Sacro Promontorio para Leuante; se Lacobriga estiuera junto da Alagoa, primeyro Lauiera de nomear Portus Annibalis, e a Albufeyra; e depois Lacobriga; porque desta maneyra cuydaramos ser uerdadeyra a opiniaõ destes: Mas como isto se acha pello contrario e Pomponio a nomee primeyro; e a faça mais visinha do Sacro Promontorio que outra terra algũa; e ainda a faça

maritima

maritima: o que não tem a Alagoa; parece que se pode sustentar ser hoje Lagos a mesma Lacobriga. E tambem não faz pouco ao caso, ser m.to bom porto de Mar ao qual se chegão todos os bons edificadores; assim pa escusarem o perigo dos inimigos q a elle acodem como por ser o mar bom visinho aos que se chegão a elle. No Concilio 4. Toledano celebrado em tempo de Sisenando, ou Sisebuto quarto Rey dos Godos, e do Papa Honorio primeyro cuja eleyção foy no anno do S.or 622. em que se ajuntarão settenta Bispos: e se achou prezente S. Isidoro Arcebispo de Sevilha; subscreveo com elles o dito Concilio: Servus Dei Episcopus Lacobrigensis. Este Bispo por nome Servo de

A Deos podemos crer que foy da Cidade Lacobriga, de que tratamos. E posto que depois pellos tempos seu Bispado se mudasse, ou extinguisse (porq o q sobre isto passou não tenho alcançado) pellos m.tos trabalhos q succederão a esta Provincia, não he

de espantar

de espantar porq) isto mesmo temos, que
succedeo à Cidade de Beja cuja Cadeyra se
mudou p.ª Badajoz, e aos Bispados da Cida-
de Britolense dimada, no Campo de Ourique;
e da Arcobricense (tambem da Lusita-
nia) cujos Bispos se acharaõ o sobescre-
ueraõ no mesmo Concilio, e agora dese-
us Bispados nem ainda das mesmas
Cidades onde ellas estauaõ, naõ aclamos
mais que os nomes. Tem Lagos dentro em
si hum mosteyro de Freyras da Ordem de
N. S.ra do Carmo; que em nossos dias se co-
meçou, e està já posto em bons termos,
pella m.ta deuaçaõ da gente da terra; e
hum Mosteyro de Capuchos, e duas gre-
guezias. Desta Cidade de Lagos foy natu-
ral o Bem aVenturado P.e Fr. Gonçalo (cha-
mado de Lagos) Religioso da Ordem dos
Eremitas do P. S. Agostinho, cujo Corpo se
guarda na Villa de Torres Vedras, e he tido
em grande reuerencia, por cujos mereci-
mentos N. S.or tem feyto, e faz hoje em dia

mtos

Os m.tos milagres, que no mesmo Mosteyro des-
ta Ordem saõ guardados, e se acharaõ na his-
toria de sua vida, que com a dos outros san-
tos e Beatos desta ordem e Provincia sedo
sahiraõ a lume com o favor divino. He

Esta he a ordem do Concilio em q̃ sobescreveraõ.

A. de que tratamos, e q̃ foy a este Concilio
com os Bispos de Evora, Viseu, (Lisboa, Porto,
(Lamego, e Idanha todos Bispos Lusitanos
que nelle foraõ, e sobescreveraõ como em
seus escritos parece, e posto que.
He ao prezente Alcayde mor desta Cida-
de Lourenço da Silva filho de Diogo da
Silva, e dista do Cabo de S. Vicente seis
leguas p.a Levante

Aluor.

Alvor.

A Villa que chamamos Alvor presumem alguns ser a mesma a q Pomponio em sua Geografia chama Portus Annibalis por estar na mesma paragem em q elle a situa, q he no maritimo do Sacro Promontorio depois de Lacobriga da banda do Levante. A particular rezaõ deste nome naõ achey quem a desse: possivel he q vindo este Capitaõ de sua patria Carthago por mar a nossa Hespanha; no tempo em que nella trouxe guerra com os Romanos sobre a esforçada Sagunto; desembarcasse neste porto, ou lhe acontesse algum caso pello qual lhe ficasse este nome. Mas se he Alvor a mesma povoaçaõ a q Pomponio chama Portus Annibales, ou outra; eu onaõ ouzo afirmar, fique no bom juizo de cada hum, posto que a mim Lº mº me persuade ser esta, vez que he porto de mar, que concorda com o sitio e nome antigo o que naõ tem outra povoaçaõ pello sertaõ mas dentro de que se mostraõ inda alguãs

Pompon. Mela lib. 3. Cap. 4.

ruinas

ruinas, que alguns sospeytaõ ser o Portus Annibalis antigo. Nesta Villa Aluor falleceo ElRey D. Joaõ o 2.º deste nome, e o decimo tercio antre os Reys de Portugal; a 18. de Outubro de 1495. porque como por causa da enfermidade fosse ao Algarue a os banhos de Moncrique, e sentisse que venaõ apprveytauaõ, passouse a esta Villa Aluor por conselho dos Medicos, onde a poucos dias falleceo como tenho dito. No rio de Aluor entraõ nàos, e nauios carregados te a Villa com prea mar.

Villa noua

Villa noua chamada de Portimaõ a differença de outras que neste Reyno ha deste mesmo nome he pouoaçaõ noua como seu nome nos dà a entender, e sem pellos geografos antigos nenhum dos quaes escreuendo mui particularmente os lugares desta Costa do Algarue fez della algũa

algũa memoria, fazendoa deoutras q̃ em
sua comparação ficão m.to desiguaes.
Tem boa foz, e entrão nella navios decento
ecincoenta, edusentas tuneladas, eSobe
pello Sertão duas legoas te Silves, onde
tem alguns lugares q̃ poreste rio estão,
elhe dão m.ta graça, eproveyto. He Villa
noua povoação grande em seu genero
nobre, edebons edificios pera aterra, ede
m.to trato pera diuersas partes dentro, e
fora do Reyno pello bom porto que tem,
e vay cada dia, em crecim.to. Muytas Ci-
dades ha em Italia, e emoutros Reynos
aque ella faz não pouca auentagem; e
que carecem dasboas partes q̃ nella louuo.
Naentrada dabarra tem hum Castello
chamado Ferragudo, q̃ edificou o Bispo
do Algarue D. Fernando Coutinho, ehũ
mosteyro de Religiosos do Bem aventu-
rado P. S. Francisco chamado Capuchi=
nhos, q̃ dão à villa, q̃ mais dentro està
Graça, emagestade.

Foy

Foy Conde desta Villa D. Martinho de Castello branco filho de D. Gonçalo de Castello branco, o q) rompeo prymeyro a batalha de Castro queimado q̃ El Rey D. Affº 5º desbaratou pollo qual serviço e por outros lhe fez mᶜᵉ desta Villa, e lhe deu bandeyra coadrada. Foy seu escrivaõ da puridade, e Veador da Fazenda, e do Princepe D. Joaõ sendo Rey, e Almotacel mòr Vedor das obras do Reyno, e residuos; Monteyro mòr, e Governador da Caza do Civel. Ficaraõ delle filhos dos quaes o mais velho foy este Dom Martinho de Castello branco a quem El Rey D. Manuel deu titulo de Conde desta Villa noua de Portimaõ, a bandeyra quadrada, e foy tambem Veador da Fazenda del Rey D. Joaõ o 2. e del Rey D. Mᵉˡ e Camareyro mòr do Principe D. Joaõ seu filho, que foy Rey de Portugal o 3.º deste nome. Ao prezente he Senhor desta Villa D. Martinho filho do acima dito D. Francisco. Tera esta villa mil e quinhentos visinhos, e começou-

se aedificar em tempo del Rey D. Affº 4º deste nome por doze homens que aisso se obrigaraõ, o principal dos quais se chamaua Portimaõ donde tomou o nome.

Silues

A Cidade de Silues em que ao prezente està a Cadeyra Bispal de todo o Reyno do Algarue naõ he mtº antiga, o que parece porque nenhum dos Geografos que deste Reyno escreueraõ faz mençaõ della. Naõ deyxando de a fazer de Aluor q̃ naõ està mais longe della, que duas leguas emea. Se Silues tem esta dignidade antes da perda geral de Hespanha, naõ o ouzaria a affirmar por naõ ter achado te o prezente certa noticia disso, mais me parece que podia estar em Estombre pollas rezoens que em seu lugar apontarey. A primeyra memoria, que della acerca disto acho he q̃ El Rey D. Sancho o 1º filho do 1º Rey de Portugal

Na Chronica deste mesmo Rey.

de Portugal D. Affo. Henriques tomou esta Cidade aos Mouros o anno do Sr. 1189. com a ajuda de hua armada de Francezes, e Ingrezes, e Alemaens que hia em Soccorro da terra Santa, e com vento contrario, entrarão na barra de Lisboa, e que o mesmo Rey acabando de a despejar dos Mouros a fez Cidade e pos nella Bispo que tivesse cargo della. A Historia Pontifical diz que este Rey foy D. Sancho Capello mas deo autor della Vênão escorregou a penna por descuydo, enganouse porque neste anno 1189. em que isto passou reynava em Portugal D. Sancho o 1.o acima dito, e não D. Sancho o 2. q a differença do 1. foy chamado de Alcunha Capello o qual tomou o reyno aos 1223. annos do Sr. que são 34. depois q isto aconteceo. Não durou mto. a Silves esta boa sorte, e estado em que dizemos que ElRey D. Sancho o 1. a pos porque estando este mesmo Rey auzente occupado na conquista de outras terras veyo sobre ella

Jacob

Jacob Rey Mouro de Cordova com grande exercito e a tornou a tomar dandose lhe a partido depois de grandes combates, e de naõ poder sofrer o estreyto cerco que nella tinha posto. quasi 70. annos depois desta Cidade ganhada por El Rey D. Sancho, e perdida como fica dito. a tornou a tomar o grande Capitaõ e Mestre D. Payo Correa, Portugues de naçaõ mas entaõ vassallo del Rey de Castella, da maneyra que em seu lugar se dirà. Estando pois esta Cidade sogeyta a Castella com algũas outras terras que este Capitaõ e Mestre D. Payo Correa neste Reyno do Algarue tomara aos Mouros imigos de nossa Fee el Rey D. Aff.º o X. deste nome filho del Rey D. Fernando o q̃ ganhou aos Mouros Cordova e Seuilha querendo ennobrecer esta Cidade e melhorar a Igreja Cathedral della no anno do Senhor 1255. fez esmola ao Bispo della chamado D. Garcia, e ao Cabido por alma de seu seu pay el Rey D. Fernando de todas as Igrejas

está esta doação em [illegible] na Torre do Tombo.

as Igrejas que entaõ havia no Algarve, e ao diante houvesse, reservando p.ª si o padroado dellas, e mais lhe deu os dizimos das bodegas, e de todo o Almoxarifado do Algarve, e lhe confirmou os donadios que antes tinha dado a D. Fr. Roberto Bispo que antes nella fora, com outros bens na mesma provizaõ nomeados. Desta doaçaõ ficamos entendendo, naõ haver m.to tempo q Silves era Bispado pois inda seu Bispo nem o Cabido tinhaõ Igrejas annexas nem os dizimos e outras cousas que nesta provizaõ elRey nouam.te lhe concede. Depois disto no anno 1270. sendo ja o Reyno do Algarve da Coroa de Portugal, elRey D. Aff.º o 3. deste nome querendo reparar, conservar, e dotar com doens a Se desta Cidade a exemplo dos Principes catholicos concedeo ao Veneravel P. Mestre Bartholameu Bispo della e a todos seus successores canonicam.te Leytos o direyto padroado da Igreja de San Tiago de Tavira pera q o encomendas-

Palavras da doaçaõ q está em Lx.ª na Torre do Tombo.

sem

sem em suas Oraçoins aqual See diz omesmo Rey nesta doaçaõ que detempo antigo era m.to rica, famoza eresplandecente. Naquelle tempo que ha agora 306. annos bem podia ser isto, mas aopresente m.to ao contrario vemos tudo assim no serviço, fabrica, eornamento da See, como nos edificios, emoradores dacidade na qual. Cousa q̃ huã vez cae nunca mais se levanta, eamor parte della está ja arruinada; esem gente. Acausa disto dizem alguns ser amaldiçaõ de hum Bispo Innocente q̃ nella foy morto; outros dizem, (oque he mais decrer) ser seu sitio de m.tos annos aesta parte doentio, edemàos ares pello que certos mezes deveraõ, amais dagente que pode se vay viver aoutras terras eassuas quintas, quem astem, demaneyra q̃ naõ aguarda nella senaõ alguã gente damais pobre, ealguns Conegos, eoutros Clerigos p.a serviço da Igreja; esta foy acausa porque, alguns Bispos trabalharaõ mudar aSee esabido p.a Faraõ lugar maritimo esàdio, eas bullas desta mudança foraõ expedidas ea

terra,

eaterra de Villa, feyta Cidade mas naõ houve effeyto porque alguns dos Conegos naturaes da terra e que nella tinhaõ suas casas e fazendas o contrariaraõ, e sobre isso houve enfadam.tos antre elles. Athe que a ste prezente anno de 1577. houve effeyto esta mudança na Semana Santa. Naõ tem Silves dentro em si, nem fora Mosteyro algum de Frades, nem de Freyras q̃ he assas argum.to de sua pouca bondade, nem outra freguesia mais q̃ a Sée. Pollo Rio abayxo edificou (quasi hua milha) o Bispo D. Manoel de Souza hum Mosteyrinho da Capuchinhos do P. S. Francisco; porq̃ outros naõ creo q̃ aguardàraõ a li. Tem hua ribeyra que lhe corre por junto da banda do Sul com hua boa ponte onde com aguas vivas chega a maré que lhe sobe pella barra acima duas leguas. Alguns dizem, e naõ sem rezaõ que a edificaçaõ de Villa noua na boca da barra deste braço de mar foy grande parte da diminuiçaõ desta Cidade à qual se mudou todo o trato e comercio que

aella,

aella vinha, de maneyra que o bem de huã fez mal a outras. O termo de Silves he grande e ha nelle m.ta terra boa pera semear, e pera criaçoens e se faria nella m.to proveyto mas faltalhe agente, e a astucia e trabalho, q̃ à arte e exercicio da agricultura he necessario. Hum sitio de terra chamado contra o mar q̃ tem quasi duas leguas em comprido toda chaã e fructifera, em q̃ os moradores tem suas quintas de figueyraes, olivaes, e vinhas a que chamaõ Lobite, aqual se cahira em mãos de naçaõ Italiana, fizeraõ nella outro paraizo terreal, mas como os Portuguezes naturalmente somos pouco astuciosos e nos contentamos com pouco, quazi tudo ao prezente està perdido, o q̃ lamentando eu dos seus naturaes dizia

Ay de si pobre Lobite
que assi teenches de pamasco
quem tevira noutro tempo
quando tu por huá dauas cento

e parecias

esparecias outro Damasco.
He este Bispado sogeyto nas appellaçoens ao Bispado de Evora. O Alcayde mor de Silves he ao prezente Fernaõ da Silua f.º de Ruy Pereyra da Silua, e neto do Regedor Joaõ da Silua.

A Lagoa

A Villa chamada Alagoa está de Silues huá legua pera Levante pella rota que neste caminho levamos, tera 400 visinhos, tomou o nome de huá grande alagoa de agua empoçada que tinha diante si; a qual leuarou, e enxugou depois por certas abertas q̃ lhe fizeraõ em torno e pello meyo, naõ sem grande industria e gasto, mas tudo bem empregado porq̃ alem de ficar a terra mais sadia lavra-
Vasco se nella m.to paõ, e toda a semente que lhe deytaõ dá em grande abundancia.
Naõ falta quem diga, q̃ junto desta Villa
estava

estaua antigam.te a Cidade de Lacobriga de q̃ Pomponio fes mençaõ no Sacro Promontorio; mas já disto dei algũas rezões quando tratey de Lagos. Naõ longe desta Villa se comeсou em nossos dias hum Mosteyro de N. S.ra do Carmo; o qual vay crecendo com o gosto q̃ lhe faltaraõ os dizimos da alagoa acima dita: a cuja sombra se começou, e os Religiosos delle fazem m.to proveyto a toda a Comarca com seu exemplo, e doutrina.

Albofeyra

Albofeyra he hũa Villa moderna, bem cercada; situada na ribeyra do Mar Oceano; cinco leguas de Lagos contra o Levante; terà ao prezente quinhentos visinhos antes mais que menos. Faz a costa junto della hũa Bahia e o mar hũa pequena entrada; com que a cinge da banda do Levante, mas ja agora lha vay entupindo de area, cada ves mais com suas inquietas ondas. 600.

O mais

O mais della he povoado de Lavradores; e tem m.tas figueyraes; e nella se carrega m.ta mercadoria desta, p.a diversas partes. He ao prezente Alcayde môr della Luis de Azevedo, e agora Diogo de Azevedo seu f.o

Alcantarilha

A Villa chamada Alcantarilha, está legoa e mea de Albufeyra pello caminho q̃ levamos;
300. terà passante de duzentos vizinhos, todos Lavradores de boas terras, e figueyraes que em seu termo tem. Esta Villa se começou a cercar agora em nossos dias, por occazião de huá sahida, que fizerão os Mouros na costa do Mar q̃ perto está; o anno do Senhor 1550. em que a saquearão com alguns lugarinhos que não longe della estão.

Farão

Faraõ

A Cidade de Faraõ he maritima, moderna pellas mesmas rezões que em Villa noua apontamos. Foy a primeyra q elRey de Portugal D. Affonso o 3. tomou aos Mouros, depois q seu sogro elRey D. Affonso de Castella lhe deu este reyno do Algarue. Està bem assentada; e he cercada de bons muros; com seus arrabaldes de fora, e tem boas casas todas pouoadas de mareantes mercadores, e outra gente que viue por sua lauoura: Tem Faraõ bom porto, e seguro a que se entra pella foz do Rio Bias, que està apartada da Cidade quasi hũa legoa em ca, e este rio he da agua salgada, e tem duas bocas; por esta q he a mayor entraõ nauios de 150. 200. toneladas; e pella outra menos principal carauellas e outros bayxeis desta sorte. Està Faraõ affastado de Silues distancia de noue legoas pella costa, e tem m.to e bom peixe, mas de paõ alguãs vezes he falta, por ter pe-

pequeno termo, porem como he porto de mar sem
pre lhe acode de fora quando se sinte falta.
Ha nella duas freguezias, huá de Santa Ma-
ria chamada de Faro, Igreja grande e antiga
onde se determinaua mudar a Matriz de Sil-
ves e como fica dito ja està mudada este an-
no de 1577. na Somana Santa. A outra S.
Pedro q agora fazem os mareantes de nouo, e
uirà a ser hum templo sumptuoso conforme
aos principios que leua. Tem esta Cidade em
si e em seu termo passante de dous mil visi-
nhos, e ha nella gente nobre e caualleyrosa.
Fella el Rey D. Ioaõ o 3.º Cidade, em tempo do
Bispo D. Manoel de Souza, que foy o primeyro,
e que mais força poz na mudança da Igreja
Cathedral pera esta terra. Importa a el Rey
a Alfandega della huns annos por outros dous
30.ttos mil cruzados. Esta Cidade, e a de Silves, jà des-
de o tempo del Rey D. Ioaõ o 2. saõ patrimonio das
Raynhas de Portugal, e sò os dizimos do peixe
meudo, e do sal; e a portagem desta terra lhe im-
porta commummente tres mil cruzados, e às
uezes

uezes mais. Ha nella tres armaçoens de atuns, que tambem saõ das Raynhas, e ellas de sua mão põem os officiaes q̃ senhorizaõ toda esta renda; e com ella respondem a seus tempos ordenados. Pouca distancia fora della tem hum Mosteyro do P. S. Francisco, q̃ fundou Nuno Rodrigues Barretto p.ª Capuchinhos, e nello moraraõ algum tempo. E no anno de 1564. á instancia da deuota Raynha D. Caterina molher del Rey D. Joaõ o 3. trocaraõ com os obseruantes de Villa noua, e semelhorou toda a caza, e cerca como se fora feyta de nouo. Dentro na propria Cidade tem outro Mosteyro de freyras Capuchas da mesma ordem q̃ viuem em grande recolhim.to, e aspereza, o qual teue principio em huas molheres honradas, e velhas, que naquelle mesmo lugar faziaõ vida recolhida á maneyra de beatas; e esta deuota Raynha lhes edificou Mosteyro sumptuozo, e proueu de todo o necessario. D. Affonso irmaõ de D. Fernando o 2. Duque de Bragança foy Conde de Faraõ no tempo q̃ era Villa, e ao prezente he

Alcay-

Alcayde Mor della Ruy Barretto, e tambem o forão seus antepassados.

Loulè.

De Loulè a Evora he 30 leguas, caminho mais direyto pella Serra.

Loulè he Villa grande, e bem assentada; situada no Sertão duas leguas de Farão p.a a parte do Norte. Não he das antigas de que os Geografos fazem memoria, porem he a segunda q̃ el Rey D. Affonso o 3. tomou a os Mouros depois de Farão, neste Reyno do Algarue. Tem grande e bom termo, e por isso he abastada de pam, Vinho, azeyte, carne, figos, e de peixe q̃ lhe vem cada dia de Farão, de maneyra que tem todo o necessario p.a a vida humana; sem o hir buscar fora; o que se acha em poucos Lugares. Ha nella, e em seu termo passante de mil visinhos, e quazi todos são Lauradores, e criadores de m.tos gados porq̃ he terra m.to apparelhada p.a esta grangearia, pella Serra que tem por visinha. Mora nella m.ta gente nobre, e abastada, e que pera qual quer rebates de

de Mouros, que nesta Costa continuaõ m.tas vezes, segreraõ naõ serem os derradeyros. Tem dous Mosteyros de Religiosos, E um delles antigo no cabo da Villa, que foy primeyro da Ordem do P. S. Francisco, e ella o deyxou por certos respeytos, e he agora dos Eremitas do P. S. Agostinho. O outro foy edificado agora de novo algum tanto apartado pera os Capuchinhos do mesmo P. S. Fran.co Foy Conde desta Villa (Toulé D. Henrique de Menezes filho do Conde D. Duarte de Menezes, o que morreo em Africa, em tempo del Rey D. Affonso o quinto, o qual Rey a deu em Condado a este D. Henrique seu filho depois da morte de seu pay. Depois disso ficou (Toulé à Condeça de Marialua sua filha, por cuja morte se tornou à Coroa e foy Conde della o Infante D. Fernando filho del Rey D. Manoel. Ao prezente he Alcayde mór della Gonçallo Nunes Barretto. Duarte.

E foi

Estoi

Estoi de prezente he hum Lugar de pouco mais que cento e cincoenta vizinhos; perto de Farão; hua legua do mar, e donde se elle bem ve; e quatro de Tavira. Nesta Villa ou aldea se achão ruinas, e vestigios, de edeficios antigos, que alguns dizem serem da Ossonoba antiga, que os Geografos situão no Promontorio Cuneo; que he o Cabo de S. Maria. Pera prova disto trazem rezoens bastantes; com que claro mostrão não poder ser Ossonoba Silves, como o disse Olivario nas annotaçoens que fes sobre Pomponio Mela. e com elle Valgrisio nos Ptolomeus de Venezia; nem ainda Estombar como outros querem: pois estes dous Lugares ambos estão m.ᵗᵒ affastados no Sacro Promontorio, e não no Cuneo onde Pomponio e Plinio situão a Ossonoba de que fallamos. Alem disto temos o Itenerario de Antonino o qual de Balsa (que he Tavira) a Ossonoba não poem mais de desaseis millas, que quadrão bem com as quatro leguas que hoje ha neste caminho de Tavira a Estoi, sem

the

lhe minguar cousa alguá; e de Tauira a Silues ha treze grandes, que he m.to creciim.to O sitio e termo de Estoi he m.to fresco, de m.tas fontes, e boas aguas, e de tal disposiçaõ que poderia bem nella estar huá grande povoaçaõ, como foy Ossonoba em seu tempo, o qual pellas memorias que os escritores nos deixaraõ achamos que de cinco Cidades, ou Lugares que neste Reyno do Algarve hauia, que eraõ Estrum, Balsa, Ossonoba, Portus Annibalis, e Cacobriga. Ossonoba era a mais nobre, e antiga de todas ellas. Mas como o tempo tem por costume gastar todas as cousas, e pollas em esquecimento, tambem gastou a Ossonoba daqual dis Razis Mouro, e Chronista do Rey Almançor de Cordoua que em seu tempo inda era grande e populoza, e podemos dizer q' della nos naõ ficou mais que a Ossada, e o nome que ainda dura p.a sua memoria. Ha ainda della huá Torre, e huns aqueductos, mas ja arruinados e habtados donde foy a Cidade, quanto hum tiro de besta da banda

banda do Leste ou meyo dia, pellos quais vi-
nha agua a Ossonoba de duas fontes por hum
cano chamado Alface. Achaõse assi mesmo
edificios que serviaõ de banhos; e todas as
cazas deste lugar Estoi, estaõ edificadas
sobre fundamentos, e alicerses velhos se-
gundo affirmaõ os antigos, e se servem in-
da os moradores da agua que pello cano cor-
re, como faziaõ antigamente. Foy esta
Cidade Ossonoba hum dos mais antigos
Bispados da Lusitania, e ainda de toda
Europa porque seu Bispo por nome Vincen-
tio se achou prezente, e sobscreveo no Concilio
Eliberitano da Provincia Betica, ou Anda-
lusia, que se celebrou em tempo do Papa S.
Silvestre, e do grande Emperador Constanti-
no, cuja May S. Illena, com seu neto Cons-
O Bispo de Girona. tantino dizem alguns q̃ se achou prezente.
E esta claro ser este o primeyro Concilio da
nossa Hespanha, e que concorreo com o gran-
de, e geral Nisseno, segundo de seus escritos
parece. Tambem na repartição que este mes-
mo

mo Emperador Constantino fez dos Bispados de Hespanha, que foy inda antes deste Concilio, ficou este de Ossonoba sogeyto ao Bispado de Merida, que naquelle tempo era cabeça da Lusitania, e com elle o de Beja, Lisboa, Coimbra, Lamego, Evora, e outros de que ja senaõ pode dar rezaõ pellas mudanças que nelles depois houve. Este Bispado de Ossonoba dizem alguns escritores que se mudou p.ª Silves, mas que rezaõ pera esta mudança houve, nem o tempo em q̃ se fez, nenhum athe o prezente achey q̃ nisto fallasse. O que eu agora aqui farey, por me cahir mais em obrigaçaõ nesta escritura. Pera o q̃ he de notar que esta Cidade Ossonova e seu Bispado permaneceo em sua dignidade desdo tempo do Emperador Constantino, em q̃ começou se a geral perdiçaõ de Hespanha em que passaraõ mais de quatrocentos annos, e nella se perdeo com os mais que nesta Provincia havia. Parece claro isto pello Concilio Oitavo Toledano celebrado em tempo

Resende.

do de[...]

do deuoto Ressisundo 29. Rey dos Godos, acerca dos Annos settecentos do Senhor pouco antes desta lastimosa destruiçaõ, no qual Concilio se achou prezente, e sobescreueo Saturnino Bispo de Ossobona. De maneyra que com verdade podemos dizer que este Bispado e tambem a mesma Cidade se destruio, e se perdeo nesta tormenta detaõ largos annos, que os Mouros possuiraõ quasi toda Hespanha de que a pior parte coube a este Reyno do Algarue por estar delles mais visinho, e nelle terem os Mouros a escala de toda a Africa donde ueyo esta peste à nossa Hespanha. Isto mesmo podemos dizer da Cidade Britolense que Ptolomeu situa no Campo de Ourique, e da Aleobriga Lusitania cujos Bispos se acharaõ prezentes e sobescreueraõ neste mesmo Concilio, e agora nem de seus Bispados, nem das mesmas Cidades, nem de seus sitios temos particular noticia.

Tauira

Tavira.

A Cidade de Tavira (sem alguã duvida) he ao prezente, e foy sempre a principal de todo o Reyno do Algarve, naõ so na grandeza, da povoaçaõ e dotes que a natureza repartio com o solo de seu sitio mas tambem na nobreza dos moradores della, que saõ as tres excellencias que fazem huã terra nobre, e que com rezaõ se podi gloriar dellas. He Tavira Cidade maritima m.to bem assentada e situada pellos Geografos no Promontorio Cuneo a que agora chamamos o Cabo de S. Maria, e a primeyra de que fazem mençaõ os que a descripçaõ desta Costa do Algarve começaõ do rio Goadiana como foraõ Pomponio Mela, e Ptolomeu. Foy chamada esta Cidade dos Geografos antigos Balsa e agora seu nome he Tavira, ou Tavilla, e a rezaõ desta mudança dizem alguns dos moradores ser o acontecimento seguinte.

Como o Mestre de Santiago D. Payo Correa passasse por esta Cidade, o mesmo dia que

que aganhou aos Mouros estando com elles em treguas, e fosse soccorrer aos sette Cavalleyros que andavaõ a caçar e os achasse ja mortos (segundo em seu lugar se dirá) foy movido a grande ira, e disse à gente que comsigo levava Ta-vira, ou Ta-a Villa como quem diz Tà naõ vades mais adiante, mas voltay atraz e tornemos dar na Villa que atraz nos fica: e tomemos vingança da injuria q̃ estes Mouros a nossos Cavalleyros, e a nòs fizeraõ. Poucas terras ha em que naõ haja huá patranha semelhante, como a de nossa Lisboa, (porque naõ avamos catar mais longe) de cujo nome querendo hum dar razaõ disse que Lix fora hum homem, e q̃ Boa era sua filha. De Evora outros tambem movidos por duas cabeças huá de homem, e outra de molher, que esta Cidade traz por armas aos pès de hum Cavalleyro armado, dizem q̃ he Evora e Evorinho, naõ sabendo que significaõ estas cabeças

A Chronica del Rey Dom Affonso o sabio.

Refere Resende na sua Evora cap. 14.

çaõ

ças as do Mouro, e de Sua filha q̃ estavaõ por-
atalayas na Torre quando Giraldo sem pavor
sobio a ellas, e lhas cortou; e tomou esta Cidade
e a entregou a el Rey D. Affonso Henriques.
E posto que isto assim seja naõ se pode deixar
de crer q̃ alguã occaziaõ havia de haver p.ª hũa
villa, ou Cidade perder seu antigo nome, e tomar
outro taõ despropositado como he o de Tavira que
succedeo ao de Balsa pois sabemos bem, que
nenhũ quizeraõ os Mouros no tempo que este
Reyno possuiraõ, nem he de sua lingua; nem
se corrompeo de hum sem outro; Como foy o de
Cetobrica, em Setuval, e o de Eburobritium, em
Bombarral; e o de Merobriga, em Odemira,
e vemos em nosso mesmo Reyno, haverem
acontecido semelhantes mudanças em alguns
Lugares como a Scalabis que por viver porno-
va hospeda, ou moradora a gloriosa Virgem
S. Eiria natural de Tomar perdeo seu pri-
meyro nome e agora lhe chamamos Santarem.
La Conimbriga antiga q̃ por mudar a outra par-
te sua povoaçaõ, e deixar aq̃ antes era, lhe cha-
mamos

marmos hoje Condexa, edesta mesma maneyra podermos ter que acontecesse a esta Cidade, Tavira em quanto naõ achamos outra rezaõ di sua mudança mais sufficiente que as acima ditas; pois pareceo a outro q̃ bastava p.ª perder o nome a antiga e famosa Carthago pella ver destruida, e espantandose dizer: Tu ne es? e daqui Ve ficar este que agora tem.
Os vizinhos que Tavira pode ter em si, e em seu termo, seraõ tres mil pouco mais ou menos; e foy toda cercada de bons muros ao modo antigo; mas ja em alguas partes estaõ arruinados, e occupados com casas da banda de dentro, e tambem dos arrabaldes, que depois os moradores fizeraõ, o que naõ se devia permittir ao menos em Cidades, e outras terras maritimas e fronteyras aos inimigos como he Tavira. Todos a hũa nos dizem que foy ja muyto mais nobre e populoza, e quem a vir assim o julgará porque sem duvida a terceyra parte della está arruinada e sem moradores, e a mais barata mercadoria, e que

eque mais presto nella se acha saõ cazas ao menos senaõ estaõ na praça, ou nos Lugares mais frequentados de povo. Muytas cauzas apontaõ os moradores deste menos Cabo, e diminuiçaõ, e huns dizem que foy deixar el-Rey D. Ioaõ o 3. os Lugares que os Portuguezes tiniaõ ganhado, e possuiaõ em Africa; porque como Tauira era a principal terra do Algarue, ella seruia de escala a todos elles, e com a continuaçaõ dos passageyros e das mercadorias que della vinhaõ, que era m.to mel, cera, Courama, pescado seco, tamara, Cauallos, e gado, e com outras que em retorno do mesmo Reyno hiaõ engrossaua a terra m.to Outros dizem q̃ tambem deu causa a isto, mudaremse m.tos mercadores, e outros homens ricos da mesma Cidade p.a Seuilha, e mais lugares maritimos de Castella pellos m.tos ganhos q̃ sentiaõ nos tratos das Indias do mesmo Reyno, cujo Rey naõ consinte hir tratar a ellas os estrangeyros; mas som.te seus naturaes, ou ao menos moradores de suas terras.

Arzila
Azamor.

Eu

Eu que alguns annos nesta Cidade fuy morador, alcancey outra q̃ nos faz pouco ao cazo q̃ nos callarey, e he a pouca humanidade em m.tas vexaçoens q̃ se fazem aos estrangeyros q̃ de outros Reynos a ella por mar vem com suas mercadorias, pellos q̃ tem arrendadas as Alfandegas, e outros direytos de maneyra q̃ os que isto hũa ves experimentaõ vaõ escandalizados e jurando de lhe naõ tornar a entrar mais pella barra dentro. O contrario disto sabemos q̃ se faz em Ayamonte primeyro lugar de Castella seis legoas a fastado p.a Levante onde o Duque Senhor da terra franquea alguãs mercadorias, e noutras fauorece aos que as trazem, e desta maneyra os estrangeyros acodem mais a seu porto, e a Villa de pouco tempo a esta parte vemos hir em grande crecim.to ao contrario da nossa Tauira. Està diuidida esta Cidade em duas partes como Roma e Seuilha e passa lhe hum braço de mar pello meyo, hũa legua adiante o qual

lhe lã

Ueda m.ta graça, e frescura, e tem sua ponte poronde os moradores se communicaõ sem enfadam.to Na boca ou barra deste rio q está affastada da Cidade quasi hua legua faz ao prezente ElRey D. Sebastiaõ hua torre e fortaleza, com que as nãos grossas q estiuerem da barra p.a dentro, ou a ella se accolherem ficaraõ mais seguros e os imigos menos ousados do que soliaõ de accometerem qual quer insulto. Desta barra à de Faraõ acima dita ha quatro leguas p.a a banda do poente, e de hua á outra corre hum braço de mar por dentro de terra quanto hum tiro de espingarda, e ás uezes mais e menos ao q os de Tauira chamaõ rio de S. Luzia, por cauza de hua ermida q junto delle está o qual a natureza poz por muro, e amparo dos imigos, as terras q a este espaço estaõ porq naõ ser nauegauel em m.tas partes senaõ com barcas, e outros baixeis desta sorte; Ha continuam.te pescadores neste rio, e tomase nelle todo genero de peixe e de marisco, e tudo taõ auantejado na bondade, e sabor que facil-

facilmᵗᵉ Seconhece. O anno de 1573. Se descobrio nesta Costa defronte da Cidade duas Leguas ao mar tanta somma de Ostras todas juntas pegadas humas nas outras q̃ diziaõ os pescadores q̃ faziaõ vulto de huã grande Serra. Os primeyros q̃ acomeçaraõ a pescar foraõ castelhanos com huns ancinhos grandes de ferro aq̃ chamauaõ rastros, e huns grandes penedos emcima delles com huã rede de Cordas detraz, e tudo isto leuauaõ à Vela por cordas huã barca remando com grande força de maneyra q̃ todas as ostras q̃ o ancinho com seus dentes leuantaua apanhaua a rede q̃ detraz hia. Amanheceraõ hum dia neste lugar passante de vinte barcos Castelhanos todos a pescar com estes engenhos. o q̃ visto pellos da gouernança da Cidade mandaraõ a elles o bargantim da Vigia q̃ sempre anda armado, e tomaraõ lhe as vellas e mais as Ostras porq̃ se attreueraõ a pescar naquella paragem sem licença, e por isto q̃ dauaõ lhe ^de conuerto^ boa somma de dinheyro por os deyxarem pescar. e se obrigauaõ trazer à Cidade cada

da dia, huã barca de Ostras a vender por bom
preço nas lhe aceytaras por reclamarem os
pescadores da terra, dizendo; que este ganho
pertencia a elles, valia o milheyro dellas vin-
te reales de prata que saõ pouco mais de sette
tostoês, e em Castella dobrado, e eraõ taõ gran-
des e fermosas como quantas os homens viras.
Durou esta pescaria pouco mais de hum an-
no, e fazias os pescadores tanto proveyto nellas
(posto que as mais hiaõ p.ª Castella) que nos
havia quem fosse ao mar pescar outro peixe,
mas sobre vindo huãs tormentas movesse a
area com a força da ondas e tornou a cobrir es-
ta mina, e naõ se pescaraõ mais como soliaõ.
Disto naõ pezou a m.tos do povo, e diziaõ que fora
castigo de Deos pera os pescadores os quaes o fa-
ziaõ taõ mal com a Cidade que morrendo as
Ostras junto della naõ havia quem pudesse
alcançar hum cento, e pera Castella hiaõ cada
dia barcadas dellas. E desta maneyra fazem
tambem ao pescado, porq m.tas vezes se acconteu
que em Ayamonte està o nosso peixe às moscas

(como

(como dizem) e em Tavira naõ se pode achar
huã venda delle por valer la sempre mais
caro, e lho pagarem em reales que elles estimaõ
mais q͂ os nossos pataccens. Mas tornandome
à Cidade digo q͂ teve dentro de si duas fre-
guezias, e cinco derramadas pello termo, e
dous Mosteyros de Religiozos, e hum de Freyras,
e huã boa Caza da Misericordia, e hum Hospi-
600. tal com mais de quinhentos mil reis de renda,
as quaes cazas ambas os moradores fizeraõ à
sua custa. A principal freguezia chamase
S. Maria, e he da Ordem de Santiago como o saõ
quazi todas as deste Reyno; A outra he da invo-
caçaõ do Apostolo S. Tiago, a qual el Rey de Portu-
gal D. Affonso 3. deu ao Bispo e Cabido como
ja assima disse fallando em Silves. O mais
antigo Mosteyro he dos Observantes do P.e S.
Francisco, e posto q͂ seu edificio he da tempora
velha, (como se diz) de poucos annos a esta par-
te se vay melhorando nas officinas. Està bem
situado, tem boa Cerca, e nella m.ta agua.
O segundo Mosteyro na Ordem do tempo he

de Freyras

de freyras de S. Bernardo. Começou-o a edificar el Rey D. Manuel, e depois o acabou o Bispo do Algarue D. Fernando Coutinho, e lhe dotou cincoenta mil reis de juro, e outros 52.
alguns foros na terra pera sua mantença. O terceyro Mosteyro he de Religiosos Eremitas do P. S. Agostinho, o qual deu mo tiuo ezercicio no anno de 1542. E hum Religioso da mesma ordem por nome Fr. Pedro de Villa viçosa o qual ja antes disto tinha começado outro em Azamor, e como el Rey D. Joaõ o 3. neste tempo deixasse os Lugares q̃ este Reyno possuia em Africa; foy lhe forçado deyxar elle tambem o que tinha começado. E passando a esta Cidade Tavira, que entaõ ainda estaua prospera (como tenho dito) fez seu assento na Judaria, que estaua junto dum poço, q̃ inda está dentro na Cerca do mesmo Mosteyro; e da Esnoga fez Igreja, a que poz por inuocaçaõ de N. S.ra da Graça; e alcançou pera ella m.tos poderes de Roma; e ajuntou logo comsigo alguns

guns Religiosos de sua ordem; com quem viuia pobremente; pedindo pollas portas dos fieis, mas tendo m.to cuydado que na caza naõ faltassem sermoens, Confissoens p.a o pouo, e todo o outro genero de consolaçaõ que nos mosteyros bem ordenados costumaõ achar os que a elles vaõ. Neste lugar e desta maneyra viueraõ m.tos annos, sem começar nouo edificio, porq̃ acerca do sitio hauia diuersos pareceres, te o anno de 1568. em q̃ a ordem me mandou a esta terra pera q̃ tomado sobre o caso, maduro Conselho se determinasse o que mais conuinha. E assim com a ajuda e fauor diuino se começou a obra como hora vay o anno seguinte de 69. na qual assisti quatro annos com os trabalhos que as obras de tal qualidade trazem comsigo, mas naõ sem algum gosto de me pareceer q̃ por tempo poderia vir a ser hum dos bons Conuentos da Prouincia.

El Rey D. Manoel o primeyro fez a Tauira Cidade, posto que ella neste foro esteue

nos-

nos tempos antigos como consta dos Autores que della escreueraõ mas por estar so quatro leguas de Ossonoba de que acima tratey q̃ era Bispado, o naõ foy ella tambem; naõ vê faltando partes p.ª isso, como outra qualquer; e averaõ porque naõ se fez depois da perda de Hespanha, creo ser por elRey D. Sancho Capello ganhar primeyro dos Mouros a Silves, e a querer logo ennobrecer com esta dignidade da qual a naõ quiz priuar elRey de Castella D. Affonso quando a segunda ves a tornou a tomar. Rende sua Alfandega e Siza a elRey dez mil cruzados huñs annos por outros. E o Marq. de Villa-real tem nella a renda da portagem da terra, e do mar, e os quintos do pescado q̃ morre na Costa, e o dizimo do que morre no alto. De tudo isto fez m.ce elRey D. Affonso o 5.º a D. Pedro de Menezes Conde de Viana o primeyro Marq. e Instituidor da Caza de Villa-real pera elle, e seus successores pellos seruiços q̃ lhe fes em Africa onde foy o primeyro

Capitaõ

Capitão da Cidade Ceita, situada na garganta do Freto Herculeo, a que agora chamamos Estreyto de Gibaltar. O termo de Tavira, que cae no longo da Costa julgado por homens desafeiçoados, e que o entendem he o mais allegre, fresco, e proveytoso de todo o Reyno, que a não lhe faltar pão pudera competir com o melhor da nossa Hespanha. Todo está povoado de quintas, cheo de hortas, e prantado de figueyras, amendoeyras, romeyras, oliveyras, e outro arvoredo de toda a sorte. De maneyra que quem olha na primavera representa hũa bella vista, e não ha ramalhete de diversas flores, e ervas cheyrosas, nem panno de armar por fresco que seja a que se não possa bem comparar.

Justiças

Os julgadores que hũa vez a ella vão, e os feytores que por algũ respeyto fazem nella detença, todos a hũa voz lhe dão este mesmo louvor, e a não deixarião se lhe fosse possivel, e tem-se por refrão entre elles verdadeyro, que quem hũa vez morou em Tavira sempre por ella suspira. E esta a meu ver se pode dar por boa rezão, porque Tavira he povoada de toda,

ou da mais

ou da mais fidalguia do Reyno, e nella se acham pessoas de todas as geraçoens nobres de Portugal porque como da Conquista dos Lugares de Africa, em que os Reys trabalharam m.to tempo. esta fosse a escala onde todos acodiam achandosse os homens nella favorecidos da natureza, fizeram nella seu assento. Ha nella Melos, Cunhas, Corte reaes, Paçanhas, Barretos, Pantojas, Correas, Jchoas, Viegas, e outra m.ta gente nobre que nella mora, e que està derramada por suas quintas e fazendas. Todos estes nam menos que os q̃ estam em Africa vivem sempre com o olho sobre o hombro, e recatados dos imigos q̃ m.tas vezes fazem saìdas nesta Costa, a qual elles nouera vigiam de dia, e de noyte com o pe na estribeyra e lança em punho (como dizem) sem por isto terem salario, ou premio algum mais q̃ a honra de defender sua patria porq̃ se prezam pouco dericos, e m.to de bons Cavalleyros. E como isto assim seja, nam pouca obrigaçam tem o Rey de os favorecer a todos com honras e merces

pois

pois elles vigiaõ porque nòs durmamos.
Elles trabalhaõ porque nòs descancemos,
e nos servem de muro e fortaleza, a cuja
sombra o Reyno se tem por seguro. E quando
cà nos chega a noua do rebate ja elles la tem
todo o seu cabedal metido a terreyro. El Rey
D. Manoel deu a Alcaydaria mor desta Ci-
dade a Vasqueannes Cortereal, e delle ficou
a seu filho Bernardo Cortereal, cuja filha
e herdeyra cazou com Martim Correa da
Silua, que agora he Alcayde mòr della.
O derradeyro de Janeyro de 1573. entrou
a primeyra vez nesta Cidade El Rey D. Se
bastiaõ, e sahiraõ-no a receber os moradores,
os mais custozos que puderaõ a N. S.ra da Luz
huà legua da Cidade com oito bandeyras da
ordenança de pè, e de Cauallo, e os Capitaens
lhe beijaraõ a maõ na porta que chamaõ de
Mal foro, por onde entrou. Tinhaõ feyto hum
arco triunfante, e junto delle hum theatro
donde lhe fez a falla Antonio Mimoso
Prior que era da Igreja de Santa Maria,
a qual

aqual ouuio comattençaõ. fez esmola ao Mos-
teyro de S. Francisco de cem cruzados; e ao de
N. Sra. da Graça duzentos, pera as obras dos di-
tos Mosteyros. mandou soltar todos os prezos
que nas tinhas partes, e tomou alguns fi-
lhos de fidalgos no mesmo foro de seus paes,
e outros de menos estofa, por mossos da Cama-
ra. E que todo o mercador que pagasse quaren-
ta mil reis de direytos, tiuesse menagem, e a
toda a Cidade concedeo os priuilegios de Mon-
temor. E depois de estar na terra tres dias, par-
tio pella posta a Crasto-marim de que a-
diante farey mençaõ.

Cacella

A villa de Cacella he maritima, e està duas
Leguas de Tauira, pella costa contra Leuante,
foy ja esta Villa em outro tempo m.to mayor
do que agora he como parece pellas ruinas,
e alicerses velhos q̃ em torno della estaõ, e
tambem porq̃ o Mestre de Santiago D. Payo
Correa deu em troco por ella aos Mouros dous

Lugares

Lugares, a saber; Alvor, e Estombre como em
seus Lugares parecerá. Tem boa fortaleza
num tezo sobranceyrã ao mar, e nella co-
meça hũa fermoza Bahia q̃ se estende por
espaço de quatro Leguas pella Costa contra
Levante te dar na foz do rio Guadiana,
na qual há continuam.te m.tos pescadores com
suas cabanas onde chamaõ Monte gordo, e
se toma nella m.to pescado, mas quasi todo
elle se come em Castella, por estar vizinha,
e nella sempre valer mais. O termo de Ca-
cella tem boas terras de paõ, figo, e criaçoens
e por elle està derramada quasi toda a gente
da Villa em suas quintas, e fazendas, mas
naõ m.to segura, nos imigos q̃ nouveraõ poucas
vezes faltaõ nesta Costa.

ElRey D. Affonso o 3. fez doaçaõ p.a
sempre com parecer e consentim.to dos Princi-
pais do Reyno de Castello e V.a de Cacella pella
saude de sua alma, e de seus descendentes ao Mestre
de Santiago D. Payo Pires Correa, e a toda a Or-
dem cuja prezente he

Arenilha

Arenilha

S. Antonio de Arenilha he huá villeta peque-
na situada na foz de Guadiana na volta q
a costa faz da banda de Portugal p.ª o Norte don-
de lhe entra este rio. Nem ella nem seu termo
tem de q lhe façamos mais larga memoria nes-
ta escritura. He S. della ao prezente Luis Ley-
te filho de Antonio Leyte Capitaõ q foy em Ma-
zagaõ e depois em Azamor antes q elRey D.
Ioaõ 3.º deixasse os Lugares de Africa, e este
Lugar lhe deraõ em recompensa delles ou emcazam.to
com a primeyra molher chamada D. Catheri-
na, segundo alguns dizem.

Crasto-Marim.

A Villa de Castro Marim he maritima, e huá
das antiguas deste reyno do Algarue faz me-
moria della Antonino em seu Itinerario, e
chamalhe Estrum como se lê na melhor im-
pressaõ destes liuros q he a de Pariz, e proua se
ser este lugar Estrum Crasto-Marim, e naõ
Xarez como alguns sem rezaõ ou fundamento

interpretaçaõ, pello sitio onde está pello conto das milhas e leguas, e pello nome q̃ ainda retem em parte, que saõ os mais certos argumentos que nesta materia de sua terra podemos ter. No mesmo Antonino está bem entendido tudo isto, mas a falta da consideraçaõ e pouco discurso q̃ alguns escritores tem acerca dos lugares lhes faz m.^tas^ vezes errar na computaçaõ delles, e dizerem huã couza por outra; como nesta Villa veremos p.^a^ cuja declaraçaõ digo q̃ Antonino em seu Itinerario faz dous caminhos deste lugar Esuri ou por melhor dizer Estrum te outro a q̃ elle chama Pax Julia hu' delles per compendio, q̃ he peratalho como diremos; e outro por rodeo como elle sempre costuma. No primeyro poem settenta e seis milhas desta maneyra. De Estrum

Vide Itinerariũ Antonini pag. 96. et 97. editionis Coloniensis et ejus notas pg. 574 et seqq. et 582.

a Mirtilis quarenta milhas q̃ concordaõ bem com as dez leguas que ha hoje de Castro Marim a Mertola; e de Mirtilis a Pax Julia, poem trinta e seis q̃ vem a fazer sem

alguñas

alguã falta as noue Legoas q̃ ha de Mertola a Beja, e quatro millas por legua, como sempre elle conta. No outro caminho por rodeo poem de Esturi a Balsa vinte e quatro millas q̃ saõ as seis Leguas q̃ ha de Castro Marim a Tauira, e de Balsa a Ossonoba poem dezaseis millas q̃ caem bem com as quatro Leguas q̃ ha de Tauira a Estoi q̃ dizemos ser a Ossonoba antiga. E dahi prosegue a sua rota te dar em Pax Julia, donde ficamos entendendo naõ poder ser outro Lugar Esturum senaõ o nosso Crasto Marim como tenho dito sem o irmos buscar a Castella onde os Giografos o naõ sitiaõ. E quanto ao nome mudarse de Estur em Crasto q̃ naõ differe m.to, naõ o tenho por difficultoso, considerando as m.tas mudanças q̃ o tempo tem feyto em nossa Hespanha naõ sô nos nomes, mas ainda nos mesmos Lugares como q̃ ja agora naõ atinamos. Está Crasto Marim edificado na cabeça de hũ monte alto, de todas as partes cercado de mar, senaõ do poente, e seu sitio he bem accommoda-

do

do ao lugar donde esta q̃ he fronteria de Castella onde tem por compettidora huã grande Villa, mas espalhada, chamada Ayamonte, naõ se mettendo antre ambas ellas mais logo espraya o Rio Guadiana em sua barra q̃ pode ser pouco mais ou menos de huã legua. He o mais desta Villa cercado com boa fortaleza, e seu arrabalde, e tudo junto reprezenta magestade aos q̃ a vem de longe pello lugar alteroso em q̃ esta posta, com q̃ mostra seus edificios, tudo o qual bem considerado parece q̃ favorecido da propria natureza esta ameaçando naõ so à sua vizinha Ayamonte; mas a toda Castella. El Rey D. Diniz vendo nella estas partes renovou seus antigos edificios, e a fez Convento Cabeça do Mestrado, e Ordem dos Cavalleyros de Christo q̃ elle novam.te instituio nestes Reynos, e lhe applicou por authoridade do Papa Clemente quinto as rendas q̃ os Templarios antigos tinhaõ em Portugal, cujas religiozas estes eraõ. Depois disto alguns annos se mudou este Convento p.a a antigua Villa de Thomar q̃ antes

Ne anno de J. C. 1320.

fora

fora da Ordem dos mesmos Templarios, e he hoje hum dos Celebres conventos de toda a Christandade assim em renda, como em toda a virtude e Religiaõ. Tem Castro Marim m.tas marinhas de Sal, m.to peixe, em seu termo m.tas carnes, em m.ta caça em seus montados, mas como tem taõ perto de si castella onde estes mantim.tos sempre valem mais caro; ella lhe come tudo. He Alcayde mór della ao prezente D. Luis de Attayde.

Azinhal.

Azinhal he hum Lugarinho de trinta visinhos pouco mais de huã Legua de Crasto Marim, cujo termo he, pello rio Guadiana acima da bande de Portugal.

Ado Leyte a mayor he huã aldea q̃ terá cem vizinhos, está antre Crasto Marim, e Alcoutim tres Leguas duã Villa e da outra, algum tanto metida pello certaõ.

Ado Leyte a menor he huã aldea de vinte visinhos: está junto donde a ribeyra do mesmo nome se mete em Guadiana, tres Leguas abaixo de Alcoutim.

Alcoutim

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Alcoutim

Alcoutim he huã Villa situada na ribeyra de
Guadiana seis leguas dabarra pello rio acima
p.ª o Norte. He pequena na povoação mas fica
no sitio porque goza do mesmo rio q̃ lhe bate
nas portas. e de m.to arvoredo, e fruta de q̃ as ou-
relas deste rio estão acompanhadas assim da
banda de Portugal como de Castella com q̃ faz
sua navegação não pouco deleytosa em especial
nos mezes de verão, e primavera. Tem Alcoutim
m.tas criações de gados, e caças de toda a sorte,
porq̃ seu termo he grande e está no melhor das ser-
ras do Algarve por onde lhe correm as ribeyras
do Feyte, e Vascão, e vão despejar as suas aguas
em Guadiana, q̃ as leva comsigo ao mar.
Esta Villa he da Caza de Villa real por respey-
to de D. Maria Freyre filha e herdeyra de João
Freyre S.or de Alcoutim a qual cazou com D. Fernan-
do de Menezes segundo Marq. de Villa-real.
El Rey D. Manoel estando em Muja depois de
fazer Conde de Alcoutim este D. Fernando aci-
ma dito q̃ foy filho de D. Pedro 1.º Marq. de
Villa-

de Villa-real. lhe fez graça emerce deste condado
etitulo dejuro, demaneyra q os filhos legitimos
mais velhos do Marq. de Villa-real seintitulassem
Condes di Alcoutim, por esta ordem efoy depois D.
Pedro filho desse D. Fernando, e D. Miguel filho
deste D. Pedro, e D. Manoel de Menezes irmão
deste D. Miguel q por sua morte he agora Mar-
quez de Villa-real, e Conde de Alcoutim.

Nesta Villa Alcoutim e seu termo, q parte
com o de Mertola, se acaba o Reyno do Algarue da
banda do Leuante, ecomeça a Prouincia dan-
tre Tejo, e Guadiana. E aqui faz volta ao Poente
porentre as serras do mesmo Algarue, e o Campo
de Ourique, de se hir ametter no mar Occeano jun-
to de Odemira, e de seu rio; Nesta paragem q
he o Certão deste Reyno ha m.tas Villas, e outros luga-
res, mas alguns não de m.ta importancia por causa
da terra ser montuosa, e falta de aguas no estio,
etambem de pão q he o q da alento e forças a
os lauradores, e outros homens p.a se ajuntarem e fa
zerem grandes pouoaçoens. Ha porem m.tos fatos
de gado de toda a sorte q pastão por toda ella,

eseria

e secias em suas ribeyras, os quaes dão não pouco refrigerio aos caminhantes com sua vista, (leyte, queijo, se he tempo delle, e como isto assim seja, não gastarey tempo em fazer tão particular memoria dellas como fiz das do maritimo, (onde jaz o principal do Algarue) mas passarey com as nomear pella ordem em que ellas estão situadas; quanto me for possiuel, como o fizerão os Geografos antigos, que com só isto se contentarão inda nas principaes de todo elle.

A Aldea de Martim Longo, he o primeyro lugar que se offerece, nesta volta que fazemos pello certão do Leuante pera poente, he lugar grande, e abastado porque tem boas terras de pão, e de criações. He termo da Villa de Alcoutim, noue legoas della pella serra dentro. Hauera nella como quatro centos vizinhos, m.tos delles homens ricos pera a terra; e que acodem a qual quer rebate de Mouros, não com menos concerto, que os que morão na cidade.

Val do Cego he hum lugarete de quarenta vizinhos

zinhos, termo de Alcoutim.

O Fereyro he huã aldea, de trinta vizinhos ter-
mo de Alcoutim.

Aldea dos Guioens tera cincoenta visinhos,
he termo de Alcoutim.

Moncarapacho he hum lugar pequeno duas
leguas de Tavira, cujo termo he. Mas tudo ao
deredor de si tem povoado de quintas q̃ mq̃
continuam.te mora m.ta gente fidalga, e outros
homens honrados q̃ vivem por suas fazendas.
He terra abastada porq̃ nella se colhe o prin-
cipal figo, e azeyte de todo o Algarve. Tem huã
Igreja grande e boa provida de todo o necessa-
rio, e fazem-se os Officios Divinos nella com tan-
ta perfeyçaõ como dentro em Tavira. Tem tam-
bem caza de Misericordia, e he toda gente lustro-
za, e de opiniaõ, e q̃ dos rebiques dos Mouros que
pello veraõ m.tas vezes nestas partes ha naõ saõ os
deradeyros que accodem.

A fonte do Bispo he hum lugar de cento e cincoenta
vizinhos duas leguas de Tavira pello caminho
de Loulé he terra fresca de boas aguas, e toda

povoada

pouoada de quintas com mtas figueyras, amendoaes, Vinhas, eterras depaõ q̃ afazem alegre, edbastada.

Salir foy antigam.te Villa Castellada, edificada num teso q̃ fica alteroso dabanda do Norte, e do Poente donde Ihecae hũa fermoza varzea de paõ das melhores q̃ ha dentro nas Serras do Algarue. Tem inda alguns pedaços demuro com seus cubellos, mas ja tudo arruinado. Moraõ dentro alguns poucos lauradores, eosmais estaõ espalhados pella Serra. Eacodem osdias Santos a hũa freguezia q̃ junto doCastello està inuocaçaõ de S. Ioaõ Bautista. Hauerà emtoda ella trezentos fogos, ehe termo de Loulè duas leguas p.ª o Norte.

Paderne he hum lugar desettenta visinhos, termo de Loulè: achaõ-se junto delle sinais de edificios antigos como q̃ foy jà emalgũ tempo pouoaçaõ demais importancia, he terra fresca ede criaçoens.

Pera he hum lugar junto deAlcantarilha, naõ longe do mar jaz notermo de Silues, eterà quarenta visinhos todos lauradores porser terra depaõ, eq̃ toda

Setamea

Setermea. Faz omar defronte della hũa fermosa praya, dabanda do Sul, naqual stà hũa armação deatuns q̃ sechama a armação de Pera. Monchique he hum lugar quatro leguas de Silves, cujo termo he, eaelle dabanda do Norte à vista damesma Cidade. Ositio deste lugar parece maravilhoso atodo ohomem q̃ considera os segredos danatureza, aqual repartio todas as cousas, eas poz em seus divididos lugares p.a ornato, econservação douniverso. Agraça erecreação q̃ tem Cintra na Provincia da estremadura, ea Serra da Estrella emtoda a Beyra, essa podemos dizer q̃ tem Monchique emtodo o Reyno do Algarve, porq̃ nelle sòm.te inverno; everão correm os mesmos ares, nacem asmesmas aguas, se acha todo ogenero defruta isto he a Cereja, a Castanha, o pero, a Laranja, etodo omais q̃ costuma recrear, edar deleytação à naturera humana. Etanto mais tenho isto pormaravilhoso neste lugar, q̃ toda a outra terra (assim aq̃ jaz emtorno como aq̃ stà mais apartada) por espaço dequarenta leguas, carece desta fresquidão, eparece q̃ dà aentender

der q̃ só neste lugar ajuntou a natureza o que negou às outras partes do Reyno. Tem Monchique huá legua de si huns banhos de agua saudavel aos quaes por conselho dos Fizicos se foy a banhar el Rey D. Joaõ o 2 deste nome, naõ faltando em Portugal outros mais perto em q̃ isto pudera fazer. O anno de mil quinhentos settenta e ...... que el Rey D. Sebastiaõ visitou o Algarue foy a este lugar, e se satisfez m.to da sua frescura, e se tratou de o fazer Villa, e el Rey a fizera sem duvida, senaõ houvera quem disso o remontou, por seu interesse.

Mixilhoeyra pequena terà trinta visinhos, esta pegada com o rio de Villa nova hum tiro de bombarda da mesma Villa da banda do Nacente. He termo de Silues, lugar apprazivel, e de m.ta pescaria, e marisco. Neste lugar se embarca o mais figo do Algarue, e o porto onde se embarcaõ (que està junto das Cazas) tem cem braças de altura, o q̃ senaõ acha noutra parte alguá de todo este rio.

Mixilhoeyra grande, està mais adiante no rio

do Al-

do Aluor, terà trezentos visinhos. Tem m.ta agua, caça, emarisco, e he termo de Silues.

Porcles està duas leguas de Silues cujo termo he. Lugar de quarenta visinhos, terra de paõ e criaçoens.

A Bordeyra he hum lugarinho de quarenta visinhos termo de Lagos.

Budens terà outros tantos visinhos como a Bordeyra, e tambem he termo de Lagos.

Aldea do Bispo està legua emea do Cabo de S. Vicente. terà sessenta visinhos. He lugar de boas aguas, e sàdia; e tem m.tas criaçoens.

A Raposeyra he huã aldea, mea legua do Cabo terà cem visinhos, e he termo de Lagos.

Aljezur he huã Villa situada noalto, mea legua domar, onde semette huã ribeyra do mesmo nome, q̃ faz hum pequeno porto dobrando jà o Cabo polla Costa do Sul pera o Norte. Terà duzentos visinhos, he terra de m.tos e bons vinhos, e criaçoens degado de toda asorte, mas noverão he pouco sàdia.

Odeseyxes he o verdadeyro lugar q̃ o Algarue tem

ao longo

ao Longo daCosta, do Lado do Poente p.ª o Norte, cu-
jo termo chega a Odemira q̃ he o primeyro Lugar
de Portugal. Tomou onome dua ribeyra, q̃ naõ
Longe semete no mar, enelle faz hua pequena
barra cõ q̃ Ea embarcaçoẽs, terá oitenta vizinhos,
ehe termo de Aljezur.
Afora os acima ditos ha no Reyno do Algarue
outros m.tos Lugares como saõ Sines, Villanoua
demil Fontes Benfali, os Collos, a Alharteyra,
a Carrapateyra, Algos, Caruoeyro, o Freyxo, Pena-
grande, a Peninha, a Naue redonda, Alte,
Quarteyra, Marim e as Alcarias, e ados Pretos,
dos quais naõ faço aqui mais particular memoria
pornaõ ter inteyra noticia dellas, e me pareceẽm
demenos importancia.
No situar detodas estas terras do Reyno do
Algarue se qui quanto me foy possiuel as para-
gens. em que cada hua dellas está discorrendo
primeyro pellos que jazem naCosta do mar de
Poente a Oriente, e depois dando volta pello
Certaõ embusca das que se esconderaõ entre
suas empolladas serras, e se contudo isto o Leytor
achar

achar alguã cousa das que eu aqui digo estar menos verificada do que V. Ex.ª a elle parece, lembrese q somos homens aos quaes he mais proprio o errar q acertar, em especial nesta materia, pella m.ta difficuldade q todos os Geografos acharão nella.

Fim do V.º Liuro
Laus Deo.

Sines he huã Villa situada na ourella do mar Oceano legua, do Cabo de S. Vicente p.ª o Norte. tem porto e carregação. Desta V.ª foy natural D. Vasco da Gama primeyro Conde da Vidigueyra, e Almirante do Mar. O q primeyro descobrio a India, em tempo del Rey D. Manuel de gloriosa memoria, de q não pouco se pode gloriar. E na dizima do pescado della lhe deu o mesmo Rey trezentos mil reis de tença, com promessa de o fazer S.r della, por ser seu natural.

Castanheda 1. Liu. da historia da India cap. 23.

Isto estaua em hum palinho separado, mas da mesma letra, de q se acha escrito Lagos no principio.

LIVRO SEGUNDO

De porquem, e emque tempo foy Conquistado o Reyno do Algarue daquem mar, hauendo mais de quinhentos annos que era possuido dos Mouros.

Cap. 1.º Do tempo emque seperdeo Espanha, e secomeçou a recuperar pellos Xpãos, ecomella o Reyno do Algarue.

Na geral perdiçaõ de Espanha que foi no tempo do infelice Rey D. Rodrigo, derradeiro dos Godos, cujo Reyno começou o anno denossa Redempçaõ de sete centos edoze, eduroú sete emeyo, seperdeo tambem o Reyno do Algarue daquem mar, que he huã parte della. O qual Rey D. Rodrigo pelejando com os Mouros

Pedro Damiro em sua Cronica &c.

Em menos de dous annos foi perdida Espanha.

ros naderradeira batalha q̃ comelles ouue,
que começou em Domingo, noue dias an-
dados de Setembro de 714., e durou té o Do-
mingo seguinte foi no fim della uencido
morto; ou segundo outros dizem desapare-
cido da mesma batalha; em maneira q̃
nem se achou mais memoria delle, senão
em Viseu Cidade de Portugal hum letrei-
ro que dizia assim: <u>Aqui jaz D. Rodrigo
derradeiro Rey de Espanha</u>. Passados seis
annos despois deste geral diluuio se co-
meçarão ajuntar, e fazer corpo alguns
Xpãos que às Asturias de quasi toda Espa-
nha se forão retirando, e escaparão por
ser terra montuosa, e aspera, e leuanta-
rão por Rey a D. Pelayo, filho de D. Fanila
Duque, que fora de Cantabria que he Na
uarra; e com o fauor diuino começarão
a tornar sobre si e fazer rosto aos Mouros,
e ganhar alguns poucos lugares dos m.tos
que erão perdidos. Este D. Pelayo que
depois se intitulou Rey de Lião, foi o pri-
meiro

Encheridion de los tiempos f.o 10, 41.

meiro que fes resistencia aos Mouros depois da verdadeira batalha; em q̃ se perdeo ElRey D. Rodrigo. Do qual contaõ as Cronicas que estando escondido numa Coua nas Asturias com quasi mil companheiros foi nella pellos Mouros achado, e combatido, primeiro com rezões e afagos pollo inclinarem á sua Seita, e depois com as armas p.ª o distruirem. Mas o Senhor piadoso, que ja como pay açoutara a seu povo provocado por seus peccados, o queria tornar a reconciliar á sua amizade, mostrou asi suas misericordias com milagre singular. E foi, que todas as setas, dardos, e pedras, que os Mouros tiravaõ á coua, para matar os Xpãos que nella estavaõ, se tornavaõ a elles, os feriaõ, e matavaõ. O que vendo D. Pelayo sahio da Coua com seus companheiros, e matou delles mais de trinta mil; e os que escaparaõ subiraõ se a hum monte pera asi se fazerem fortes, e por vontade do Senhor q̃ ja favorecia seu povo Cahio o Monte

com elles

cornelles, ematou atodos sem ficar algũ dellys: eseguindo os Xpãos esta Vitoria ganharaõ em pouco tempo a Cidade de Cri-ĩ nas Asturias, etodas as outras terras suas Comarcas, de que logo o dito Rey D. Pelayo se intitulou Rey, como ja he dito. Desta

Historia Pontifical f. 249 li. 4.º

Vitoria tomaraõ ouzadia outros Xpãos da Provincia Tarracona, que he Aragaõ, ede Cantabria, que he Nabarra; os quais tã-bem se haviaõ retirado aos Montes Pirineos, cujos vizinhos eraõ, p.ª salir de seu desterro edar com impeto nos imigos q̃ estavaõ a poderados efeitos senhores de suas terras, eherdades. Pera oque melhor effeituarem levantaraõ por Rey a hum Cavalleiro nobre de antre elles, chamado Gracia Xi-menes, oanno do S.ᵒʳ 722. oito annos despois dageral perdiçaõ de Espanha; oqual com o favor divino, ebom esforço deseus companheiros ganhou o Reyno de Navarra, efe intitulou Rey della por consentim.ᵗᵒ detodos. Eassim por esta maneira, o fizeraõ outros muitos

Xpãos

Xpãos andando otempo; edaqui Succedeo diuedirse Espanha emdiuersos Reynos, esenhorios; Sendo primeiro em tempo dos Romanos, edepois dos Godos toda junta huã só Monarquia. Nesta Successaõ dos tempos ueyo a Reynar em Castella, e Leaõ ElRey D.^m^ Fernando o 3.º no anno de nossa Redempçaõ 1216. noqual estes dous Reynos setornaraõ a ajuntar a 2.ª uez. Este Rey ouue muitas batalhas com os Mouros; em huã dellas Rebonou a Sidade de Cordoua no anno de 1235. naqual achou os sinos que ElRey Almançor mandara tirar da Igreja do Appostolo Santiago em Galiza, em desprezo dos Xpãos; eos mandou tornar aella com m.^ta^ festa, ealegria. Na tomada desta Cidade dizem as Cronicas, que seachou prezente D. Frey Payo Piz Correa, Portuguez de naçaõ, eM.^e^ da Ordem de Ucres, que agora he de Santiago em Castella, pessoa nobre, edegrande Caza, guerreiro Singular, contra os Mouros

emigos

D. Fern.^do^ 3.º o Santo

Ruy de Pina na Cronica de 4.º ElRey D. A.^o^ o 3.º

D. Payo Piz sechamaua nos doaçõis q̃ ElRey lhe fes.

imigos de Nossa Santa Fé; aqual ElRey
adeixou encomendada, tornandose a Cas-
tella p.a que a gouernasse, e defendesse.
Desejaua m.to este Rey D. Fernando tomar
aos Mouros a Cidade de Seuilla, e Prouin-
cia Andaluzia, que toda era de Mouros
naquelle tempo; e na uolta q̃ fez a Cas-
tella deixou isto m.te encarregado a Dom
Payo Correa, e a hum Dom Rodrigo Alurez
Asturiano; mandandolhe, que nesta em-
preza puzessem todas as suas forças. Os
quais querendo satisfazer aos desejos del-
Rey, e ao que lhe deixara encomendado, par-
tio-se Dom Payo Correa p.a S. Lucas de
Barrameda, e D. Rodrigo Alurez p.a Al-
cala de Guadaxaxara, onde com muitas
gentes que consigo leuarão guerreando
continuam.te puzerão a Cidade em todo,
o aperto, que o Rey della constrangido
da necessidade lhe deu grande quantid.e
de ouro por treguas de hum anno, que
os ditos fronteiros lhe prometerão.

Neste

Neste Anno semearaõ os Mouros o mais
do que tinhaõ na Cidade com funda-
mento de colher muita novidade pera
alguns annos com que depois pudessem
suster a guerra que os Xpãos lhe faziaõ.
Disto foi (logo ElRey avizado; e naõ ha-
vendo por boas as treguas, que os fronteí-
ros com os Mouros tinhaõ feito, ajuntou
m.ta gente; e vindo-se em pessoa a Sevilla
com os mesmos fronteiros pôs cerco sobre
a Cidade que durou dezaseis mezes; no
fim dos quais se deraõ os Mouros com segu-
ro das vidas em dia de S. Clemente do
anno de 1248. E neste meyo tempo
da tomada de Cordova, e Sevilha que fo-
raõ treze annos; os quais o Mestre Dom
Payo Correa esteve por fronteiro na An-
daluzia, naõ cessava de fazer continua
guerra aos Mouros, e ora os acometia nũa
parte; ora noutra, em maneira q̃ os en-
leava, e em nenhũ lugar estavaõ seguros,
nem se sabiaõ dar conselho com elle. E has
muitas entradas q̃ por suas terras fes,
foy

Ruy de Pina na Cronica del Rey D. A.o 3.o cap. 5.

Loy Ená na Lusitania, junto do Campo de Ourique, naqual tomou a Villa de Aljustrel, e noutra a de Mertola; que em seu sitio, e fortaleza, está nas pouco arriscada. As quais ElRey de Portugal, que entaõ era D. Sancho Capello, (assi chamado por cauza de hū certo vestido daquelle usaua) logo mandou pedir a ElRey D. Fernando seu primo com irmaõs, por serem de sua conquista. ElRey D. Fernando mandou logo ao Mestre q̃ lhas entregasse, e elle pollas armas de seus antepassados, e amizade grande q̃ com o Mestre tinha, as deo á Ordem, e Mestrado de Santiago, (como na mesma doaçaõ parece,) cujas inda ao prezente saõ.

Cap. V.

Cap. 2.º De como D. Frey Payo Correa, Mestre de Santiago em tempo del Rey de Castella D. Fernando o 2.º tomou aos Mouros Estómbar, e Aluor, no Reyno do Algarue.

No mesmo tempo que o Mestre de Santiago D. Payo Correa esteue por fronteiro na Prouincia Andaluzia (segundo ja se dito) trabalhou m.to por tomar algũa fortaleza aos Mouros no Reyno do Algarue, que tinha por uezinho, confiado que como nelle metesse o pé (como dizem) e tiuesse onde recolher a gente que a elle leuasse: tudo o mais lhe seria menos dificultozo. Estes dezejos comonicou per algũas uezes com seus Caualleiros em que nos achou conforme pareçer, porq̃ alguns recusauaõ a empreza, polla aspereza da terra, e ser muito pouoada; e os Mouros terem soccorro pollo mar, que lhe uiria d'Africa, todas as uezes q̃ o ouuessem mister. Mas o Mestre, cujo coraçaõ era ja

Ruy de Pina na Cronica del Rey D. A.º o 5.º, c. 6.

E Pedro de Aueiro Ribeiro em sua Cronica geral, fl. 247.

favorecido da Graça do Senhor pera este negocio; deliberou consigo nom deixar de o levar ao cabo, por dificuldade algũa que nisso lhe fosse posta; e falou em segredo com hum Gracia Rodriges, Mercador, que tratava neste Algarve com os Mouros, e com os Xpãos suas mercadorias; e nisto andava corrente; e lhe dixe que seus dezejos eram com a ajuda do Senhor Deus, e por seu serviço, cobrar dos Mouros este Reyno do Algarve se podesse: pera o que havia entom singular conjunção, e aparelho; pellas discordias que sabia de certo que havia antre os Reys, e Senhores delle, e que se o já nom tinha cometido, era, porque nom sabia a terra, nem por onde lhe conviinha fazer as primeiras entradas; e que pois elle tudo isto bem sabia, lhe quiresse dizer seu parecer verdadeiro, como bom Xpão, e homem, em cuja conta elle o tinha. E Gracia Roiz em que havia bom entendimento e juizo, lhe deo logo pera isto tam bom conselho, e ardil, e tam bem aviamento de tudo o que pode, que o Mestre se persuadio, e apartou logo alguns dos seus corredores, por maneira dalmogavaria; e os mandou diante com instruçom de

Gracia

Gracia Rodrigues: aconsiderar aterra, efaser nella algũ salto, onde melhor chegarecesse. Os quais partiraõ dAljustrel, donde o Mestre estaua, epassaraõ pella Torre Dourique, eandaraõ de noute com m.to tento, por naõ serem dos Mouros sentidos; eo primeiro lugar aque chegaraõ, foi a Torre dEstombar, econsiderando com deligencia agente, eguarda que nella hauia, entenderaõ q̃ estaua desapercebida, etem algũ receyo de Xpãos; pello q̃ deraõ desupito nella com o mayor impeto que puderaõ; eaprouue ao S.or Deus, q̃ tem m.ta força ouperigo foi logo tomada. Esta noua mandaraõ logo ao Mestre, que naõ com menos alegria, que pressa, fes prestes seus Caualleiros, com q̃ logo partio, leuando suas guias diante p.a descobrirem a terra: echegando à Torre, ouue prazer com os seus, louuandolhe seu esforço ealentia. Dali apoucos dias, foi sobre a Villa de Aluor, ea tomou, epouvou de Xpãos, p.a q̃ apossuissem, edefendessem. Como o Mestre foi em posse destes dous lugares, eteue onde recolher suas gentes, emantimentos: delles fes tanta guerra, edamno aos Mouros, que morauaõ em Siluis, esua comar-

ca

ca; q̃ vendose persiguidos, eq̃ nom podiam lavrar suas terras, nem sahir fora senam todos juntos: fizeram consulta antre si; e cometeram ao Mestre, q̃ seguizesse Vedaria am Cacela, junto com Tavira; por Estombar, e Alvor, q̃ Ele tinha tomado. O que os Mouros nisto pertendiam era, que como estes lugares estavam em meyo do Reyno; e mais juntos do Cabo, q̃ agora chamamos de Sam Vicente, onde entam aterra era mais povoada; recebiam, e podiam receber ao diante dos Xpãos mais damno, q̃ de Cacela; q̃ era mais no fim daterra, e estava junto com Tavira, que era lugar forte, edegrande povoaçam; cujos moradores, e vezinhos, por serem m.tos poderiam mais facilm.te deitar fora, e tornar a tomar a Villa aos Xpãos. Desta troca aprouve tambem ao Mestre, por Cacela ser lugar forte sobre o mar, e naquelle tempo bẽ cercada, posto que logo se mudou pª ella, e lhe deixou livres os outros lugares.

Deu o Mestre Estombar, e Alvor por Cacela.

Cap. 3.º

Cap. 3.º Recontros que o Mestre Dom Payo Piz Correa teve com os Mouros estando em Cacela, nos quaes foraõ vencidos, e desbaratados.

Agozentado o Mestre em Cacela com toda sua gente, e posta nella toda boa guarda, e provizaõ necessaria logo se fes prestes pera hir sobre o lugar Paderne, que sabia estar menos aprecebido; porque como quer que os Mouros antre si avia m.to tempo que tinhaõ grandes diferenças, e desconsertos: porem a necessidade, e perigo, em que os por a hida do Mestre ao Algarve, lhe cauzou, que logo foraõ amigos, pera com iguais coraçoẽs defenderem suas pessoas, e terras. Pello que sabendo os de Faraõ, Tavira, e outros lugarinhos comarcãos, que o Mestre era sahido de Cacela com sua gente a correr a terra como tinha por costume; avizaraõ os de Loule, q. que o dia seguinte, todos juntos, lhe tomassem o passo, e se encontrassem com elle. E o outro dia

Ruy de Pina na Cronica del Rey D. A.º o 3.º, e 6.º

E Pero d'Anciro no lugar ja dito.

dia em amanhecendo, logo se ajuntaraõ todos sobre este acordo, e foraõ dormir contra a Serra a hũ lugar a que chamaõ o desbarato. O Mestre, e os seus caminhando toda a noute, nada disto sabiaõ, e porque as escutas, q adiante levava, sentiraõ rumor de gente, naõ quis o Mestre hir mais adiante, mas fes sinal, que repousassem: e como foi manhãa o Mestre com sua singular e costumada destreza, ordenou toda sua gente em esquadroẽs, e guiados de sua bandeira, que hia diante estendida, naõ andaraõ muitos passos, quando ouveraõ vista dos Mouros, que jazião num valle embrenhados. Os quais vendo a pouca gente, que o Mestre levava em sua companhia, foraõ mto alegres, e cobraraõ grande esforço, e ouzadia; tendo por certo que a Vitoria ficaria por elles. Isto naõ permetio o Sor q fosse assim, porq o Mte (cuja confiança naõ estava nos homens poderosos, senaõ em só Deus, por cuja honra e fé pelejava contra os imigos da verdade) deu logo nelles Santiago sem mais tardar, e a bafalha

talha foi taõ bem pelejada dambas as partes, que a Vitoria esteue duvidoza por grande espaço, ao fim os Xpãos apertaraõ taõ esforçadam.te com os Mouros q̃ naõ poderaõ mais sofrer, mas voltando as costas fogiraõ com desacordo, cada hum por onde melhor podia, ficando m.tos delles mortos, e feridos, sem se poderem bolir. Outros se recolheraõ a hum Lugar a que chamaõ o Furadouro, caminho da Fonte do Bispo; e o M.e com os seus se tornou ao Lugar da batalha, e naõ quis seguir mais o alcanse, por ver sua gente m.to cançada do trabalho passado, e logo aquella mesma tarde os que fugiraõ da batalha se ajuntaraõ com outros m.tos que a elles se vinhaõ; e Lamentando sua desauentura mostraraõ grande tristeza do desbarate passado, em especial os de Tauira; por verem que cobraraõ por vezinhos homens de tanto esforço; e hauendo antre si conselho sobre o que fariaõ disseraõ alguns delles: estes Xpãos ja nos naõ temem, nem tem em conta como vedes, e isto naõ sem cauza;

pois

Pois que por nossa fraqueza, ou desauentura sempre delles nos apartamos vencidos. Mas contudo esforcemonos, enaõ desmayemos de todo; porque mui acostumado he nos que seguem o exercicio da guerra serem m.tas vezes de huns mesmos vencidos, e nũa só batalha restaurarem todo o perdido, e mais ficaraõ ainda de ganho. Isto se bem o consideramos naõ pode deixar de ter agora pella conjunçaõ a q̃ somos vindos. Os Xpaõs m.tos delles estaõ feridos, e todos cançados, e ainda seguros pella vitoria que de nós ouueraõ parecendolhes que ja em nós naõ ha forças p.a lhe resistir, em.to menos p.a os acometer. Ajuntemo-nos todos, e em amanhecendo sem mais tardar demos sobre elles, porq̃ este he o dia, em que os auemos de desbaratar, e deitar fora de nossas terras. E uindo todos neste parecer leuantaraõ-se de madrugada, e foraõ-nos esperar ao Almarjem caminho de Cacela por onde sabiaõ que hauiaõ de passar. O Mestre q̃ destes

conselhos

Conselhos naõ podia ser sabedor; como foi
menhã começou com os seos amarchar
pella Serra caminho de Cacela, e ja sobre
atarde chegou ao Lugar donde os Mouros
o esperavaõ. E naõ levava ja toda sua
gente porque m.ta della mandara ao Mon-
te onde agora he Castromarim a recolher
alguns dos seus que passavaõ pella Ribeira.
E logo em os Mouros tendo vista do Mestre
sahiraõ a elle com taõ grande impeto, e grita,
que o puzeraõ em grande perigo e trovaçaõ,
mas recobrando sobre si, como quem em
semelhantes casos andava versado, naõ
sem grande trabalho retirou sua gente
atras pera hũ Oiteiro que a Serra faz con-
tra Tavira, que depois foi chamado o Ca-
beço do Mestre, onde pella fortaleza e boa
disposiçaõ do lugar ficavaõ algũ tanto
mais seguros. Os Mouros chegandosse
ao Outeiro, o combatiaõ rigar.te; e com tan-
to esforço trabalharaõ por deitar delle o M.e
com os seus, que se a noite naõ sobreviera
os apartou; elles sahiraõ com a sua co-
mo

mo tinhão dito; se o Senhor doutra maneira o não ordenara. Afastados os Mouros constrangidos pella escuridão alogarãose ao pe do Outeiro com determinação que ao outro dia em amanhecendo darem fim ao que tinhão começado. O Mestre logo como foi noite, visto o perigo em que estava mandou a Cacela com grande preyteza pedir Soccorro; e como era perto logo essa mesma noite Veyeo. O que sentindo os Mouros que não longe estavão, e tinhão suas espias cada Hum se acolheo p.a sua casa antes que amanhecesse, no qual ouverão bom conselho; porque o Mestre tinha determinado com o Soccorro que veyeo dar sobre elles o outro dia como fes; mas achando-os ja postos em salvo se tornou em paz e com alegria p.a Cacela.

Cap. 41.

Cap. 4.º Da morte dos Sete Cavalleiros, e de como o Mestre tomou Tavira

Vendosse os Mouros (em especial os moradores de Tavira, e seus Comarcãos) perseguidos do Mestre, e que em nenhum lugar estavaõ seguros delle; ouveraõ antre si conselho, e acordaraõ de lhe mandar pedir tregoas té o mes de Setembro. Porque era ja entrado o mes de Julho, em que lhe era necessario recolher o paõ, e fazer seu Alacil do trigo, e vendima, o que naõ ousavaõ fazer com medo do Mestre, e de suas gentes. Naõ engeitou o Mestre este requerimento, posto que ao conceder delle se mostrasse aos Mouros carregozo; porq̃ lhe pareceu ser necessidade deste tempo p.ª se recrearem os seus dos m.tos trabalhos passados, e taõ bem p.ª se perceber de mais gente p.ª o q̃ de trimminava pello que lhe mandou logo passar suas Certidoẽs, que nos taes casos se cos-

Ruy de Pina na mesma Cronica Cap. 8.º E Pero daveiro no lugar ultima dito.

tumos. E sendo os Xpãos e Mouros segu-
ros por Leis destas pazes começarão a
comonicarse huns com os outros no que
lhes compria: mas ellas durarão pouco,
e nos chegarão ao termo por elles asentado,
e a causa foi esta. Dom Pedro Pirez Cõ-
mendador mór de Santiago, que andava
em companhia do mestre disse hum
dia a outros Cavalleiros, que por seu
desenfadamento (pois estavão em trégo-
as) devião hir caçar as Antas, que erão
dali tres legoas, para o que tinhão boas a-
ves de Altenaria. O Mestre sabendo
isto nom foi disso contente, como pessoa
prudente e recatada, e diselhe que escu-
sassem a ida, porque os Mouros por suas
condições nom erão menos ciozos de suas
terras, que de suas proprias molheres:
e que com qual quer ocazião (sendo ho-
mens sem fé e verdade) lhe poderião fa-
zer algum damno, que custaria despois
caro. Ao qual o Comendador mór tor-
nou, dizendo: que pois estavão com elles
emtregoas

emtregavos, pellos mesmos dezejados e le
queridos, naõ havia que temer; e que
p.ª mais resguardo elles hiriaõ á caça apa-
relhados de paz, e de guerra que escolhe-
cem elles qual quizessem. Com esta
Confiança partio desta cella D. Pedro Pi-
res com outros sinco companheiros; e to-
mando o caminho direito por Tavira
entraraõ pella ponte, e atravessaraõ pello
meo da Praça, e portodo a Villa a cavallo
com seus açores, e outras aves de caça em
suas maõs; e foraõ ter as Antas huã le
goa de Tavira junto da Ribeira, onde
começaraõ a caçar com m.to prazer e con
tentamento. Os Mouros vendo-os passar
por suas portas a Cavallo taõ seguros e pa-
recendo-lhes (como gente apoucada) que o
faziaõ em seu desprezo, receberaõ gran-
de dor; porque sua vista lhe refrescou
a memoria de muitas mortes, e outros
damnos, que por muitas vezes delles em
suas pessoas e terras tinhaõ recebido. E a
juntandosse alguns diceraõ com grande

dor

dos doutros: certam.^te os homens q̃ sofrem
tanta affronta edesprezo como estes xp̃aõs
com ouzadia esoberba nos fazem, saõ mais
que mortos, emostraõ que naõ tem ver-
gonha nem coraçaõ, eque carecem dever
dadeiro juizo. Vos naõ vedes estes homẽs,
que saõ nossos inmigos, enos tem feito
tantos danos eafrontas em nossas
mesmas pessoas eterras, q̃ assim
passaõ pornossas portas seguros esem
recëo como sea villa fora sua fazendo
denos bestas, e sem sentido: ao reboli-
ço destas palavras seajuntaraõ logo
muitos comgrande alvoroço, edetermi-
naraõ hir, como logo foraõ m.^to indinados
embusca dos Cavaleiros xp̃aõs q̃ andavaõ
caçando com m.^to gosto bem fora decuidar
oque selhes aparelhava. Os quais como
os viraõ vir ao longe comgrande preça
e estrondo logo sos peitaraõ o q̃ podia ser;
edeixadas as aves eseu desenfadamento
ociozo seajuntaraõ: efalando antre si,
diceraõ: claro vemos q̃ estes Mouros
vem

vem sobre nos; e o principal remedio que nisto temos, nos ha de vir de Deos, o qual por sua grande piedade tenha por bem de nos soccorrer e es forçar neste trabalho. O conselho mais acertado que já gora podemos ter he que nos esforcemos como Cavalleiros a sofrer qual quer affronta que nos vier; e aprazerá ao Senhor Deos pois somos Xpãos, e pelejamos por sua fé, que nos som.te nos defenderemos destes imigos do verdade, mas q' todos bem os venceremos; e ficando elle doutra maneira o ordenar em q' pudermos saluar as vidas, vendamo-las por seu justo preço, e hajamolas por bem empregadas, pois as offerecemos em couza de tanto seu seruisso. Isto dito mandarão logo hum recado ao Mestre com grande pressa fazendo-o certo do perigo em q' ficauão, e pedindolhe que os quizesse vir a soccorrer; e porque entretanto se pudessem defender, fizerão hu' palanque de paos de figueiras velhas, q' acharão onde logo

sereceolherão

se recolherão todos seis. os Mouros emchegando os acometerão com grande força, e acharão nelles inda que poucos, esforço e resistencia; e não tão faciles de entrar como cuidavão. Nesta conjunção acertou de passar pella estrada Garcia Roiz o Mercador com que o Mestre se aconselhara sobre a vinda do Algarve (como atras fico dito) o qual hia de Farão p.ª Tavira, com suas mercancias (segundo costumava,) e vendo o ajuntamento e rebolliço dos Mouros seguio o fio delles, para saber o q̃ podia ser. E achando os Cavalleiros Christãos em tão grande trabalho, tocoulhe o espirito do Senhor, e tornou depressa adonde deixara as cargas e disse aos que comsigo levava: ide vosso caminho e levai essas cargas e partias antre vos, q̃ja se eu viver não me faltará a Misericordia do Senhor: e tambem se morrer melhor sorte será a minha pois acabo em seu serviço. Isto dito deu a correr, e deitouse dentro do pa

sangue

sangue com os Cavalleiros Xpãos offe-
recendose ao mesmo perigo, os quais
foraõ com elle m.to esforçados: e os ajudou
por espaço do dia em q̃ se defenderaõ rodea-
dos dos imigos, dando e recebendo m.tas
feridas sem repairo algũ, nem poderẽ
dar fe Xrm.os do que os outros fariaõ.
Mas como eraõ no mais de sete, e as for
ças com a continuaçaõ do trabalho des-
falecessem, foi seu palanque entrado,
e elles todos sete mortos, dando fim a su-
as vidas como esforçados Cavalleiros
de Christo nosso Redemptor, a troco dou-
tras que duraõ p.a sempre. O que
naõ fizeraõ sem boa vingança dos
imigos; ficando por testemunha
desta verdade m.tos corpos de Mouros
naquelle lugar, daquelles que mais se
lhe atreviaõ. Naõ era inda esta conten-
da acabada, quando chegou o recado ao
Mestre em Cacela; donde logo partio sẽ
tardança com desejo de os soccorrer; por
que bem sabia que os Cavalleiros eraõ

tais

tais, que sem nenhũ dos falecimentos de suas honras ou avião morrer pelejando, ou vencer aos inimigos. E seguio o caminho por onde elles forão porque este era o mais direito, e sem contradição alguã entrou pella Villa, e pla-ça della com toda sua gente, e tão acero hia no desejo de os livrar, q̃ não lhe alẽbrou que nesta conjunção a podera tomar sem algum perigo: ou porventura se lhe lembrou (o que he mais de crer) o dissimulou porentes; estimando em mais (como bom Capitão) a perda de seus cavalleiros com cujo favor e ajuda podia tomar esta e outras m.tas como ja tinha feito. chegando as Antas, vendo-os mortos rodeados de corpos de Mouros, foi muito anojado de tão feo caso, e com grande impeto de ira deu logo sobre muitos Mouros, que inda alli achou, e matou tantos que a ossada delles durou alli por longo tempo. E aos outros q̃ fogirão foi seguindo ao alcanse; fazendo nelles grande

grande destroço té chegar á Villa, cujas portas acharão fechadas pellos q̃ dentro ficarão, e só ̃mente lhe abrirão hũ postigo escuro, q̃ esta contra Mal foro, junto donde agora se edifica hũ mosteiro do Padre S. Agostinho invocação da Nossa Sr.ª da Graça sobre que deu o Mestre subitamente com elles, e os ferio tão rijo, q̃ não tendo elles acordo p.ª se defender, nem serrar o postigo, entrou de volta com elles, e se apoderou da Villa não sem grande estrago dos Mouros. Era a este tempo Sr. della hũ Mouro por nome Albenfalila, do qual não se soube se morrera nestes encontros, ou se fogio p.ª outra parte onde mais não fosse visto. De maneira q̃ esta batalha, e a morte dos Cavalleiros, e a tomada da Villa tudo foi junto nũ dia, q̃ foi onze de Junho dia do Apostolo São Bernabé de 1242, no qual se fas solemne procição na mesma Cidade em memoria deste beneficio. E apoderado ja o Mestre da Cidade, e posta

nella

nella bom recado, foice as Antas pellos
Corpos dos sete Cavalleiros, e com muitas
Lagrimas e suspiros os mandou apartar
dantre os Mouros e os trouxe comsigo. Ha-
uia na Cidade hua Mesquita edefi-
cada no mais alto della; esta mandou
o Mestre consagrar, e a dedicou a gloriosa
Virgem Maria nossa S.ra, e nella man-
dou por os corpos destes seus Cavalleiros,
num sepulcro de pedra grande e bem
lavrado, em que foraõ entalhados sete
escudos, com as vieiras e armas do
Apostolo Santiago. Os nomes dos Ca-
valleiros saõ estes. Dom Pedro Pires
Comendador mor de Santiago em Castel-
la = Mem do Valle = Duraõ Vaz = Alua-
ro Garcia = Estevaõ Vaz = Beltraõ
de Caya = e o Mercador Garcia Roiz.
Saõ tidos em m.ta devaçaõ de todo o po-
vo da terra, e ao prezente esta seu
sepulcro sobre o Altar da maõ esquerda
coletral á Cappella mor; e isto naõ
sem m.ta razaõ, pois derramaraõ o seu
sangue

Sangue como os Martires por defençaõ da verdadeira fé de nosso Redemptor Jesu Xpo com o qual he de crer q̃ Reynaõ agora em sua gloria.

Cap. 5.º Aparecimento q. estes Santos Cavalleiros fizeraõ a El Rey D. Aº de Castella tendo Cercada Taveira: cõ que levantou o Cerco e se tornou a Castella.

ElRey de Portugal D. Aº o 3º. deste nome, cazou o Infante D. Pedro seu filho com D. Branca filha del Rey D. Aº de Castella, e Leaõ, que ja era seu genrro, e vinda a Infante a Portugal achouse que era m.to enferma; pello que o Infante tomou m.to desgosto della em maneira que foi tornada a Castella onde se meteo freira no Mosteiro das Huelgas de Burgos.

Pedro d'Aveiro em sua Cronica geral fl. 242.

Depois

Depois disto tornou o Infante a casar com D. Constança filha de D. Joaõ Manoel principal Sr. de Castella, que Rey nao fosse, do que El Rey de Castella nada ficou contente (posto que em suas palavras, e cartas mostrasse o contrario) e trabalhou quanto podo pello estorvar; se inda depois de ja feito, im pedir ainda da mesma Infante a Portugal de que naceraõ desgostos e contendas entre ambos estes Reys sogro, e genrro, q duraraõ alguns tempos. Durando estes enfadam.tos El Rey de Portugal entrou por Castella, e D. Pedro seu irmaõ por Galiza: onde fizeraõ m.to damno asim nos Castellanos como em suas terras. El Rey D. Ao. de Castella tobem passando Guadiana por junto de Alcoutim por huã ponte de barcas q mandou fazer; poz cerco sobre a Villa de Crasto-Marim onde naquelle tempo estava o Convento do Mestrado de Christo: e pello lugar ser em si forte, e ter boa gente

que

que o defendia, levantouse e passou diante a Tavira, e sercoa com todo seu exercito: elle pouzaua no Mosteiro de São Francisco da mesma Cidade, junto do qual tinha o milhor de sua gente: e Eum sabado de madrugada corria a Villa em torno, considerando por onde milhor a bateria: o qual feito tornouse ao Arrayal a consertar sua gente, por affectuar seus dezejos, e chegando á porta do Mosteiro onde poizaua acertou de olhar para a Villa, e uio estar sobre a Igreja de S.ta Maria que dalli parecia toda sete homens de grandes corpos vestidos todos de branco com bandeiras nas mãos da mesma cor, e nellas as Armas do Appostollo Santiago. El Rey uendo isto foi muito espantado, e mandou chamar o guardião da Lora q̃ era homem antigo, e sabia dar rezão do que lhe perguntaues, e contoulhe o que uira pedindolhe m.to q̃ nisso lhe quizesse dizer o que entendia. O Guardião sem nisso

mais

mais cuidar lhe respondeo dizendo: S.^{or}
aquelles sete homens que uistes sobre
a Igreja saõ sete Cavalleiros q̃ morre-
raõ martires por nossa fé quando esta
terra se tomou aos Mouros, e seus corpos
estaõ sepultados naquella Igreja, so-
bre que os uistes onde o Senhor por elles
tem feito m.^{tos} milagres: e temos con-
fiança em seus merecim.^{tos} q̃ emquanto
aqui estiuerem esta terra naõ será
tomada por inimigos, nem sahirá
do poder e senhorio em q̃ agora está.
Ouuindo El Rey esta reposta tambem
dada pello velho Guardiaõ pareceu lhe
bem, e por deuaçaõ dos Santos Martires
naõ quis bater a Villa, nem ir mais a
diante em seu proposito, mas logo
se tornou para seu Reyno, sem fazer
mal algum em Portugal.

Cap. 6.º

Cap. 6.º Como o Mestre D. Frey Payo Pires Correa tomou aos Mouros Salir, Alvor, Estombar, e a Cidade de Siluy.

Muito contentamento recebeo o Mestre com a tomada de Tavira por ser a principal cousa do Algarve, em povoação, bom Sitio, e Fortaleza, e considerando q̃ o Senhor notavel m.te o favorecia, e que por seu meo era servido libertar aquelle povo, e tiralo do poder dos Mouros, e tornalo ao gremio de Sua Igreja como antes fora, não se descuidou desta gloriosa empreza, mas todos os meios p.a isto haver effeito buscava com m.to cuidado e deligencia. Pello q̃ depois de deixar Tavira abastecida de todo o necessario, e com boa guarda: ajuntou suas gentes, e foi sobre a Villa de Salir, e tomoa por força, não se podendo defender da

Ruy de Pina na Cronica ja dita Cap. 3.º e Pero dAuciro no mesmo lugar.

sua grande potencia. Depois disto foi
sobre Aluor, q̃ antes trocara com os
Mouros por Tavila (como atras fica di-
to) e tornou a tomar a segunda vez. Da
li foi pôr cerco sobre Paderne que era
Castello m.to forte, e tinha boa Comar-
ca antre a Serra e Albufeira, e logo
despedio parte de sua gente, e man-
dou correr o termo de Silves, onde an
dando alguns dias tomarão outra vez
a Torre de Estombar que ja fora sua;
a que ouvindo Albenafass Rey da
quella terra que residia em Silves,
e nella tinha sua Corte e aposento;
e crendo que com esta gente seria
tambem o Mestre D. Payo Correa,
contra quem estava m.to irado,
ajuntou seu exercito e salio de
Silves com proposito de hir sobre
elle e o desbaratar. O Mestre sendo
disto avizado levantou o Cerco que
tinha

tinha posto sobre Paderne, epor ca
minho escuro edesuiado seueo por
sobre Siluez onde lhe tomou todas as
portas da Cidade pondo emcada huã
boa guarda de seus Cavalheiros. Albe-
naquez quando soube que na Torre
de Estombar nem hauia mais gente
que aque a tomora, edefendia nom
curou de fazer detença nella; mas
fez logo uolta sobre Silues receiozo
dalguã ardil do Mestre que bem co-
nhecia. Equerendosse recolher á Ci
dade achou tomadas as portas pella
gente do Mestre ecometeo entrar
por força aporta que dizem da
Zoya que lhe pareceo mais despe-
jada que as outras, equis logo sua
dita que encontrou com o Mestre
que defora tinha aguarda della
num Campo junto da Cidade on-
de

de agora está hũa ermida de Nossa
Senhora da invocação dos Martires.
E logo ambos juntos começarão hũa per
fiada peleja, em q̃ o Mestre por ter sua
gente dividida em muitas partes, e
El Rey a sua junta: se uio em grande
perigo carregando toda sobre elle com
grande impeto por lhe tomar a porta q̃
defendia. Mas ainda com tudo isso
não poderão; e ~~por~~ trabalharão por se me
ter debaixo da Torre Zoya que he edi-
ficada sobre arcos á maneira de ponte
saida p.ª fora dos muros, porq̃ os que
em sima estauão os ajudassem e defen-
dessem; mas nem isto poderão por q̃
o Mestre lho defendeo. Os Mouros que
estauão pellos muros e torres dalid.º
uendo seu Rey á pressa e com grande
ventajem de gente cobrarão coração
e dessirão para o ualler; mas dixarão
sentindo

Sentindo isto acodirão com grande esfor-
ço, e apertarãonos tanto, que da volta
q̃ fiserão p.ª se recolher se emborilhou
o Mestre tambem com elles: onde se dis q̃
nesta entrada morrerão mais Mouros
e tambem X.pãos, que em nenhũa outra
parte do Algarve: ElRey ficou de fora,
e a porta logo tomada pello Mestre, e
sendo disto m.to triste, andou a cavallo
em torno da Cidade buscando todas as-
portas della, e em todas achou resistencia
porque assim o tinha o Mestre provido.
E por derradeiro foisse a hũ postigo cha-
mado da Traição, que estava no Alca-
cer que era seu aposento, o qual tam-
bem achou impedido, pello q̃ ja como
desesperado da honrra e vida fereo rija-
m.te das esporas ao seu Cavallo e fugio
do Arrayal, mas não da vingança di-
vina; porque passando o Rio abaixo
da Cidade para se deitar da outra ban-
da deu o Cavallo com elle num pego
onde

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

onde nunca mais foi visto. O qual de
pois foi chamado o Pego de ~~Denamafom~~
Denamarfon em memoria deste acon-
tessimento. Os Mouros q̃ na Cidade
ficarão vivos recolherão-se ao Alcacer,
e fizerão-se nelle fortes p.ª se defender,
mas o Mestre não o quis bater, antes lhe
deo seguro que vivessem na Cidade
seguramente, e lavrassem suas herda-
des com lhe prometerem obediencia, e o
mesmo tributo que antes pagavão ao
Rey Mouro; no que os Mouros logo con-
cordarão, conhecerão a merce e boa obra
que visto do Mestre recebião. Esta
maneira de Misericordia, e reconcili-
ação se diz que o Mestre teve sempre
nos lugares que tomou no Algarve cujos
Alcacers não batia, dando seguro aos q̃
nelles se recolhião porq̃ de todo senão des-
povoacem; e por esta causa ficarão m.tos
Mouros em todos os lugares do Algarve
forros, e senhores de suas fazendas, e nella
durarão

durarão longos tempos. Ja esta Cidade fora outra vez tomada aos Mouros por ElRey D. Sancho o Iº, filho del Rey D. Aº Anriquez, com ajuda de gentes de diversas naçoẽs, que indo em Soccorro da terra santa entrarão no porto de Lxª o anno de 1189. e logo o dito Rey fes nella Igreja Cathedral, e mandou selebrar os officios divinos. Mas depois dito em tempo deste mesmo Rey D. Sancho, entrou em Portugal com grão poder ElRey Mouro de Sevilha chamado Jacob. E despois de tomar e distroir Alcacer do Sal, se foi por serco sobre Silves q̃ pouco havia q̃ fora tomada aos Mouros; e os Xpãos q̃ dentro stavão depois de m.tos trabalhos e mortes; e sem esperança de Soccorro, a derão aos Mouros com partido das vidas, e desde este tempo a tornarão a posoir os Mouros, té o tempo q̃ o Mestre a tornou outra vez a tomar pella maneira assima dita.

Cap. 7.º

Cap. 7.º De como o Mestre de Santiago D. Frey Payo Correa tomou aos Mouros Paderne, e governou todas as terras que no Reyno do Algarve lhe tinha tomadas, se virem em poder dos Reys de Portugal.

Ruy de Pina na Cronica assima dita Cap. 10.
C. Pedro de Meiros no mesmo lugar.

Logo que o Mestre se vio em posse pacifica da Cidade de Silves pella maneira assima dita, por no Alcacer della boa gente de guarnição; porque os Mouros que nella ficavão não ousarem rebelar, ou tornar atras do que com elle tinhão capitulado. Proveoa tambem de todo o necessario, desejando que a terra se fosse melhorando; pella Comarca e Sitio que nella via; o que acabado tornou logo a fazer seu caminho p.ª a fortaleza de Paderne, e depois de a ter bem cercada, mandou cometer aos Mouros que nella estavão, que lhe dessem livremente, e que elle lhe prometia de os fazer bem

com elles

com elles, como o tinha feito com os de Silves, os quais estavão em suas casas, e tinhão suas fazendas livres e contentes como estavão antes. Mas estes confiados em suas forças; e na boa fortaleza q̃ tinhão parecendolhe que se poderião bem defender não seguirão dar; pello q̃ o Mestre os mandou combater rijam.te em tal maneira q̃ em poucos dias a Villa e o Alcacer forão entrados. E por dous Cavalleiros da Ordem q̃ nestes combates morrerão, q̃ o Mestre m.to centio, não os quis o Mestre depois receber a algũ partido, nem usar com elles de sua piad.e costumada; antes mandou q̃ todos andassem a espada porq̃ o merecião.

Esta Villa Paderne, e sua fortaleza foi naquelle tempo cousa grande e nobre, segundo mostrão inda ao presente as Ruinas e vestigios, q̃ de seus edeficios ficarão. E alguñs escrevendo a razão de sua deminuição, dizem, q̃ por o citio se fazer por tempos doentio, e correrem nelle máos ares

m.tos

m.tos dos moradores se passarão a morar a Albufeira, por ser mais sádia, e estar junto do mar q̃ com sua abundancia, e lebaralid.e a todos favorece.

E he de saber q̃ todos os Lugares acima ditos, q̃ são Tavira, Silves, Aluor, Paderne, Salir, Estombar, e Cacela o Mestre de Santiago D. Frey Payo Correa Portugues de nação conquistou, e ganhou aos Mouros pella maneira acima dita, em tempo del Rey de Castella e Lião D. Fernando o 2.º deste nome, cujo vassalo era, estando por seu mandado por Fronteiro na Provincia Andaluzia, antes q̃ o dito Rey ganhasse aos Mouros a Cidade de Sevilha, em cuja tomada o Mestre tambem se achou prezente, e he de crer q̃ nella fez cavallarias dignas de sua pessoa. E tomada Sevilha El Rey D. Fernando não quis sahir mais della emquanto viveo, q̃ forão tres annos e meo; o qual tempo o Mestre por mandado do mesmo Rey D. Fernando

governou

gouernou as terras do Algarue acima ditas: a fora as suas do Mestrado que em Castella tinha. E por morte del Rey D. Fernando erdou o Reyno de Castella e Lião D. Affonso seu filho no Anno do Senhor de 1252, o qual teue grande familiaridade com o Mestre por sua mta Caualleria e uirtude; e lhe deu sempre mta parte de si e de suas couzas, e o mandou estar e rezedir no Algarue, pa conseruação e seguranca das terras que nelle tinha ganhadas; porque hauia no mesmo Reyno inda outras que estauão em poder dos Mouros.

Fim do Liuro segundo.

LIVRO TERCEIRO

Que trata de como o Reyno do Algarue veo em poder dos Reys de Portugal, e foy acabado de conquistar da maneyra que ora està.

Cap. 1.º de como a Raynha de Portugal Donna Briter foy a Castella, e pedio a El Rey Dom Affonso seu pay o Reyno do Algarue daquem mar.

Correndo a era de nossa geral redençaõ de 1252 e morto El Rey de Castella, e Leaõ D. Fernando em Sevilha, foi levantado e obedecido por Rey destes mesmos Reynos, e Principe D. Affonso seu filho, o decimo deste nome; q̃ foy chamado o Sabio, na

Cidade

Cidade de Seuilha, auendo tres annos em q̃ fora tomada aos Mouros. Este Rey D. Affonso foi nobre de condição, liberal, virtuozo, Cavalleiro, e letrado; emtanto q̃ escreueo as sete partidas; compôs as Historias geraẽs; e hum liuro intitulado Thezouro; e fes as taboas q̃ de seu nome saõ chamadas Alphonsinas, estaua neste tempo o imperio Romano vago, por morte do Emperador Federico; e ouvindo os eleytores a fama deste taõ illustre principe; salida por todas a expandade de suas grandes virtudes, e excelencias escolheraõ-no p.ª esta suprema dignidade, delle bem merecida no anno do S.r de 1255. como quer que depois arrenunciou a rogo do Papa Gregorio decimo; por paz do pouo Christaõ que m.tos annos antes; nem a Igreja, nem o mesmo Imperio tinha, pello qual naõ he menos de louvar; que do mais que nelle hauia. Este Rey de Castella D. Affonso, e Christaõ; casou hua filha, por nome D. Brites a q̃ m.to queria, com D. Affonso Rey de Portugal o terceiro deste nome, que primeyro fora Conde de Bolonha, e com ella lhe deu m.tas Villas e Castellos em dote da qual

ouve

ouue o principe D. Dinis q̃ depois ther socedeo no Reino, e outros filhos, e filhas. E conside-rando que ElRey D. Affonso o 3.º como em seu Reino de Portugal naõ tinha já lugares alguns q̃ conquistar; porq̃ os Reis seus antepassa-dos sendo muito solicitos; cada hũ em seu tempo fizeraõ ta crua guerra aos Mouros, q̃ possuiaõ a maior parte delle; q̃ m.tos delles vencidos, e mor-tos, e outros fogidos pera outras Prouincias, foraõ constrangidos a lho deixar em paz, desejaua m.to naõ lhe faleçer esta occasiaõ; assi p.ª acresen-tar em seu estado, e honra, e naõ pareçer somenos delles; como principalm.te pera nisso seruir a Deos Nosso S.r e se mostrar zeloso de sua fé uerdadeira: Com isto lhe ueo a memoria q̃ o Mestre de Santiago Correa tinha ganhado no Reino do Algarue as terras a tras ditas no segundo liuro, q̃ eraõ da Conquis-ta, e senhorio de Castella, em q̃ auia inda ou-tras m.tas em poder dos mesmos Mouros; determinou sabiam.te pedir estas terras e conquistas, a ElRey seu sogro, de cuja liberalidade, e nobreza, nada duuidaua, pella experiencia que

tedo

todo omundo de suas obras tinha. Deste
pensam.^to deu parte á Raynha D. Britis
sua molher, aqual o confirmou m.^to mais
nelle; e logo ambos antre si detriminaraõ
q̃ ella fosse acorredorra deste negocio, e lo
mase o trabalho de hir em pessoa a Castela
visitar. ElRey seu pay, e de parte de seu
marido, e sua, levase esta embaixada.
E por q̃ nisto naõ ouvesse mais dilla-
çaõ, foise logo prestes; e entrando por
Castella achou ElRey seu pay em Toledo,
o qual com sua ida foi mui alegre; e a re
cebeo com m.^ta honrra, e contentamento
porq̃ lhe tinha grandes amor, e sempre lhe
mostrara per palauras e obras. Passados de
pois disto alguns dias, estando a Raynha
só praticando com elRey seu pay em cou
zas de sua pessoa de que elle mostraua ter
m.^to gosto: lhe dixe q̃ ella de seu marido
tinha ja m.^tos filhos como elle bem sabia,
e q̃ Portugal era pequeno p.^a os agasalhar
a todos; com outras palauras e rezoẽs que
seu desejo, e necessidade naquella hora lhe
apresentaua

apresentaua pello q dizparte del Rey seu marido sua e de seus netos pedia Requisese dar as terras q o mestre de Santiago D. Payo Correa tinha ganhadas aos mouros no Algarue com a mais conquista do mesmo Reyno a firmandolhe q tirado aparte os desejos q tinha de o uer e tomar sua benção esta fora a cauza de seu caminho. ElRey q de seu proprio natural era largo e magnanimo (posto q visto lhe de alguns mal julgado) ouuindo a peticão de sua filha a q m.to queria, e as boas razões q em sua cauza alegaua mostrouse disso alegre e contente, e sem mais dilações lhe mandou passar carta patente selada na qual fes doação p.a sempre a ElRey de Portugal D. Affonso seu genrro, e a todos seus decendentes, do Reyno do Algarue com todas as terras ganhadas e por ganhar q nelle hauia. Com lembrança desta boa obra quis que o mesmo Rey de Portugal e seus filhos ficassem obrigados em sua vida delle som.te a lhe dar sincoenta caualleiros dajuda todas as uezes q elle os pedise contra os Reys de Espanha

Depois foi desta doação e doutras aceitado em cortes de Valhadolid.

comq

como elle tiuesse guerra, e porq este Rey
de Castella D. Aº folgaua m.to com a vista
e conuersação da Raynha D. Brites sua filha
pella grande affeição q lhe tinha não lhe deo lugar
q logo se tornasse a Portugal como ella quizera,
pello q ella mandou a ploniração asima dita
al Rey seu marido, o qual a estimou tanto co-
mo antes a desejaua. Mandoulhe tambem ou-
tras com ella do mesmo Rey q. o Mestre D. Payo
Correa, e q. outros nobres Caualleiros q em sua
companhia no Algarue andarão, pellas qua-
is lhe notificaua a doação q al Rey de Portugal
seu genrro, e a seus desçendentes fizera, e lhes
mandaua q asim a comprisem.

Cap. 2.º de como El Rey de Portugal D. Affonço o 3.º deste nome, acresentou o escudo de suas Armas, e intitulou primeiramente Rey do Algarve

Recebida a doacção assima dita por El Rey de Portugal D. A. com m.ta alegria e alvoroço por ser cousa q̃ m.to dezejava nã tardou em adar a execução, mas logo a fes saber ao Mestre D. Payo Correa, e a todos os outros nobres Cavalleiros q̃ em sua Companhia andavão, mostrandolhe as provizoes del Rey de Castella seu sogro, q̃ sobre isto lhe mandara, e todos geralm.te se mostrarão m.to contentes, em especial o Mestre D. Payo Correa que era Portugues de nação, o qual posto q̃ vassallo del Rey de Castella sempre se mostrou grande servidor e amigo assim del Rey D. Sancho sobre nome Cappello, como tambem deste Rey

D. A.

D. Aº seu Irmão q̃ depois o tomou por Com-
padre em agradecim.to destas amizades.
Pello q̃ logo sem mais dilação assim elle
como os mais Caualleiros por uirtude dos p(...)
uiroes assima ditas entregarão o Reyno do
Algarue a ElRey de Portugal, com todas as
fortalezas, Villas, lugares, e terras q̃ nelle
erão ganhadas aos Mouros, e a conquista das
q̃ estauão por ganhar, metendo-o em posse paci-
fica delle com todas as ceremonias, e solenidades
ao caso necessarias. E o mesmo Mestre D. Pa-
yo Correa pello amor q̃ a ElRey e á sua nação
tinha se ficou em sua companhia por algũ
tempo, e como seu vassalo o acompanhou e aju-
dou a conquistar os mais lugares do Algarue,
como adiante em seus lugares se uerá. Isto
feito logo el Rey entendeo em ornar o escudo
de suas Armas reais com insignias deste
nouo Reyno q̃ acrescentara á sua Coroa,
e tão bem o titulo de sua potencia em suas
prouisoes e embaixadas q̃ aos Reys estranhos
mandaua, entitulandose nellas primei-
ram.te Rey de Portugal, e do Algarue da
quem

quem mar: do escudo dos Reys seus ante-
passados tirou hũa cordão de purpura com seus
nós q̃ o cercaua em torno, e atrauessaua
quatro vezes em sinal de fortaleza, e de nã
poder ser entrado, e acresentou nelle hũa
orla larga da mesma purpura, e castellos
dourados com q̃ estas Armas ficarão m.to ma-
is fermosas e ricas. Sobre o numero destes
Castellos ha nesta pequena variadade nas
memorias antigas, porq̃ em alguns sellos
das doações deste Rey q̃ inda durão se achão
oito .S. hũ em sima, e outro embaixo, e tres em
cada hũa das illargas, e noutras partes catorze
pello q̃ ficamos entendendo q̃ á cerca disto nã
se teue respeito as Castellos q̃ lhe forão dados
juntam.te com o Reyno do Algarue, (donde
se tomou o motiuo desta alteração) os quais e-
rão sette .S. Cacela, Tauira, Paderne, Estom-
bar, Silues, Albur, e Salir, mas se deixou sem-
pre ao juizo dos pintores, e outros officiaes a que
a obra se cometia. Parece isto bem claro alem
do assima dito nos sellos del Rey D. Diniz
seu filho, nos quais se achão des; nos de D. Joaõ

o V.º

o 1.º, 46. nos de D. Manoel 13., nos de D. João
o 3.º 14., em outros 7., e este he o n.º q̃ agora
serua nos del Rey D. Sebastião: o qual he
mais conueniente por m.tos respeitos, porque
nas Armas delles melhor parecem. O mo-
tiuo q̃ el Rey D. A.º teue p.a acrescentar suas
armas, foy a posse q̃ tomou deste nouo Reyno do
Algarue q̃ á Coroa de Portugal ajuntou como
já he dito, e o q̃ nellas acrescentou nos foi sem
m.ta consideração, e conueniencia como a tal prin-
cepe conuinha porq̃ a Orla uermelha poz em
lugar do fordão de purpura com q̃ o primeiro
Rey D. A.º Henriques as cercou em sinal
do m.to sangue portugues q̃ na conquista
deste Reyno a nossa nação derramou por
a fé de Christo nosso Redentor quando o li-
bertou e tirou das mãos dos Mouros infieis, em
cujo poder estaua hauia mais de quinhentos
annos. E os Castellos q̃ na Orla meteo (porq̃
estes são as Armas de Castella) acrescentou por
respeito da Raynha D. Brites sua molher
filha del Rey de Castella D. A.º o decimo deste
nome, (que foi eleito Emperador.) Em me

moria

moria dobeneficio recebido aq̃ os portugue-
zes segrezarão sempre nam serem pouco agra-
decidos. E pois esta escriptura meobrigou
atratar dealguã parte das Armas donosso
Reyno pareceo q̃ olugar conuida eanatureza
mo pede nam deixar amateria imper-
feita, mas q̃ satisfaçamos nesta parte aos
coriozos entendimentos, desejozos dealcançar
ascouzas em sua perfeição, aomenos q.to he
possivel p.a oq̃ seruirão os Capitolos se
guintes.

Cap. 3.º das Armas do 1.º Conde de Portugal D. Henrique tronco he Origem donde procedem todos os Reys delle.

Nam ha menos opinioes antre osnaturaes acer-
ca das Armas q̃ oprimeiro Conde de Portugal Dom
Anrique trouxe quando desua patria veyo, q̃ emtodas
as outras couzas antigas deste Reino, eacauza disto
cuido nam ser outra senam amt.a barbaria naquelles
tempos

Garibai Li. 34.
Lucio Marineo
Li 6.

tempos, eapouca coriozidade, q̃ sempre os Portuguezes
tivemos em a solldar nossas obras, e por em me-
moria o q̃ depoij importa, e desejamos saber.
Deste nas pequeno descuido tomarão ocasião al-
guns estrangeiros q.ª se nos entrarem por cara
e quererem saber mais, e reprehender as faltas
della, q̃ os proprios moradores afronta sem duvida
nas pouco de sentir, mas digna de perdão pois
(como digo) nosso sobejo silencio nesta parte os fez
fallar aelles, e licenciar a pena com tanta ousa-
dia em materia q̃ aos naturaes mais pertem-
cia.

Vindo pois ao nosso proposito, diz o Autor da
Coronica do primeiro Rey de Portugal D. Aº
Henriques, q̃ o Conde D. Henrique seu pay,
(de q̃ fallamos,) quando de sua patria sahio, e
veyo a nossa Espanha traria no escudo de sua no
breza campo branco sem outra couza algũa.
Nas falta aquem isto faça duvida respeitan-
do sua pessoa, q̃ todos afirmão descender de
alto sangue de Reys, e Principes de diversas na
çoẽs, os quaes nas costumão trazer seus es-
cudos desacompanhados das armas das suas
geraçoẽs

gerações donde procedem: lhe não pomos seguraros. Mas a esta objeição se pode facilmente satisfazer com a consideração das excelencias que concorrerão em sua pessoa. Porque como fosse mancebo de altos pensamentos, quando sahio de sua terra, em companhia de outros dous dos mesmos quilates, de que as Coronicas fazem larga menção, todos desejosos de mostrar seu valor, e esforço contra os Mouros imigos de nossa fé, sendo erão senhores de muita parte de Espanha, não quis este tomar as armas de seus avolorios, (assim creyo que o fiserão tambem os outros,) mas trazer seu escudo com campo branco detriminando elle por si fazer obras com que o ornasse de brazões dignos de seus merecimentos, porque estes são os mais excellentes, e que se trazem com mais gosto. E não foi esta invenção noua no Conde D. Henrique, porque muitos annos antes delle, lemos do esforçado Vuifredo 3.º Conde de Barcelona, que ajudando ao Emperador Luis Balbo nas guerras que trouxe com os Normandos, onde fes proezas estranhas, com que ganhou muita honra e credito para sua pessoa, sahindo hum dia da batalha muito ferido se foi ao Emperador, e mostrandolhe em o ar- Brazões dos Condes de Barcelona.

mes

nes com q̃ pelejara seu escudo sem diuiza algũa
mais q̃ o campo dourado, lhe pedio q̃ lhe desse ar-
mas p.ª elle, e seus successores. O Emperador
chegandose a elle alegre de uer seu grande es-
forço, molhou os quatro dedos da mão direita
no sangue q̃ de suas feridas corria, e fes com
elles no escudo quatro rayas dalto abaixo dizen-
do: estas serão uossas armas Conde.

Outros escreuem q̃ traria o Conde em seu
escudo Escũ Crus azul cor de Ceo, q̃ o atrauessa-
ua dalto abaixo, e duma ilharga a outra, e desta
opinião são os mais, mas não ha na origem ou
rasão della menos deficuldade q̃ na de cima;
porq̃ sabemos não serem estas as armas dal-
guns seus auoengos, posto q̃ m.tos lhe dão. Alta
se lhes ponde q̃ tão bem estes falhẽ uerdade nis-
to q̃ dizem, porq̃ como este Conde D. Henrique
depois de carado, e estar em Portugal passasse
em companhia doutros m.tos Christãos principes
em soccorro da terra santa; q̃ quatro ou cinco
annos hauia fora tomada pellos Christãos aos
Turcos, e hauia inda entre nos, e elles cada dia
grandes batalhas; e recontros, dizem todos os au-
tores

tores que desta materia tratão que o Papa Urbano 2.º que apta Santa empreza os moveo, lhe deo este Sinal da Crus por armas, e insignia de sua empreza com cuja virtude fossem mais fortes que todos os imigos. Deste Santo e Victorioso Sinal se contentou tanto o Conde D. Henrique, que p.ª nobreza sua, e de seus descendentes não quis outro senão aelle, sobre o Campo branco que antes trazia, crendo firmemente que com elle distruiria os Mouros que em seu Condado lhe tinhã occupadas as mais de suas terras, e os deitaria fora delle, como na terra Santa donde elle foy vira por experiencia pouco tempo havia. E não se enganou o Conde, nestes seus pensam.tos da confiança (segundo depois pello tempo sabemos que aconteceo;) porque assim o costuma fazer Deos nosso Senhor, com aquelles que só nelle poem suas esperanças, e as tirão do Mundo, e das suas cousas.

Cap. 4.º

Cap. 4.º das Armas q̃ El Rey Dom Affonso Henriques o 1.º de Portugal tomou em principio de seu Reyno, e da occaziaõ q̃ p.ª isso teue.

El Rey D. Affonso Henriques o primeyro de Portugal, naõ trouxe outras armas em seu escudo mais q̃ as de seu pay o Conde D. Anrique, q̃ como fica dito era hũa Cruz azul em campo branco, té q̃ no Campo dourique, foi leuantado por Rey de Portugal por todos os de seu exercito, da maneyra q̃ em sua Cronica lemos. Mas depois q̃ neste lugar com ajuda e fauor de Xp̃o redentor nosso, que lhe apareceo no Ceo, uenceo os cinco Reys Mouros com quem estaua em Campo, logo tratou de tomar nouas armas, significadoras naõ só desta grande Victoria, mas tambem dos meyos por onde a alcançou, que foraõ as insignias de nossa geral redençaõ, com que Xp̃o nosso Redentor lhe apareceo. E primeiram.te repartio a Cruz azul q̃ seu pay

o Conde

os onde antes traria em sinco escudos pe
quenos, à honrra e Reuerencia das sinco cha-
gas; e em memoria dos sinco Reys vinci-
dos, ordenando-os em maneira, q̃ elles
mesmos ficacem fazendo a cruz antiga;
e meteo nellas os trinta dinheiros, porque
nosso Redentor em sua sagrada paixaõ foi
uendido. O modo q̃ nisto teue foi naõ me-
nos deuoto, q̃ delicado, e curiozo, (e porisso de
poucos entendido,) porq̃ fes delles hua ini-
gma, e historia abreuiada; cousa aq̃ os Reys
de Portugal seus successores sempre foraõ in-
crinados no tomar de suas insignias. Isto fes,
metendo treze dinheiros em cada escudete, re
partidos de tres em tres, e na ponta mais baixa,
hum só; e desta maneira se acha ainda ao
prezente nas armas deste Rey; q̃ El Rey
D. A.º o quarto mandou pintar, com o Retra-
to do mesmo, Rey, tirado ao natural, e pôr na
Cappella mor da Sé de Lisboa, em q̃ se man-
dou sepultar; onde estiueraõ com os Retratos
dos outros Reys de Portugal, da mesma ma
neira tirados, té nossos dias, q̃ o Cabido man-
dou

lou fazer Coro na mesma Cappella mor, en-
tão se tirou della esta curiosa antigualha, ea le
vou ... Brandão Provedor das Capellas
deste mesmo Rey D. Aº, com que agora tem orde-
nada sua ante camara, que (segundo elle diz) es-
tima mais que o seu morgado. O primeiro segre-
do destes treze dinheiros, he, que elles com o mesmo
escudete em que estão significão os treze Reys Mou-
ros com seu Emperador Miramolim de Mar-
rocos que este Rey D. Aº Anriques, venceo edes-
baratou tendo elles cercado seu filho, o Principe
D. Sancho, na Villa de Santarem, a qual foi hua
das mais abalizadas vitorias que algũ dos princi-
pes Xpãos, tẽ aprerenta de seus inimigos alcan-
çou, de que tenhamos memoria.

Ha outro segredo no numero destes dinhei-
ros, e he, que com serem no mais de treze; significão
trinta, e por tantos se contão, porque os tres da primeira
ordem, não servem mais, que de dar a entender, e mos-
trar que os dez, que abaixo delles estão, se hão de contar
tres vezes, e desta maneira ficão sendo trinta em
cada escudo, como tão bem os sinco que lá agora
metem em cada hum; não fazem mais de

vinta

uinte e sinco, e q.ᵃ q̃ facaõ trinta em numero, a
uemos de contar o do meio duas uezes. Ordenouse
isto assi, naõ só porq̃ comterem treze signi fi-
caõ o uencimento dos treze Reys acima ditos;
mas taõbem por euitar o grande numero de
trinta, q̃ nos escudos por serem pequenos, naõ
pareciaõ bem, e se contaõ com di ficuldade: e com
tudo isto alguns menos considerados os pore-
raõ todos, como em alguãs partes o uemos,
regendosse pollas palauras da Cronica deste
Rey, sem mais outra consideraçaõ, a qual diz
q̃ tomou por parte de suas Armas, trinta di-
nheiros, deixando a ordenança disso a quem
pertencia. Pollas bordaduras do escudo prin-
cipal, mandou este Rey D. Aº Anriques, deitar
Eũ cordaõ de puro com seus nós, q̃ depois
de o cercar em torno, atrauessaua pollo meyo
duas uezes em Crus: o qual em ser uermelho,
mostraua o mũ. sangue, q̃ na conquista des-
te Reyno se derramou pollo q̃e de nosso Re
dentor donde estas Armas tomaraõ seu prin-
cipio: e pellos nós e sirculos delle, sua forta-
leza, e a confiança q̃ os Reys de Portugal

deuem

deuem ter de nã serem uencidos de seus imigos, por uirtude deste sinal saudauel da Santa Cruz.

Nã erã naquelle tempo estes escudos assi o mayor, como os menores do mesmo talho q̃ agora os uemos, mas á maneira de grandes paueses com ferroẽs agudos nas pontas debaixo, por q̃ os q̃ assi se combatiã, os ferrauã em terra, p.ª detras delles pelejar, e nã uoltar atras, sem primeiro arriscar a uida, e os hiã mudando adiante, todas as uezes q̃ lhe era possiuel, ap q̃ hiamos ganhar terra aos imigos.

Cap. 5. das Alteraçoẽs e mudanças q̃ ouue no escudo das Armas Reais de Portugal, desde o primeiro Rey D. Aº. Anriques, q̃ as tomou; tè El Rey D. Sebastiã que ao presente Reina.

Da maneira q̃ acima he dito, permaneceraõ as Armas Reais deste Reyno de Portugal; sem mais alteraçã alguã q̃ de notar seja, em tempo

em tempo do mesmo Rey D. Aº. Anriquez que
a tomou, e de seu filho D. Sancho o primeiro
deste nome; e de D. Aº. 2º. seu neto, e de D.
Sancho 2º. seu bisneto, té chegarem a D. Aº.
tambem seu bisneto, q̃ primeiro foi Conde de
Bolonha. Este Rey D. Aº. 3º. deste no-
me, por rezão do Reyno do Algarve q̃ à Coroa
de Portugal acrecentou, tirou do escudo Real
a Cor dos de purpura, q̃ o cercava, e em seu lugar
pôs a orla larga da mesma cor, com Castellos
dourados q̃ agora lhe vemos, como ja no capitulo
segundo fica apontado.

O primeiro Rey q̃ depois de D. Aº. o 3º.
acima dito fes alteração nas armas Reáes,
foi D. João de boa memoria o primeiro deste
nome, o qual como antes de ser Rey era Mes-
tre da Ordem dos Cavalleiros, q̃ em Castella
se chamão de Calatrava, e em nosso Portugal
de Avis, ainda sendo Rey não deixasse o mes-
trado, quis pôr nas armas Reais hũa lembrança
disto, e por esta causa meteo a comenda de Avis
no escudo Real, enfiando os cinco menores na
aspa della; de maneira q̃ ficava com as pontas
(que

(que sao as flores de Lirio) na orla de todas as quatro partes.

Tambem reduzio os dinheiros ao numero de sinco em cada escudete, como agora os vemos, dos quais q. faremos trinta a uemos contar os do escudo do meyo duas vezes.

ElRey D. Duarte o 1.º deste nome, pôs detras do escudo das Armas Reaes, a Comenda de Avis, q seu pay ElRey D. Joaõ o 1.º, pos na diantseira, de maneira q só as pontas della aparecia por detras na orla, e em todo o mais as deixou como antes estavaõ.

ElRey D. Joaõ o 2.º tirou de todo a Comenda de Avis, do Escudo Real: e considerando q os dous pequenos das Margas iazendo deitados parecia quebra, e perdim.to de batalha nas Armas Reaes: conforme as Leis dellas; mandou-os erguer e por direitos, como agora os vemos. Nes

ta

da forma q̃ he a mais perfeita, e q̃ melhor parece, a trouxe depois ElRey D. Manoel o primeiro; e ElRey D. Ioaõ o 3.º e a traz agora ElRey D. Sebastiaõ o primeiro, cuja vida e estado Real nosso Senhor Deos prospere por muitos annos, pera nestes Reynos, e em todo o mundo lhe fazer grandes seruiços. Amen.

Naõ pouco me pareceo fora de proposito tocar aqui breuem.te a excellencia, fortaleza, e esforço q̃ Deos nosso S.r tem dado por virtude destas santas armas aos Reis de Portugal, logo desdo seu principio tè os tempos presentes; e assim temos confiança q̃ serà tè o fim do mundo. E desta gloria (se assim se pode chamar) o principal cabe ao deuotissimo, e Magnanimo Rey D. A.º Anriques tronco e principio dos de Portugal; porq̃ a elle como fundam.to desta Casa Real appareceo Xpõ nosso Redentor Crucificado estando para romper batalha com sinco Reis mouros, e o a segurou da Vittoria de cujas insignias elle entendeo q̃ lhe conuinha armarse contra

os inimigos

osimigos daquelle S. q̃ em tal tempo lhe a-
parecera: e as principios dos Santos eglorioss
como estes não podia deixar desuceder og
agora uemos. Do Emperador Constantino
o Magno escreue Eusebio em sua Historia
Ecclesiastica q̃ stando em campo contra
Maxencio Emperador tirano lhe aparecco
no Ceo como sinal da Cruz, e ouuio vozes
de muitos Anjos q̃ diziaõ: Constantino co
este sinal venceràs: e assim foi q̃ toman-
do elle logo este sinal feito depeala, e ouro
e fazendo-o leuar em seu exercito como pen-
daõ real, naõ sò uenceo os inimigos, mas di
emdiante foi hum dos abalizados principes
q̃ a Igreja Catolica teue. Tãobem do glori-
oso São Martinho Bispo Turonense se lê
q̃ como o Emperador Julliano o Apostata
lhe atribuisse a medo, e couardia, o naõ que-
rer exercitar o officio de Tribunado q̃ seu
pay na sorte tiuera, lhe respondeo com gran-
de constancia. Porque naõ separasse que
o engeitar tu a Caualleria menaua de me-
do e couardia como dizes, e naõ de zello, ea
mor

mor de Religiaõ Christã, amenhã verás q̃ armado naõ de ~~[illegible]~~ Armas de ferro; ou aço, mas sóm.te do sinal glorioso da Cruz de meu Senhor Jesu Xpo entrarás por meyo dos inimigos taõ seguro, e sem temor como agora aqui me vês diante de ti. Naõ he pois de maravilhar se como foi o bom Rey Dom A.º Anriques armado deste mesmo sinal e taõ bem das sinco chagas, e mais insignias da paixaõ de Xpo nosso Redentor como q̃ no Ceo lhe apareceo, venceo sinco Reys mouros numa batalha; e noutra ao Emperador Miramolim de Marrocos com treze Reys q̃ em sua companhia vinhaõ; e isto naõ com multidaõ de soldados, e monições de guerra q̃ em seus exercitos naõ traria, nem com tiros, bombardas, e outros artificios de fogo que inda naquelle tempo naõ havia, mas com poucos Portuguezes, e astas os forçados que em seu pequeno, e novo Reyno tinha; os mais delles armados de seus proprios vestidos com bestas, lanças, m.tas dellas de pao de q̃ inda naõ faltaõ relliquias, e

espadas

espadas largas de quatro palmos em comprido com cabos de Cruz que eraõ os melhores daquelle tempo, porque tudo claro mostra naõ serem isto só m.to obras humanas, mas tambem grandes fauores de potencia diuina. E quem duuida hauerse estendido o Imperio dos Reys de Portugal tanto que vemos hoje suas quinas Reais postas em Oriente nos mais distantes terminos da terra, e lá serem sujeitos tantos Reys de diuersas leitas da gentilidade conquistados por taõ largos e perigozos mares, senaõ por virtude e respeito destas santas insignias da nossa Redempçaõ, despostas compostas, e ennobrecidas suas Reais armas? que forças, que poder humano foraõ bastantes para emparteis taõ remotas de nosso Portugal q̃ ficaõ sendo os mais distantes polos q̃ nosso Deos criou no mundo p.a combater, sujeitar, e fazer tributarios passante de vinte Reynos cujos nomes aqui quero por pera mor testemunho desta verdade, que saõ

O Reyno

O Reyno de Goa.
O de Ceylaõ
O de Malaca,
O de Cochim,
O de Pimenta,
O de Samorim,
O de Cananor
O de Mangalor
O de Onor
O de Bracalor
O do Idalcaõ
O de Zamaluco
O de Cambaya,
O de Ormus
O das Ilhas de Maldiua
O de Mellinde
O de Mombaça,
O de Narsinga
O de Moçãbique
O de Sofala.

Com outros muitos degente barbara, eindomita; todos osquais estauaõ emsuas terras, eReinos, fauorecidos huns dos outros, edetodo onecessario ã vida,

vida humana; e la os fomos abuscar; descobrir; e a força de ferro, e fogo sogeitar; e se isto nos forao obras da mao direita do mui alto; que a nossa naçao Portugueza, esquecida nesta ultima ourela da terra; quis engrandecer desta maneira: Pello que tenho por m.to acertado nao se fazerem mais alteraçoes, ou mudanças nestas Reais armas; posto q o tempo deu nos poucas ocazioens p.a isso (como aqui vemos:) porque nao misturemos as couzas profanas com as divinas; e fiquemos sempre entendendo, que a gloria de nossas victorias, nos as alcansamos tanto por nossas forças, como pello socorro divino; dado a nos por virtude da Crus, e chagas santissimas; que os Reys de Portugal trazem em suas armas Reais: com isto bastantes a conquistar todo o mundo.

Cap. 6.º

Cap. 6.º de como El Rey D. Aº de Portugal, depois delle ser dado o Algarue, foy sobre a Villa de Farão q. era de Mouros, e lhe pos cerco, onde o Mestre D. Payo Correya seueo tambem ajuntar com elle.

Metido El Rey D. Aº em posse do Algarue, como assima fica dito, logo tratou de conquistar os lugares q̃ inda nelle stauão pellos Mouros; porque esta fora huã das causas q̃ o mouerão ao deseiar, e pedir a El Rey de Castella seu sogro. Para o q̃ mandou com grande deligencia ajuntar, e fazer prestes as m. gentes em seu Reyno; e como foi feito, se partio p.ª Beja, e dali p.ª Almodouar que he no campo dourique, e passou a serra pellas Cortiçadas, leuando seu caminho direito pera a Villa de Farão q̃ era do senhorio de Miramolim Rey de Marrocos. Nesta villa stauão dous Mouros principais. S. Aloandro q̃ a tinha da mão do mesmo Rey, e Bombarão seu Almoxarife, a quem pertencia arecadar os direitos q̃ os Mouros lhe pagauão no Algarue, e mandarlhos

mandarlhos a Africa a seus tempos ordenados. Estes dous Mouros, tinhaõ a Villa bem provida, assim de gentes q̃ nella continuamẽ. estavaõ, como tambem de mantimentos, Armas, e todo o mais ao exercicio da guerra necessarios; porq̃ era ella hum dos melhores de mar de todo o Algarve; e escala principal da Mauritania, em Africa. Dentro do Alcacer della tinhaõ huã fusta bem aderençada; a qual com engenhos, q̃ p.ª isso já feitos, deitavaõ ao mar per cima do muro: e com ella mandavaõ seus avisos a Miramolim em Africa, pedindolhe socorro; ou dandolhe noticia de como a terra estava; Sobre tudo isto a Villa era cercada de bons Muros, altos, e fortes, e por estas rasoẽs os moradores della viviaõ confiados, e com pouco temor dos Xpãos; parecendolhes q̃ suas forças, e a bondade do Lugar os defenderiaõ, se com elles entender quisessem. A este tempo o Mestre de Santiago D. Payo Correa estava no mesmo Algarve, e como soube da ida del Rey, logo se foi p.ª elle com todas suas gentes; esperou-o na Villa de Salir, antre Loule, e Almodouvar, onde ajuntandose ambos, o Mestre beijou sua Reverencia devida

deuida; e ElRey o recebeo com grande honrra, e sinais de m.to amor, porq eraõ já compadres, e seus seruiços Veromerecioõ. Desta Villa Almodouuar separtio logo ElRey com todo seu exercito ja posto em ordem, e chegando áuista de Faraõ, pareceulhe lugar forte, e bem pouoado, como o era; e q p.a o combater Ve era necessario força degente e bem ordenada. E portanto a primeira q fes em chegando, foi repartir em estancias todo o muro, aos principaes fidalgos, e capitaes q comsigo leuaua, com boa companhia degente, p.a q todos a hũ mesmo tempo de cem bateria aos Mouros per todas as partes, e naõ dessem lugar aos imigos de fazer hũ corpo, nem se poderem ajudar huns aos outros. A primeira estancia tomou ElRey p.a si, junto do Alcacer, q era o mais forte e perigozo, e ocupou todo aquelle lanço do muro q hia té a porta, q agora he chamada dos Freires. O segundo deu ao Mestre com toda sua gente, q foi desta porta dos Freires, té a porta da Villa. O terceiro deu a hũ Rico home e bom Caualleiro, (titulo q naquelle tempo naõ importaua pouco,) chamado Pero Estacho, ou

Estaço

Estaço, e foi da porta da Villa, té sua torre q̃ adiante està, q̃ depois foi chamada de Ioaõ de Boim. Neste mesmo Ioaõ de Boim, q̃ era pessoa de grande estima, deu ElRey outro lanço; .S. esta sua torre com tudo o mais que hauia té o Alcacer onde ElRey estaua. Alem destes Capitaẽs aqui nomeados, eraõ com El-Rey outros Caualleiros, e pessoas mui principa-ẽs do Reyno; .S. D. Fernaõ Lopes Prior do Esprital; o Mestre Dauiz; o Chançarel D. Ioaõ da Vinhes; Alem Soares; e Ioaõ Soares; e Gaspar Lourenço, e outros muitos.

Como ElRey teue a Villa cercada por terra, pella maneira assima dita, proueo logo (como prudente) sobre o q̃ lhe era necess.^ro^ p.^a^ o mar, por lhe tirar as esperanças de auerem socorro de Africa, nem doutra parte alguã; mandou chegar ábarra sua frota q̃ traria de Nauios, e Naos grossas; e ordenou q̃ os mais fortes, e bem armados entrassem no Rio, e se atra-uessassem no Canal delle; os quais mandou forrar de couro da banda do mar; porq̃ se por caso os imigos viessem, e lhe deitassem fogo, lhe podem

acodir

acodir antes q̃ se ateasse, e fizesse m.to mal. E desta maneira ficou a Villa cercada tambem por mar, o q̃ os Mouros sentiraõ m.to, e foraõ postos em grande cuidado, mas contudo mostravaõ esforço, com determinaçaõ de se defender.

Cap. 7.º De como El Rey D. A.º de Portugal combateo a Villa de Faraõ no Algarve; e a rendeo per força, e depois a deixou aos mesmos Mouros, ficandolhe tributarios, e com privilegios de seus Vassallos.

Feitas as deligencias acima ditas, mandou logo El Rey aos capitaẽs q̃ estavaõ repartidos pello muro, q̃ a certo sinal combatessem rijamente a Villa, cada hum pello lugar q̃ lhe era encarregado; os quaes o fizeraõ com grande esforço, e sem cançar, nem dar repouso aos Mouros, q̃ por se verem combatidos por todas partes, naõ se sabiaõ dar aconcelho, nem onde primeiro acodissem

acodissem. E como isto se continuasse de dia, e de
noute, por espaço de tempo, no qual os Xpãos ani
mados com a prezença de seu Rey, q̃ a miude
os incitaua, e es forçaua com suas boas pala-
uras e obras; matauão, ferião, e catiuauão
a muitos, não receando os perigos, e mortes
em que cada hora se uião. Os Mouros tão bem
por defenderem asi, e a sua patria, pelejauão
com grande esforço; e em mtos dos Xpãos, que
mais descuidados achauão uingauão sua ira:
mas como isto não fosse em comparação
dos danos, e mortes q̃ continuamte recebião,
sem esperança de socorro, ou fauor de parte
algũa, se não deuerem seus muros postos por
terra; e aelles entregues á furia dos imigos:
ouuerão antre si seu conselho, em especial
Aloandro, e Bombareo; e sahirão de dentro com
sinal de paz; pedindo q̃ os deixassem falar
a el Rey, com o qual comessarão a tratar de sa-
dar a partido. E sobre a conclusão deste negocio
se foi El Rey falando com elles té dentro da Villa,
polla porta que junto do Alcacer estaua; onde
tinha sua estancia, sem disso dar conta aos
do Arrayal

do Arrayal, nem aos fagitaes que em suas estancias residiaõ, acompanhado so com os dos de sua guarda, e dalguns outros que junto delle se achavaõ: E posto q̃ ElRey fez isto assim por tomar resolução no caso, com mais quietação, e socego dos seus, e inda q̃ podia aver diversos pareceres (como acontesse) contudo naõ foi sem grande perigo de sua pessoa; e pouca consideração do q̃ podia soceder; como logo direi. Neste caminho se acabaraõ de concertar o Alcaide, e Almoxarife com ElRey de lhe darem a Villa; com certas condições q̃ adiante direi, e meteraõ logo em posse do Alcacer com os q̃ elle quis, q̃ foraõ the des cavalleiros dos q̃ o acompanharaõ; sendo o mesmo Alcacer primeiro despejado dos Mouros principais assima ditos. O Mestre e os ~~Outros~~ fagitaes, achando ElRey menos do Arrayal; e sendolhe dito q̃ era dentro da Villa; naõ creraõ q̃ podia ser isto por seu bem senaõ q̃ fora enganado; e os Mouros lhe tinhaõ feito treiçaõ; e foraõ porisso m.to anojados; e correo logo esta nova por todo o Arrayal; de q̃ todos ficaraõ turbados sem saber o q̃ lhes conuinha a fazer. Com este impeto se determinaraõ logo

todos

todos a entrar a Villa por força; cada hum por onde pudesse; e sobre isso perder a vida pella liberdade de seu Rey, e os do Mestre num instante trouxeraõ soma de lenha; e com ella materiaes q̃. por fogo ás portas; e o combate se travou taõ de siso; q̃ os Xpaõs por entrarem a Villa; e os Mouros (que taõ pouco do concerto sabiaõ) por lha defender, morreraõ dambas as partes mais sem conto; q̃ em todos os encontros passados; e tudo isto causou a inaduertencia del Rey q̃ assima disse; o qual neste tempo andaua com o Alcaide, e Almoxarife ocupado em tomar posse do Castello, e fazello despejar dos Mouros; e ouuindo grande estrondo das Armas, e os alaridos dos Mouros q̃ no Arrayal, e porta da Villa soaua; ficou com grande sobre salto: mas sendo auizado da causa disto; subio a grande preça a sua torre do Alcacer; e mostrouse aos do Arrayal; erguendo o braço, e fazendo sinal de paz; e mostrandolhe as chaues da fortaleza, p̃. q̃ entendessem que ja estaua em posse della. E mandou logo recado ao Mestre, e aos outros Capi-

taẽs

tães do exercito, q̃ se quietassem, e naõ combatessem mais a Villa; dandolhe recado (que antes deuera fazer) do concerto q̃ com os Mouros tinha feito. O Alcaide Aloandro sahio tambem do Alcacer, e andou por a Villa socegando os seus, e dandolhe conta do q̃ com ElRey fizera, de que todos foraõ contentes; porq̃ bem ficaraõ entendendo deste derradeiro combate, que com os Xpaõs ouueraõ, q̃ se este remedio seu Alcaide taõ presto naõ buscara; peor lhe ouuera de sahir seu partido. E p.ª q̃ huns e outros ficacem mais seguros mandou El Rey deitar pregaõ por todo o Arrayal; q̃ nenhũ Xpaõ fizesse mal a algũ Mouro; inda q̃ elles andassem p.ᵃ; nem entrassem na Villa posto q̃ as portas as tiuessem abertas; saluo os Capitaes acompanhados dos q̃ elles quizessem: mas q̃ todos os mais se redissem em suas estancias, q̃ lhe eraõ assinadas. O concerto q̃ ElRey fez com os Mouros foy q̃ os q̃ se quizessem ir p.ª outras partes; o pudessem fazer logo com tudo o q̃ possuiaõ; e os q̃ na Villa quizessem ficar; lhes daua suas casas, fazendas, e herdades, com condiçaõ que

pagassem

pagasem a El Rey os mesmos tributos, e direitos, q̃ antes a Miramolim pagauaõ. E q̃ El Rey ficasse obrigado a os fauorecer, e defender, asi dos Mouros, como daqual quer outra naçaõ, q̃ lhes quizesse fazer mal; e q̃ os Caualleiros Mouros da terra ficasem por seus vassalos, e o acompanhassem quando lhe comprisse, e por isso lhes fizesse fauor, e mercê como os outros de sua Corte; e esta he a causa porq̃ os Mouros duraraõ em todo o Algarue mais de trezentos annos depois disto sendo liures, e Senhores de suas fazendas. Desta maneira cobrou El Rey D. A.º a Villa de Faraõ no mes de Janeiro da Era de Cesar q̃ entaõ corria de 1298, e de nosso S.or Jesus Xp̃o 1260.

Cap. 8.º De como El Rey D. A.º de Portugal foi sobre a Villa de Loule, e a tomou, e o Mestre de Santiago D. Payo Correa tomou Aljezur.

Naõ passaraõ m.tos dias despois da tomada

de

de Farao, ficando. ElRey logo mandou aparelhar suas gentes, p.ª hir sobre Loulé, q̃ estaua dali duas Legoas adentro pello Certaõ. Os Mouros desta Villa ja antes sabiaõ q̃ ElRey estaua sobre Faraõ, ebem suspeitaraõ que despois q̃ a tomasse, hauia dehir tambem sobre elles, pois os tinha taõ perto; pello q̃ començaraõ com tempo a afortalecer o Lugar, eprouelo detudo oq̃ lhe parecia ser necessario p.ª o Cerco q̃ esperauaõ. ElRey q̃ noutra couza naõ entendia, como uio suas gentes algũ tanto restauradas dos trabalhos passados; eaparelhadas p.ª os q̃ esperauaõ; partio de Faraõ com o Me. D. Payo Correa, ecom todo o seu exercito, e chegando a Loulé porlhe cerco, repartindolo seus Capitaes pellos muros da Villa q̃ eraõ fortes ebons; dando acada hum sua estancia como fizera em Faraõ: p.ª q̃ ao tempo descriminado juntam.te dessem bateria aos Mouros e entrassem aVilla seguidassem. Os Mouros aos primeiros encontros mostraraõ as força; epresumiraõ defenderse, edambas as partes hauia mortos, eoutros damnos

que

q̃ nestes conflitos costumaõ naõ faltar mas como ja tinhaõ os Coraçoẽs enfraquecidos, e q̃ Sabiaõ hauer acontecido aos de Faraõ seus vezinhos; e deseuerem sós, e sem esperança al-guã de Soccorro, naõ durou m.to seu esforço: e a villa foi entrada sem enfadarm.to de cerco, e elles postos à merci del Rey, q̃ delles ouue como com os de Faraõ. Entendo El Rey que o Mestre D. Payo Correa traria em Sua Companhia Caualleiros de m.to esforço, exercitados nos ardis da guerra, q̃ por elles serem tays, e se acharem os primeiros nos perigos e combates passados; eraõ ja mortos m.tos delles; mouido a piedade, e doendose da perda de taõ boa gente disse ao Mestre nesta Villa de Loule, que lhe pezaua m.to uer morrer taõ bons Caualleiros como comsigo traria; e q̃ naõ se acharia facilm.te outros taõ Singulares, e de tanto esforço, querendo taõ bem nestas palauras louuar ao Mestre, e mostrarselhe agradecido aos bons seruiços q̃ delle e de sua gente nos combates passados recebera. O Mestre como era Sabio e prudente, entendeo o porq̃ El Rey

dizia

Tornouse Loule em dia de S. Clemente, cuja inuocaçaõ he hua só freguezia q̃ agora tem.

dizia; e mostrando o bom animo q̃ p.ª suas
couzas tinha, respondeu lhe: Senhor naõ Ea-
jaes com paixaõ damor de de meus Cavalleiros
cujas vidas vistes acabar em seu officio, com
tanto merecim.to, pois asem pregaraõ em ser-
viço de seu Deos, e defensaõ da nossa fé
verdadeira. Esta perventura a falta delles
sentis, inda eu sou vivo, a quem naõ faltar
raõ outros tantos, a fora estes q̃ me ficaraõ
p.ª juntam.te com elles vos servir noutros mo-
res perigos q̃ os passados. Desta reposta mos-
trou ElRey receber m.to contentam.to; e pollhe
parecer q̃ ja a sua prezença naõ era necessa-
ria no Algarve, pois as fortalezas della
estavaõ providas de sua maõ, determinou par-
tirse p.ª Portugal como fes, e deixar nelle ao M.e
D. Payo Correa p.ª segurança dos Lugares toma-
dos, e tambem p.ª acabar de alimpar a terra da q̃lla
perdida gente; o q̃ o Mestre aseitou de boa
vontade por dar fim á Empreza daquelle Reyno,
q̃ contra o parecer de m.tos dos seus taõ prosperam.te
lhe succedera; Pollo que logo juntou seus
Cavalleiros, e correndo a terra contra o Cabo;

foy

Foi avisado q̃ a grande recova de Mouros hera
junta pella Serra; e huns diziaõ q̃ ajuntarse
com outros, p.ª consultarem antre si o que
lhe convinha fazer, pois viaõ Silves, Tavira,
e os mais lugares pellos X̃paõs: e outros affir-
mavaõ (o q̃ pareceo o mais verdade) q̃ hiaõ ho
Cabo p.ª Aljezur, a hũa boda q̃ eraõ convida-
dos, porq̃ os da Villa os sahiraõ a receber fora
quasi hũa Legoa; e elles vinhaõ seguros, sẽ
armas vestidos de festa. O Mestre como is-
to soube foi mui alegre; e seguiolhe o alcan-
ce, e havendo vista delles apertou com o de
Cavallo, e alcançando-os matou e cativou
quasi todos. E alguns q̃ escaparaõ acolheraõ-
se á Villa, e taõ acoçados hiaõ, q̃ naõ tiveraõ
acordo de fechar as portas da Villa pello qua-
l o Mestre entrou apoz elles, e se apoderou
da Villa com os seus; sem algũ partido dos
Mouros della. Tomado este Lugar Aljezur
naõ ficava em todo o Reyno do Algarve
outro em poder dos Mouros; senaõ Albofeira;
da qual se affirma havella ganhado aos
Mouros o Mestre Daviz D. Lourenço, em
tempo

tempo deste mesmo Rey D. Aº; mas não achei escrito se foi logo nesta conjunção, ou depois andando o tempo; a porcesta razão se dir q̃ a mesma Villa foi sempre, e he inda agora do Mestrado.

Desta maneira teue fim a conquista do Reyno do Algarue da quem mar de q̃ falámos a qual se começou em tempo del Rey de Portugal D. Sancho o 2º, pello Mestre de Santiago em Castella D. Payo Correa, Portugues de nação; Capitão mui esforçado, e grande guerreiro contra os imigos de nossa fé uerdadeira; da maneira q̃ no principio do 2º. Liuro fica dito, e se acabou no dicto Rey D. Aº o 3º, hauendo quasi quinhentos annos q̃ estaua em poder de Mouros, e contaminado com a cuja Ley de Mafoma. Durou esta Conquista pouco mais de uinte annos, no fim dos quais foi ajuntado a Coroa dos Reys de Portugal em q̃ com o fauor diuino confiamos perseuerára té o fim do mundo p.ª gloria do S.ºr Deus, e augmento de nossa S.ta Igreja.

Cap. 3º

Cap. 9.º De como o Mestre de Santiago D. Payo Correa se foi p.ª Castella, e p.ᵒʳ diuizões q̃ ouue veyo a Portugal o Infante de Castella D. Luis chamado Pontus, e o Reyno do Algarue foi posto em terceira em poder de D. Joseph de Boim, e de Dom Pedreanes Portel seu f.º Cavalleiros Portuguezes.

Acabada a Conquista do Reyno do Algarue pella maneira assima dita considerou o Mestre D. Payo Correa, q̃ ja em Portugal nella tinha f.to q mais se deuer, pois o Senhor Deos lhe comprira seus desejos, e uia os Mouros priuados do Senhorio do Algarue, e aos Xp̃aos restituidos á posse delle; pello q̃ pedio licença a El Rey de Portugal D. A.º f.ª se hir p.ª Castella a seu Mestrado: o qual lhe deu de boa vontade posto q̃ sentisse m.to sua auzencia, pollos seus bons seruiços e merecim.tos de sua boa pessoa

pessoa. E chegando a Castella deu conta a El Rey D. Aff.º o decimo de tudo o q̃ no Algarve era feito, e de como El Rey de Portugal seu genrro o tinha ja posto todo debaixo do seu imperio, do q̃ El Rey se mostrou m.to contente por lhe suceder tão prosperam.te sua empreza. Os principaes Senhores de Castella, com esta noua não ficarão m.to satisfeitos, porque tão bem o não forão da doação q̃ El Rey fizera do Algarve a Portugal, e disto se aprehendião, e inda penitenciarão depois nas Cortes de Madrid, e lhe estranharão todas as vezes q̃ isto lhe cabia em pratica; nem tinhão p.ª si q̃ El Rey de Portugal havia de cumprir as obrigações dos cincoenta Cavalleiros, mas q̃ havia de ser como a outra antiga do Condado de Portugal, que fora feita ao Conde D. Anrique. A estas murmurações e desconfianças pareceo a El Rey necessario atalhar com mandar a Portugal o Infante D. Luis seu Irmão, p.ª q̃ em seu nome pessoa tomasse jura

mento

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

mento e menagem a El Rey, que com
priria as condiçoẽs dadas a elle, e sobre isso
fizesse as mais deligencias q̃ p.ª sua
segurança lhe parecessem necessarias.
Veyo pois o Infante a Portugal com poder
bastante del Rey seu Irmão, e alem
de tomar del Rey de Portugal todas as
seguranças conformes ás condiçoẽs de
sua obrigação, p.ª mais onesta discul
pa del Rey de Castella p.ª com os seus,
que todos desconfiavão, determinou
deixar estas terras do Algarve, em al-
guã maneira izentas del Rey de Por-
tugal; e sojeitas ao de Castella, não por-
q̃ na verdade deixassem de ser suas, con-
forme a doação passada, mas q̃ por esta
ocaziaõ El Rey de Portugal tivesse
mais cuidado, e lembrança de com-
prir as obrigaçoẽs della, e o de Castella
não fosse notado de sobejam.te prodigo,
em dar as terras da sua Coroa sem
alguãs obrigaçoẽs, e segurança de se lla
não levantarem com ellas. Pera isto
en for-

enformandosse primeiro (como Eldelrei) da nobreza, poder, evirtude, (por q̃ tudo era necessario) dos Cavalleiros Portuguezes q̃ El Rey em sua Corte, e Reyno tinhaõ: entregouas a D. Joaõ de Boim, e a D. Pedreanes de Portel seu filho os quais eraõ pessoas de nobre e limpo sangue, e de grandes casas no Reyno; para q̃ as tivessem como fieis, com menagem e juramento que logo fizeraõ diante o mesmo Infante, e de todo o povo, q̃ quando El Rey de Portugal se descuidasse, eraõ compridas as condiçoẽs dos sincoenta Cavalleiros q̃ al Rey de Castella havia de dar, que elle com suas pessoas, e com as ditas Villas e Castellos o servissem inteiram.te, o q̃ El Rey de Portugal nesta caso era obrigado. E de tudo isto se fizeraõ escrituras, e autos publicos com todas as solenidades acostumadas.

Cap. 80.

Cap. 15. De como por diferenças que ouve entre El Rey de Portugal, e o de Castella, tornou a Portugal o Mestre D. Payo Correa com outros dous principaes fidalgos de Castella por Embaxadores, e das pazes q por seu meyo foraõ feitas.

Tornou o Infante D. Luis de Castella tendo concluidas as causas de sua vinda a Portugal despedisse del Rey e tornouse a Castella; e fes saber a El Rey seu irmaõ e a outros grandes do Reyno o q em Portugal deixaua feito, com o que El Rey se alegrou m.to, e os seus se mostraraõ algum tanto mais satisfeitos, mas El Rey de Portugal naõ o ficou assim, do rigor da terceira, com q os lugares do Algarve lhe ficauaõ, por isto ser fora das condiçoẽs da doaçaõ: ainda que

porentes

porentaõ e dissimulou pellos enfadam.tos q̃ sabia q̃ sobre isso passaua em Castella ElRey seu sogro; e ajuntandosse a isto outras diferenças, que sobre os termos e partiçoẽs dos Reynos de Portugal e Castella se leuantaraõ; foraõ estes dous Reys sogro e genrro postos em discordia; do q̃ o de Castella se daua por mais aggrauado. O q̃ sentindo a Raynha D. Brites trabalhou logo soldar estas quebras, com sua prudencia e uirtude de todos conhecida; e pode tanto com ElRey seu pay q̃ (dandosse elle por mais ofendido) elle foi o q̃ mandou a Portugal embaixadores de paz, a saber ao Mestre de Santiago D. Payo Correa, q̃ sabia ser especial amigo, e seruidor del-Rey seu genrro, e a D. Martinunes Mestre dos Caualleiros do templo nos tres Reynos de Espanha, e a D. Garcia adiantado mor do Reyno de Murcia, os quais uindo a Portugal, e tratando estas cousas por boos talores, e sem paixaõ, diante ElRey e seu Conselho acordaraõ antre si certas condiçoẽs, com q̃ ficaraõ em paz e amigos como dantes, e assentaraõ que pera que estas pazes durassem,

ElRey

El Rey de Portugal a seus filhos, e sucesso-
res livremente. q. sempre desspuzessem de
todas as Villas, Fortalezas, e mais terras do
Reyno do Algarve segundo fosse sua vontade
sem embargo de quais quer promessas con-
diçoẽs q) antre elles fossem postas; salvo da
ajuda dos sincoenta Cavalleiros, de q) o nom
desobrigarão, mas q isto ficasse na boa fé
e verdade del Rey, sem outra mais condição,
ou segurança algũa. Postas as couzas nesta
boa concruzão os Embaixadores se tornarão
a Castella satisfeitos e acharão a el Rey em
Badajos: o qual de tudo foi mui contente;
e confirmou as pazes, e concertos por seus
Embaixadores antre elle, e ElRey de
Portugal seu genrro feitos: e mandou
suas provizoẽs aos assima ditos D. João de
Boim; e Pedreanes Portel seu filho, pellas
quais lhe mandou q entregassem a ElRey
de Portugal D. Aº seu genrro, todas as Vil-
las, Castellos, e terras do Reyno do Algarve.
E pellas mesmas provizoẽs lhes levantou
as menajens, e todas as outras obrigaçoẽs,
e juramen-

e juramentos, q̃ a elle e ao Infante D. Luis em seu nome por razaõ do Reyno do Algarve tivessem feito; isto por carta sellada de suas armas reaes, feita em Badajos em terceira feira de 16 dias de Fevereiro da era de Xpõ nosso Redemptor de 1267. sobscripta per Philippe Pires secretario, que per mandado del Rey a fes escrever cujo theor he o seguinte

Provizaõ q̃ El Rey de Castella e Liaõ D. A.º o X. mandou a D. Joaõ de Boim, e a Pedreanes Portel seu f.º q̃ entregassem o Reyno do Algarve com todas suas villas, e castellos, a El Rey de Portugal seu Genrro.

D. A. pella graça de Deos Rey de Castela de Toledo, de Liaõ, de Galiza, de Sevilha, de Cordova, ~~de Almeria~~ de Murcia, e de Jaem. A vos D. Joaõ de Boim Mayordomo

del Rey

delRey de Portugal; eauos Pedreanes filho domesmo D. Ioaõ de Boim, saude, egraça. Mandamos auos firmemente, e outorgamos que uista esta carta deis, e entregueis ael Rey D. A.º de Portugal, ou aquem elle mandar, todos os Castellos do Algarue, q̃ saõ estes. Tauira, Loule, Santa Maria de Farao, Paderne Silues, e Aljazur, com todas suas pertenças, e com todos seus direitos, e com todas suas Rendas, e com toda aterra do Algarue, e seu senhorio; e se por uentura o dito Rey D. A.º for morto, ante que esta entrega seja feita; mandamos e outorgamos, auos, e acada hum de uos, que deis, e entregueis ao D. Diniz primeiro filho, e herdeiro desse D. A.º Rey de Portugal, ou ao outro seu Irmaõ, ou Irmã, se D. Diniz morresse antes q̃ esta entrega fosse feita; todos os Castellos, e toda aterra do Algarue, e todas as cousas sobre ditas. E nós sobre dito Rey D. A.º, quitamos pera sempre auos D. Ioaõ de Boim, e a Pedreanes uosso filho omenajem q̃ anós fizestes, sobre todos os preitos, e posturas q̃ foraõ postas, e escritas antre nós e D. A.º Rey de

Portugal

Portugal; e o D. Diniz e seus filhos, e filhas desse Rey de Portugal por razon do Algarve. E desdaqui adiante damos a vós, e a cada hũ de vós porquitos p.ᵃ sempre damenajem q̃ nos fizestes dos Castellos sobre ditos do Algarve, e de todos os preitos, e de todas as posturas sobre ditas que desaqui adiante nunca a vós, nem a outrem por nós sejais obrigados de respondar, de todas estas couzas sobre ditas, nem de nenhũa dellas. E dizemos e outorgamos e damos por direitos q̃ a vós e a cada hum de vós dando, e entregando os Castellos sobre ditos do Algarve, ao sobre dito D. Aff.ᵒ Rey de Portugal, e a D. Diniz, e a outro seu filho, ou sua filha desse Rey de Portugal, assim como sobre dito he; q̃ vós fazeis direito em o dar e llos entregar. E esse Rey de Portugal, e seu filho e sua filha fazem direito em os receber, assim como sobre dito he. E vós e cada hũ de vós fazeis todo o vosso direito desses Castellos; e sois livres damenagem q̃ a nós fizestes delles. E se desaqui em diante alguã carta, ou

cartas

cartas parecessem sobre estes castellos; ou sobre a menagem q̃ sobre elles fizestes; ou sobre os preitos e posturas q̃ foraõ feitas antes sobre o Algarue: nõ ualhaõ, e sejaõ cassadas, e naõ ajaõ nenhuã firmidoẽ. E esta carta seja firme, e segura para sempre, e nunca possa uir em duuida. Damos pois uos esta Carta aberta sellada de nosso sello de Chumbo, que tenhaes em testemunho. Feita em Badajos por nosso mandado terça feira dezaseis de Feuereiro era de Xpõ de 1267. = Milaõ Pires a fes escreuer.

Cap. 11.º De como El Rey de Castella D. A.º o 10.º quitou a ElRey de Portugal D. A.º seu genrro, e ao Inf.te D. Dinis seu netto, e a todos seus Sucessores a obrigaçaõ dos Cincoenta Caualleiros, em q̃ lhe eraõ por des feito do Reyno do Algarue, e o soltou a Portugal liure para sempre.

Nem ficou El Rey de Portugal inda satis

feito

feito delRey com esta doaçaõ, e entrega do Al-
garve, por razaõ das obrigaçoẽs, e tributo que
com elle lhe ficava dos cincoenta Cavalleiros,
nem se tinha por senhor absoluto delle em
quanto ella durasse, pello q̃ considerando m.tas
vezes os remedios q̃ nisso seria, acordou com
conselho da Raynha D. Brites, q̃ em tudo
o ajudava, mandar o Infante D. Diniz
seu primogenito, a seu Avò ElRey de Cas-
tella, e por seu meyo lhe pedir, q̃ lhe soltasse
esta obrigaçaõ, q̃ m.to sentia, affirmando-
lhe (como era verdade) que por esta manei-
ra o teria mais obrigado p.a tudo o q̃ delle
em qual quer tempo lhe cumprisse. Isto
puseraõ logo em obra, porq̃ o Infante
(posto q̃ inda moço) ja estava em idade
p.a poder caminhar como fes, e bem acom-
panhado chegou a Sevilha onde foi recebido
del Rey seu Avo, com muitas festas, e grande
alegria. E passados os comprimentos, e visi-
taçoẽs acostumadas, propos sua petiçaõ a El-
Rey conforme a instrucçaõ q̃ levava; agra-
decendolhe primeiro a merce da doaçaõ e con-

vençaõ

uenças passadas; e depois pedindolhe q̃ da obri
gaçaõ dos Sinco, ou Seis Cavalleiros, e de qualquer
outra que tocasse ao Algarue, quizesse re
leuar a ElRey D. Aº seu pay e a elle, e aos q̃
delles descendessem, porq̃ era isto p.ª o Reyno
Sogeiçaõ, e p.ª elles enfadamento; e q̃ fazen
dolhe a mercê liure conforme a sua pessoa
e animo Real, os punha em m.to mór obri
gaçaõ alem da em q̃ elles ja estauaõ pellas
m.tas razões q̃ p.ª isso hauia. ElRey (con
taõ as Cronicas) que ouuindo isto esteue
algum tanto suspenso sobre a reposta,
a qual lhe naõ quis dar sem os de seu Con
celho pello que sabia que ja sobre este caso
passaua. Mas depois disto sendo os jun
tos, propos a petiçaõ de seu Netto com pa
lauras significadoras de seu animo; a que
só D. Nuno de Faria poz contradiçaõ;
dando p.ª isso alguãs razões honestas, e q̃
fariaõ a bem de seus Reynos; mas os outros
como entenderaõ q̃ a vontade del Rey era
satisfazer em tudo a seu Netto naõ lha quize
raõ contrariar; antes lha louuaraõ: e assim
ficou

ficou assentado por todos elles sobre esta descriminação, e assento q durou alguns dias, foi o Infante D. Diniz com ElRey seu avo a Jaen, onde acabado de concluir, ouve por bem que se tornasse a Portugal e lhe mandou dar sua provizão, q trouxe a ElRey seu pay, escrita em pergaminho e sellada com sello pendente das Armas de Castella e Lião que seria desta maneira.

Carta de final Doação q fez ElRey de Castella e Lião Dom A.º o 10. do Reyno do Algarue a ElRey D. A.º de Portugal o 3.º deste nome seu genrro, e a todos os seus sucessores.

Saibão quantos esta carta virem, e ouvirem, como eu D. A.º pella graça de Deos Rey de Castella, de Tolledo, de Lião, de Galiza, de Sevilha, de Cordova, de Murcia, e de Jaem quito p.ª sempre a vos D. A.º por essa

mesma

mesma graça Rey de Portugal, e do Algarue, a menajem que fizeste a mim; por carta, e a D. Truij meu tomaõ em meu nome: pera fazer a mi comprir os preitos, e posturas, e as conuenças q foraõ postas, antre mim, e uos, e D. Diniz; e outros uossos filhos, e uossos Eerdeiros, por rezaõ da ajuda dos cinquenta Cauallieros; q a mim deuia ser feita em meus dias pollo Algarue. A qual ajuda, e os quaes preitos, e posturas, e menagens, em qual quer maneira q fossem feitas; assi per cartas, como sem ellas: eu quito pera sempre, a uos, e a D. Diniz, e a outros uossos filhos, e Eerdeiros, que nunca por isso a mim, nem a outrem por mim, uos, nem elles, nem outrem por uos, nem por elles, sejais, nem sejaõ teudos de nenhũa cousa, por rezaõ dos Castellos, nem da terra do Algarue; que uos dei. E outorgo que se algũa carta, ou cartas; parecer, ou permanecerem, sobre a menagem, ou menagens; ou sobre preitos, ou posturas, ou conuenças: ou sobre o seruiço, ou ajuda, que a mim deuesse ser feito, ou feita,

pollos

pollos Castellos, ou polla terra do Algarue: que desaqui adiante, nunca ualhaõ, esejaõ quebrados, edenenhũa firmidaõ. Erenuncio, equito todo odireito, etoda demanda, q̃ eu aueria, ou auer poderia; poressa carta, ou porestas cartas, contra uos; oucontra D. Diniz; oucontra os outros uossos filhos; ou uossos herdeiros; oucontra os caualleiros q̃ tiueraõ, outiuessem os Castellos do Algarue. Em tal guiza, que nunca amim essa carta, oucartas; possa, nem possaõ prestar; nem aoutrem pormim; nem auos; nem aD. Diniz; nem auossos filhos; nem auossos herdeiros, nem aos sobre ditos caualleiros, empecer. E em testemunho desta cauza, dou auos sobre dito Rey de Portugal, edo Algarue, esta minha carta aberta, esellada domeu sello de chumbo, que tenhay em testemunho. Feita a carta em Jaem; pornosso mandado, sabado sette dias domes de Mayo, e era de Cezar de 1305. Annos. Eeu Millaõ Pirez afis escreuer. E do anno denosso Redemptor de 1267.

Cap 12.

Cap. 12º Da morte e sepultura do Mestre de Santiago D. Payo Correa, e de como estes dous Reys de Portugal D. Aº, e D. Diniz, Pay, e Filho, e seus Successores ajudarão sempre os Reys de Castella ē suas emprezas em agradecimento do Reyno do Algarve &c.

Com esta Carta; e com grandes dadivas que o Infante D. Diniz recebeo delRey seu avo, se tornou a Portugal; com q̃ ElRey seu pay foi m.to alegre; e o Mestre o acompanhou té Portugal, e depois tornando a Castella já no fim de seus dias se recolheo na Villa de Very, que era o principal convento e cabeça do seu Mestrado de Santiago em Castella, onde se diz que bem e catholicamente acabou sua vida; já depois de velho a 10. dias de Fevereiro da era de Cezar q̃ então corria, de 1313. annos; e de Christo nosso Redemptor de 1275. Em seu Testam.to, mandou que depois de morto o trou-

xessem

xecem ao Algarue, á Cidade de Tauira que elle ganhara aos Mouros; desejando em companhia dos Santos Martyres, e Caualleiros q̃ nella, sepultara, esperar o final juizo; quando todos nos leuantarmos, a ouuir nossas particulares sentenças, e receber o premio, e galardaõ de nossas obras. Foi sepultado na Capella mor, da banda do Evangelho junto do altar da Igreja de Santa Maria principal da mesma terra; que elle intitulou a nossa Senhora quando a tomou, e a achou feita mesquita: mas sua alma he de crer q̃ goza dos bens eternos da gloria do Paraiso. A isto nos deue persuadir o grande zello q̃ de exaltaçam̃ da nossa fee sempre mostrou; ajudando a ganhar a Cidade de Cordoua, e Seuilha em Castella; e elle mesmo por sua pessoa Mertola, Aljustrel em Portugal; e pouco menos q̃ todo o Reyno do Algarue, sendo elle o primeiro nos perigos; e offerecendo Cadia sua vida ao Cutello; polla fé q̃ cria. Ora isto acompanhado de esmolas, e orações, e outras boas obras q̃ faria; pois

o Senhor

defender o deixou comprir seus dias em paz, e em seu Mestrado; argumento he bastante q̃. o crermos delle: e honrrarmos naõ só sua alma; mas tambem seus ossos; q̃ naõ quis deixar senaõ em poder de Portuguezes. Obrigando assi mesmo a honrrarmos; e naõ nos esquecermos deste illustre varaõ, a divida da naçaõ portugueza; que neste, e noutros semilhantes mostrou sua fineza: e os m.tos seruiços que a estes Reynos com liberal uontade fes, no melhor de sua uida. E he de notar q̃ naõ foraõ te o prezente os Reys de Portugal desagradecidos e doaçaõ do beneficio do Reyno do Algarue; nem he fundio menos aos Reys de Castella q̃. com os Portuguezes, a quitaçaõ dos cincoenta Caualleiros; e a dos Prezentes do Conde D. Anrrique por respeito de Portugal; porq̃ se com attençaõ lermos as Cronicas, e outras escripturas daquelle tempo, acharemos por uerdade q̃ com grande auentajem lhe auemos satisfeito; aque nos lugares de Africa, e tambẽ em sua Castella; nunca fizeraõ coura

notauel;

notavel; em que nos nom achassem diante. E porq̃ isto nom pareça cortar largo aquem Log.) digo nom tiver tanta noticia apontarei breuem.te, alguns exemplos, sem fazer aninguem injuria, nem passar os termos da uerdade alem do que se acha escrito.

Este mesmo Rey D. A.º o 10. que nos deo o Algarue, sendo em sua uelhice, priuado do Reyno nas Cortes de Valladolid soccorreu-se a El Rey de Portugal D. A.º o 3.º seu genrro aquem dera o Algarue; o qual lhe mandou logo em seu fauor, trezentos caualleiros pagos á sua custa, q̃ la andaraõ m.to tempo, e fizeraõ cousas notaueis de que suas Cronicas daõ bom testemunho. — Ruy de Pina.

El Rey D. Diniz filho do assima dito D. A.º o 3.º, sendolhe pedida ajuda por El Rey de Castella, D. Fernando seu genrro, p.ª hir sobre o Reyno de Granada; lhe mandou o Conde D. Martim Gil de Souza seu Alferes mor, com sete centos Ecuderos de cauallo m.to bem aparelhados: e lhe emprestou de — O mesmo.

fasseis

c11

pera seus mil e seiscentos marcos de prata pera seus gastos.

Batalha do Salado.

El Rey D. Afonso o Quarto filho del Rey D. Dinis asima dito; mandou grande frota de Naos, por mar, e elle mesmo em pessoa foi por terra com todos os fidalgos, e mais gentes do seu Reyno; em soccorro del-Rey de Castella; D. Afonso seu genrro: em tempo que quatro Reys Mouros, muito poderosos Ve tinhaõ cercada Tarifa em Andaluzia; e o Reyno estaua em tanto perigo, que os Castelhanos uendo a El Rey de Portugal em Seuilha, que os hia a soccorrer, o sahiraõ a receber; todo o pouo, e Clerezia em prociçaõ com todas suas Reliquias; dizendo em altas uozes com muitas Lagrimas bem aventurado seja o Rey de Portugal que uem no nome do Senhor, para saluar os Christaõs, das bocas dos Dragoẽs; inmigos da Santa Fé de Christo nosso Redemptor. E depois disto estando ja todos juntos no lugar da batalha; e hauendo pareceres no Conselho del Rey de Castella; que Tarifa se desse aos Mouros, se elles a quizessem acei-

tar

tar com condiçoẽs de logo se tornarem p.ª Africa;
asuas terras; ElRey de Portugal com esforço
maravilhoso, e animo xp̃ão deu seu voto dizen-
do. Eu naõ sahi de meu Reyno de Portugal p.ª
consentir que a Cidade, nem Villa, nem terra
alguã de xp̃aõs se dé a Mouros, nem por mi-
nha Corrora, tal consentirei. Antes vim e es-
tou prestes a offerecer meu Corpo á morte por
Xp̃õ; cuja esta empreza he, e elle o fes por nós,
e q̃ em sua virtude, e esforço guerrear com for-
tes Coraçoẽs estes inimigos de nossa fé. Porque
decerto naõ tenho aqui alguũ de meu Conse-
lho; nem de meu Reyno, q̃ o assim naõ aprove
ne Me pareça bem: ca por senaõ perder Tarifa;
eu farei o que faria polla principal Cidade
de meus Reynos.

Notaveis palavras del Rey bom xp̃aõ e esforçado Cavalleiro.

Vindo todos neste parecer separ-
tiraõse os Xp̃aõs p.ª o encontro, ElRey de Cas-
tella se pos contra Benamarim Rey de Mar-
rocos que tinha seu exercito ao longo do mar:
e ElRey de Portugal contra ElRey de Granada;
que o tinha assentado da banda da Serra; ao
qual ElRey de Portugal; cos seus, apertou com

taõ

taõ forçozo impeto q̃ a poucas horas Vierão vi-
rar as costas, e fugir primeiro que todos, o que
foi cauza dos outros desacroçoarem, e perderem
a batalha; e El Rey de Marrocos dizer aos seus
as palavras que se seguem, naõ sem grande
nojo e tristeza.

Foy esta Batalha no anno de 1378.

Vede, vede aquelle bebado del Rey
de Granada como vay fugindo del Rey de
Portugal, com grande medo. Affirmaõ q̃
eraõ os Mouros nesta batalha, cincoenta
mil de Cavallo, e tantos de pé que naõ ti-
nhaõ conto; porque Veinhaõ com suas ca-
zas; molheres, e filhos a morarem Espanha,
que por taõ certa tinhaõ por sy a vitoria.
Morreraõ delles quatro centos e cincoenta
mil: e dos Xpaõs sóm.te vinte pessoas; o
que naõ pode ser sem evidente soccorro de
nosso Senhor Deos. Ficaraõ no Campo gran-
des despojos douro, e prata, e outras riquezas
sem conto, das quais El Rey de Portugal
naõ quis tomar p.a si senaõ hu filho del-
Rey de Granada q̃ na batalha vencera,
e consigo trouxe a Portugal; e cinco bar-

deiras

deiras del Rey de Granada seu pay, que perdeo na bassalha; contentandose só com a honrra que nella ganhou.

El Rey de Castella D. Anrrique levantandoselhe o Infante seu irmaõ com o Reyno soccorreu-se a El Rey de Portugal D. A.º o 5.º seu cunhado; o qual lhe mandou em sua ajuda dous mil homens antre de Cavallo, e pé, com que lhe fes levantar o Cerco q̃ o Infante, e o Mestre de Santiago tinha posto sobre Sevilha.

Pedro Damiro em sua Cronica giral.

Em vida del Rey D. Joaõ o 3.º de boa memoria foi o Infante D. Luis seu irmaõ, e filho del Rey D. Manoel com o Emperador Carlos 5.º seu cunhado na tomada de Tunes, e Goleta com hum galeaõ, o melhor que hia na frota, huã Nao, e dezanove Caravellas muito bem providos de gente, Armas, e Artelharia; as quais foraõ as primeiras que tomaraõ porto, por levarem a dianteira a toda a outra Armada.

Emfim de isto tudo o que desta

materia

materia se podera trazer por nes se fazer
largo em professo fora do preposito, e intento
do livro como bem poderá ver quem for
lido nas Cronicas dos Reys de Portugal, e Cas-
tella; nem se entenda que isto se fas à con-
ta de semelhantes beneficios o qual he a mior
gloria que os Portuguezes em nossas em-
prezas temos.

Fim do Livro terceiro.

LIVRO QUARTO

Das particularidades do Reyno do Algarue da quem mar.

Ao Leytor.

Ha neste Reyno do Algarue m.tas cousas notaueis, e marauilhozas, e tão particulares delle só q̃ não se achão em outro algum; assi na propria natureza da terra; como tão bem nos costumes de q̃ uzão os moradores della. Pello q̃ a m.tos vi já espantaremse, e fazerem grandes admiraçõens ouuindoas contar: e ainda por nellas algum escrupolo: e certo elles em parte tem razão, porq̃ m.tas dellas o merecem, e são dignas disso. Porq̃ quem em Portugal, ou em outra qual quer parte do Mundo ouue dizer q̃ no Algarue se uareja o figo, e não a azeitona, e q̃ num só figueyral andando continuam.te quinze, vinte pessoas, não podem tanto apanhar q̃ mais não madureça té se acabar; e q̃ os figos se tocão com turubichinhos, q̃ nacem, e saem doutros, e os q̃ assi não são tocados logo em pequenos secão, e caem: e q̃ o azeyte o faz cada hũ em sua casa pizando a azeytona com os peis: e q̃ as uvas p.a o vinho ser bom, depois

de

de vendimadas as deitão em terra, em monte, e as deixão apodrecer; e depois o fas cada hum em sua casa com hum saco: qual quer couza destas per si tras comsigo admiração a quem dellas não tem experiencia, e devem ser contadas com resguardo, quanto mais todas ellas juntas. Tudo isto não obstante, porque a materia do livro o dezejava para sua perfeição, e entendi que lhe não daria piqueno lustro: determiney tratar aqui cada couza destas brevemente mais isto com tal condição que ninguem dellas duvide nem tenha escrupulo algum, porque tudo o que aqui escrever, afirmo como Christão, e Religiozo não ser só por ouvida, mas de vista, e experiencia de alguns Annos que em Tavira Cidade principal do Algarve estive. E porque algũas destas couzas podem aproveytar para outras terras, se dellas quizerem uzar: avizarey em seus lugares, dandolhe nisso tambem meu parecer.

Cap. V.º

Cap. 5.º de como se poem, e adubão os fi-
gueirais, e se toca o figo.

As principais fazendas do Algarve são os figuei-
rais, e desta arte os homens mais a elles q̃ a outra
cousa porq̃ se dão em toda a terra, e rendem to-
de cada anno, e mais certa q̃ o pão, q̃ por ser a ter-
ra m.to enxuta de seu natural; não se dá bem, se
lhe não chove m.to amiude. Salvo em algũas ribei-
ras, ou lugares humidos q̃ no Algarve são poucos.
Não se poem as figueiras de rais das suas vergontias q̃
nascem aos pes das velhas como ca fazemos, porq̃ lá
commumm.te não lhe consentem ter mais de hũ
pé, e estas são as boas, nem ainda q̃ as tendão as co-
lhem p.a por; mas de ramos novos dos de dous an-
nos the tres, cito alporcados como bacellos em co-
vas assi longas e altos, como se forão p.a enterrar
finados: e não as deixão sobre a terra, mas cortam-
nas hũ palmo debaixo della, p.a q̃ debaixo a rre-
bente, e comece a criar pé. Dãose bem em as ter-
ras novas; e em q̃. são pequenas, querem que
as cavem cada hũa e as tenhão m.to mimosas.
São as figueiras de m.to adubio e trabalho; o fi-
go

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

go naõ de tanto proveito esporesta cauza os Algaravios q̃ só nelles trataõ, poucos delles saõ ricos.
Querem-se lavrados duas vezes no anno, e quem mais ferros lhe dá mais, e melhor fruto colhe; e tambem escavadas no principio do inverno p.ª tomarem agoa, e depois serradas e cavadas; no fim espojadas (como lá dizem) e isto ja em Mayo ou Julho q̃ he enterreiralas, como em Portugal fazemos às Oliveiras no tempo da safra; p.ª depois verejarem, e melhor apanharem o figo. Os que no Algarve tem fazendas grossas todos comũm.te moraõ nellas; e os outros tãobem lá tem suas cazas; e no principio do Mes de Julho, se vaõ p.ª ellas, a fazer e concertar suas esteiras de junco q̃ na terra ha m.to: porq̃ quando vem por dia de Santiago; ja comũm m.te ha esteiras de figo a secar: He taõ comũm isto no Algarve, q̃ naõ sitem nelle por gente, quem neste tempo naõ aganha figueiral, ou seu, ou arendado. Aos santos e Domingos pouca gente fica nas povoaçoẽs porque os estaõ nas fazendas continuam.te os de caza, ou os q̃ nella ficaõ nestes dias naõ aver a desemfadarse com os outros e he tanto o regozijo, e contentam.to

sentam. q̃ mostraõ neste tempo: aq̃ chamaõ
Alcacil, huns dum cabo, eoutros doutro, com diver-
sos cantares, etangeres, q̃ facilm.te se pode delles
entender q̃ saõ elles aquella he amelhor parte
do Anno: eainda omais alegre davida. Todos
neste tempo andaõ fartos econtentes, assi ricos,
como pobres: e semelhoraõ nos vestidos de suas
pessoas; ealfayas decasa; demaneira q̃ este
tempo no Algarve, he como a Ceifa em Alen-
tejo, quando anda otrigo pollas eiras. As figuei-
ras q̃ se tocaõ naõ saõ as q̃ daõ este figo q̃ ca trazẽ
avender, mas só dealguãs castas particulares,
aq̃ elles chamaõ figueiras demetal; eos figos delles
assi tocados saõ m.to estimados; deq̃ fazem prezen-
tes eservicos; cada hũ aquem deve, ou tem obri-
gacaõ. Amaneira q̃ tem no tocar, he q̃ colhem
os figos a huãs figueiras q̃ elles procuraõ ter
nos fazendas, (e poucas bastaõ porq̃ daõ m.tos) e vem
com a sua novidade madura quando os outros fi-
gos estaõ pequenos como azeitonas, eos enfiaõ a
tres equatro em hũ fio de esparto como Ave
Marias, eos penduraõ pellos raminhos das
outras q̃ querem tocar, com passados ao redor

de

demaneira; q̃ quem considera bem hũa fi
gueira destas, quando está com este aparato
se lhe afigura hũa Dona m.to Verdadeira que
se nos gasta de contos. Nestes figos assim pos
tos q̃ p.a outra nenhũa couza prestão servião hũs
bichinhos, cada hũ de seu gravozinho dos q̃ tem os fi
gos dentro como milho, e sabem pello olho do figo
maduro á maneira de mosquitos de vinho pi
quenos; e se poem nos olhos dos outros figuinhos
q̃ ^(estão) piquenos e verdes, e os tocão. A maneira que
nisto tem não alcancei, porq̃ he hũ segredo
maravilhoso da natureza, e dali se vão e mor
rem sem mais serem vistos. basta q̃ elles lhe po
em tal virtude, q̃ estes figuinhos assi toca
dos, crecem e madurão a seu tempo, e se fazem
m.to fermozos: e os q̃ não acertão de ser assi toca
dos, ou por lhe não chegar algũ destes bichinhos,
ou por seu dono lhe não fazer esta deligencia:
os figuinhos logo começão a secar, e amarelão
e assi pequenos cahem da figueira. Todas as
figueiras geralm.te de qual sorte q̃ sejão folgão
m.to com este beneficio; e os figos são m.to diffe
rentes dos outros; mas não o estão todos por

que

que seria necessario ter quazi outras tantas figueiras de toucar; alem do grande trabalho e nos muito ~~grande~~ proveito q̃ disso se seguiria a seu dono. Ha outro segredo nisto nas menos maravilhoso, q̃ o ja dito; e he q̃ as figueiras, que se costumas toucar desta maneira, sejas de que casta quizerem, todos os Annos q̃ as deixarem de toucar, como q̃ sintem m.to a falta deste beneficio, o das logo a entender, e lhes perdem os figos; mas se as nas poem neste foro, nas o deitas de lucer e das sua novidade como as outras. As figueiras de toucar q̃ sas como as q̃ ca chamamos Bafureiras ou doudas, nas querem encavado nem Arado, nem outro beneficio algũ, antes lhe sas prejuizo, e por isso estas sempre sujas, e cheyas de mato. Todas representas os Mados e uivos q̃ com os beneficios se fazem peores.

Cap. 2.o do apanhar e enseirar do figo; e do m.to q̃ importa cada anno ao R.no do Algarve.

Chegando o tempo em q̃ comessa a amadurar

o figo

ofigo q̃ começando dito he comum.ᵐᵗᵉ pello Santiago: edura athe 16: .ᵉ. de Setembro; vendo os Algarauios q̃ ja elles sepodem fazer cesteiras; tomaõ os apanhadores seus cestos darco, nobraço esquerdo; e huns cambos q̃ ja p.ᵃ isto tem feito; com outros cestos grandes p.ᵃ ocarreto, ou Almeixal; ecomeçaõ de lugar assinado a rodear as suas figueiras; pᵃ leuar todas por ordem; edesta maneira ascorrem aprimeira ves, a q̃ elles chamaõ dar cambo. Mas entrando mais a safra; leuaõ suas apanhadeiras; ehomens q̃ varejaõ o figo: os quais despois de rodearem as figueiras com os cambos sobem aellas ecom suas varas sacodem o q̃ naõ podem chegar com amaõ, e todo deitaõ na chaõ, ecaem nos terreiros q̃ p.ᵃ isso tem feitos. Alguns costumaõ naõ oapanharem naquelle mesmo dia; porq̃ dizem q̃ jazendo assi no chaõ sefas mais tezo e enxuto. Demaneira q̃ entrada a força do Alacil; no apanhar, varejar, ou sacudir do figo, nenhũa diferença ha do apanhar daazeitona em Portugal dano q̃ ha safra; saluo q̃ esta sefas com mais alegrias emenos trabalho. E em

se

se apartando o figo ou do chão ou da figueira
ou hão logo deitar nas esteiras. q ja fui visto no
Almeixal jazerem estendidas, e recolhendo
o primeiro, de maneira q o verde fique todo
nũa esteira e o mais seco noutra apartado; por
q ao levantar das esteiras esteja todo sazoado.
E se neste tempo acerta de chover dá m.to tra
balho, e perda se persevera, porq tudo se suja
e apodrese. E tambem se vem nortes rijos
lhe fazem prejuizo aos q estão por colher nas fi
gueiras; porq os encolhe, endurece, e faz huns
couros pretos e duros, e tambem com os orvalhos.
O que m.to aproveita ao figo e o fas creser e madu
rar são os levantes q ca em nosso Portugal os
ensoa; e assim segundo as regiões e climas
da terra são proveitosos ou perjudiciais os ven
tos e tempos diversos do anno. As esteiras em
q. andão no Almeixal se enrolão cada dia
com o mesmo figo em se se o sol pondo; e se tornão
a desenrrolar ao outro dia em elle saindo; por cau
sa da humidade e orvalho da noite; e tanto q
o vem sazoado e q. recolher escolhem primeiro
o mais alvo e mayor a que cà chamamos lou

ro

do a hua parte, e o Merchante q̃ he o meo q̃ a outra;
e o mais pequeno e brancos q̃ elles chamão confu-
los a outra; e o demais q̃ fica he o Rôlo q̃ elles
guardão p.ª os servidores; e p.ª os povos e bebedos por
q̃ todos se mantem delle. Os q̃ querem fazer figo
sempre de encomenda q.ª p.ª sua Caza lavão-no
logo e mo esculhendo nua bacia ou alguidar cheo
de agoa com hu ollo de azeite nella, e tornado os
a enxugar, e depois em alguns arcares grandes
ou onde cada hum pode, calcando-o primeiro
aos pes q.ª mais he possivel; com hu saco, ou
pano em sima por limpeza; e desta maneira
se conserva melhor e entra menos nelle o bicho.
Alguns lhe deitão de mistura alguns grãos de
erva doce, ou semente de funcho por q̃ tudo
isto lhe dá cheiro e sabor; o q̃ se fas p.ª vender, não
se usa com elle de tanta seremonia mas em o le
vantando da esteira o levão á bulha as quais fa
zem das mesmas esteiras de funcho q̃ são m.to boas
p.ª isto e assi o pisão aos couces, sem pano de
baixo, nem alguã outra cerimonia. Estes
assim tratados leitão aquella farinha que
lhe ca vemos q̃ alguã gente pouco entendida
cuidão

cuida q̃ he asucar e naõ he senaõ sugidade
q̃ no figo fica ao tempo do enseirar com o asi-
naure q̃ do mesmo figo saé o qual esta
bem uisto no lauado q̃ nenhuã coura dis-
to cria. Os figos q̃ nas mesmas figueiras se
passaõ saõ brancos e de melhor sabor q̃ os que
nas esteiras se secaõ; mas naõ saõ de tanto
pezo p.ª seu dono; e por isso dizem q̃ os figos
das figueiras q̃ tem os donos preguisozos saõ
os melhores porq̃ primeiro se secaõ q̃ os apanhẽ.

P.ª Recrear se escolhem os figos nas es-
teiras, primeiro q̃ outros alguns e estes se abrem
por junto do pe e lhe metem as amendoas dentro
d'ella mulheres q̃ neste tempo naõ uiuem doutra
coura. Tambem se fazem queijos destes figos
lauradõs com amendoas e festejados com mil
lauores por sima; e outras mil inuençoes de
figuras q̃ estas molheres cada dia inuentaõ
e lhe mandaõ fazer p.ª apresentar e fazer ser-
uiços.

Os Mouros da Costa da Africa sabem ja
mui bem o tempo do Alacil, em q̃ se apanha
o figo no Algarue; e dos lugares mais uezinhos

que

que saõ Setuval, Sale, e Laracle vem Ei com bom Levante num dia e noute e fazem suas entradas onde lhes parece q̃ os Algaraviss estaõ espalhados; e posto q̃ neste tempo de dia e de noite a terra se vigie alguãs vezes fazem presas nos descuidados primeiro q̃ sejaõ sentidos; e outras ficaõ tambem alguns delles no Algarve por moradores posto q̃ naõ por sua vontade.

O Bispo do Algarve D. Joaõ de Mello que depois foi Arcebispo de Evora passando huã vez de Tavira p̃. Silves ao longo da Costa, achou huã manada delles de dia embrenhados em hum lugar escuro naõ longe da Villa Albofeira; os quais tinhaõ sahido â primeira noute a fazer presa (como tenho dito) e detendosse mais nella do q̃ convinha, quando tornaraõ a se embarcar acharaõ a fusta em seco. E recolhendosse a esperar a maré quis sua mofina q̃ fizesse por Ei o Bispo seu caminho, e ouvesse noticia delles. O qual logo com sua gente, e co' a outra q̃ se a juntou deu sobre elles e os cativou: e com a mesma fusta mandou a ElRey de Portugal D. Joaõ o 3.º de prezente dizendolhe q̃ soubesse sua alteza q̃

os

os Pisgos do seu Reyno do Algarue; tambem
aros Cavalleiros. Pera remedio destes perigos,
ha agora nos lugares mais sospeitosos, alguas
torres e outras casas fortes em figueiras, e fa
zendas dalguns fidalgos, e homês ricos, se aco
lhem e fazem fortes de noute, porque de dia nos
ousão elles a salir em terra, se não vem gente
grossa.

He o figo bom mantimento em especial pera
os do Algarue; que o tem ja em costume, e serue
m.tas vezes em lugar de pão a gente dos Montes,
e aos pobres; e tambem de seuada ãs bestas, de
farelos aos porcos, e ainda aos Cães, e gatos; por
que em quanto elle dura todos geralm.te participão
delle; e a todos sustenta; e por isso chamão os Mou
ros a este tempo Alaiil, que quer dizer em sua
lingoa mesa de Deos que a todos farta. O comum preço
parecer do figo quando ha nouidade he a dous
reaes quatro vinteis o cento do figo e ão a seis aguar
seiras dos doudos que he Eua a roba aonde a pessa do mer
cante que são duas arrobas e daqui sobe ou abaixa
conforme qualidade dos annos. O mais de bo fi
go se leua do Reyno pera Frandes; e dali vay m.to

delle

delle fr. mais longe; e o modo de o vender e com-
prar quando vem as Naos da Carregaçaõ. He o se-
guinte. Os Mercadores da terra das q. com-
mum m.te compraõ ajuntam o preço q. chamaõ
motte, e manda cada hũ delles apreçar pella
Cid.e ou Villa q. elle quer comprar o figo e tomarã
a tal preço pera e quarteiraõ porq assi costu-
maõ; q. quem o quizer vender por aquelle
preço o deue acusar e esta he a commũm venda, e
compra desta fruta; saluo se algũas pessoas par
ticulares o querem bom, e de bons sabor; porque
p.os encomendado no anno ou uaõ no la a buscar.
Quando os Framengos compraõ per si mesmos
He couza gostosa uer algũs delles fazer a experien-
cia desta mercadoria: porq naõ abrem as sei-
ras nem querem uer o figo; mas tomaõ hũ es-
peto e daõ duas outras estocadas por diversas partes
das seiras, e depois gostaõ o espeto pella boca e se
o achaõ azedo naõ o querem mas se lhe sabe a do-
ce dizem bono bono e logo o pagaõ sem mais de-
ferta.

Naõ importa pouco ao R.no do Algarve a no
vidade e lendiços de seu figo porq já está averi-
guado

guado por moradores da terra q̃ isto entendem
elles passa pella mor q̃ como os Annos saõ bons
desta fruta; naõ importa menos de vinte e trinta
trinta mil cruzados o q̃ sae pella barra, afo-
ra o q̃ se come na terra, e pello sertaõ se leua p.ª
todas as partes do Reyno a de seus vezinhos.

Cap. 3.º dos Oliuaes do Algarue e da boa inuençaõ q̃ achavaõ os Algarauios de fazer o azeite.

Os Oliuaes no Algarue naõ se grantaõ de esta-
ca como em nosso Portugal; porq̃ naõ prendem,
por causa da terra ser seca; mas logo a natureza
proueo de tantos Zambujeiros q̃ nacendo nas
proprias fazendas e pellos montes conuidaõ o ho-
mem a lhe fazer bem feitoria, nem se sente nis-
to falta alguã. Cria a terra estas aruores m.to
grandes, e assi he tambem o fruito q̃ dellas aproueita
deste Reyno se faz conserua todos os Annos que
se leua em pipas e quartos p.ª as Indias, e outras
m.tas partes do mundo. Naõ se uarejaõ as Oli-
ueiras no Algarue; porq̃ como a terra he de

seu

seu natural seca Recebe disso m.to prejuizo; e
nos torna a obrar Lama em m.tos annos. Mas
tambem nisto como na gostura dellas pro-
veo a natureza mestra e may de todas as cou
zas porq̃ como a azeitona esta madura em
Veelovendo tanto possay aganhar como ella por
si cahe logo sem esse trabalho e deLigencia.
Mas tãobem tem seu desconto de q̃ sehendo
ella madura Renão chove (como alguã vez
acontesse serem os annos seus) ella se fica
em sima; e se seca na mesma oliveira
sem querer cahir; e então lhes buscão Reme
dios batindo as oliveiras, e abanandoas e sacu
dindo-as huns com Canas outros com paos,
1 3 2 4
q̃ nos he pequeno trabalho; por ellas serem gran-
des (como ja disse) e ficarem deste deLigencia
maltratadas por alguns annos. Toda a azei
tona se apanha á mão assim como vai cain
do e isto não he m.to dificultoso por ser grande
e fermoza, e assi he tãobem o azeite bello e saboroso.
querse feita com fresco ou ao menos q̃ Renão tardem
m.to; ao contrario da nossa galega de Portugal; por
q̃ se se descuidão della come a o sal e fende m.to menos.

Não

Vão costumando os Algaravios fazer seu azeite comummente em lagares de mós e varas como cá, (posto que alguns há que ficarão do tempo antigo, e já se vão desfazendo) além quando a necessidade é tanta que a necessidade os constranja, e não sei se a pouca confiança dos lagareiros a que elles em toda a parte das searias, se tomão aviamento que no fazer do azeite muitas vezes há, seu motivo a se inventar seu motivo fácil e proveitoso de que todos ficão tão satisfeitos que senão há em alguma grande safra não há homem que sua azeitona queira dar a lagares de varas. Tem outra bondade este artifício não pouco de estimar, e he que cada faz seu azeite em sua casa ou quinta, e todas as vezes que se lhe antolha pouco ou muito como quer, e como tudo passa por suas mãos e seus olhos, o tem escuso de muitos escrupulos que nisto costumão sobrevir (isto he) se furtão mais sua azeitona ou se lha misturarão com a do vezinho, com outros enfadamentos que algumas vezes não pouco enfadão. He pois o caso que todos os Algarávios que fazem seu azeite assim o já tem em sua casa seus outros lagares de pão feitos de duas ou tres taboas grossas pegadas muito juntas sobre duas traviças

Continua

com suas bordaduras outorno a qual assim jun
tas fazem sinco seis palmos em largo, e oito no-
ue em comprido á maneira de taboLeiro e a isto
chamão elles tazar. Tem huã bica no meyo duma
das cabeceiras; e assentão no sobre douz banquinhos
q. isto feitos quando se querem seruir delle, e aca
bado o seu officio encostão no a huã parede ate
q otornão a hauer mister: E he tão facil e maneiro
este engenho q o carregão sobre qual quer besta, co
-mo o de seu cabo q. o outro com pouco trabalho; e ser
ue de tazar de azeite; e tão bem de vinho com
o a Lim parem primeiro. As alfayas deste tazar
he huũ vazo de barro piqueno como azado grande
q Leuará dous ou tres almudes dagoa, estreito
embaixo e Largo na boca, a q chamão pilão com
huũ piqueno buraco abaixo huũ pouco do meyo
q serue de sangradouro o qual tapão com huũ pe
queno pano q serue de torneira. Tem mais
huã saca de Almafega da largura do mesmo
pano, e de seis palmos em comprido a qual tem
m.d bem e Lhe metem huũ cordel no lugar da boca
por q quando estiuer atada nos dispila o atilho
com a força. He tambem necessario huã cal-
deira

deira de bom tamanho p.ª aquentar a agoa, e duas outras panelas p.ª cozer a azeita onde lhe deitaõ seu sal. e a azeitona mais seua; e estes saõ todos os aparelhos de q̃ se he mister q̃ nos saõ de m.to custo, nem dificultosos de achar. Os mestres deste officio saõ quantos negros e homens de terra baixa ha no Algarve; posto q̃ huns o fazem me lhor q̃ outros mas como isto he taõ geral muy poucos ha q̃ senaõ tenhaõ por officiais deste mister. Aparelhadas pois todas estas couzas levantase o lagareiro a meya noite se elle de si gente quer acabar cedo e torna na taca sua tarefa ha q̃ chamaõ taquilada, q̃ saõ quatro alqueires de azeitona e entrando com ella no lagar com as per nas e braços bem arregaçados estendem a taca no lagar com a azeitona, e assim em seu a pizaõ com os pes hum bom pedaço erguendo-a alguãs vezes, e tornando-a a deitar da outra banda. Isto feito ergue-a e desata a e deitalhe dentro duas outras panelas de agoa quente q̃ elle pode so frer, mexando-a com hũ pao q̃ no lagar p.ª isso tras como a rodo; e logo tornando a atar a estende outra vez no lagar, e a torna a pizar, e dar m.tas

voltas

voltas dum cabo p.ª outro como primeiro. Depo-
is disto ergue a saca em pe e assim atada o q̃ della
fica vazio em sima enrolta no pão com q̃ mexe
e anda com elle ao redor como quem arrocha, e
com os giolhos, mãos, e pes espreme o q̃ pode. Desta
maneira sahe o azeite juntam.te com a agoa
e corre no pilar q̃ está debaixo da bica do lagar
o qual como se enche o vão sangrando por baixo
p.ª q̃ de lugar acabar o azeite. isto q̃ tenho dito
faz té cinco vezes deitandolhe agoa quente em todas
ellas na derradeira das quais não ha mais q̃ fa-
zer q̃ deitar o bagaço fora, e esta he toda a scien-
cia deste misterio. O azeite q̃ se tira do pilar
com hũ pucaro e se deita nas panelas em que
se ha decorer e quando ja he pouco se tira com
hũa vieira de concha ou de arame por ser delgada,
e nas panelas se lhe da hũa boa fervura e se lhe
tira a escuma q̃ de si deita, e logo o recolhem
ao pote em q̃ se ha de guardar. Destas sa-
quitadas faz hum homem quatro no dia por
tarefa e as acaba a hora de vespora ou mais ce-
do se he deligente, e dali the noite se vai a dor-
mir e a repoizar p.ª o trabalho do outro dia;
cada

Cada Laguilada destas de azeitona he boa deita
hum alqueire de azeite, pouco mais ou menos
de maneira q de seis alqueires de azeitona
q hu homem faz cada dia dos quatro alqueires
de azeite q sao quinze, de seis na moedura
com q os lagareiros dos lagares de vara poucas
vezes ou nunca respondem. Muitas vezes tem
feito alguas pessoas esperiencia disto dando
hua moedura ao lagar e fazendo outra em
casa da mesma azeitona como assima fica dito
claram.te se mostra responder com m.ta avanta-
je os q se fas em casa as Laguiladas inda q o ba-
gaço do lagar com hum m.to fica mais seco e es
coçado mas o segredo disto eu o nao alcanço
os lagareiros o digao e respondao por si. O azeite
feito desta maneira tem notavel melhoria
do q he feito no lagar porq nao se lhe mistura
o sumo dos amagos ou miolos dos caroços da
azeitona q nem se q nada dellas porq todos
ficao inteiros e o azeite fica m.to mais bello, lim
po, e apurado por mao de seu dono, e sobre tudo
elle sem escura polos e tiver da obrigação de
contentar lagareiros. Desta maneira he ano

Algarue

pessoas q fazem a seus quintas quinhentos, seis centos alqueires de azeite com seus negros e pessoas de casa, e como nos olivais nunca faltão oliveiras secas, e outras velhas q he necessario cortar p.a meterem de nouo: e esta lenha lhe serue p.a fazer azeite, e muitos q nao tem fontes, ou poços, fazem alverços, e lagos onde recolhem agoa da chuva; e assim ficão nao tendo necessidade de buscar couza alguã fora de casa. Particularizei tanto este engenho, e inuenção, por me parecer q se pode usar delle em qual quer parte e ser tal facil e proveitoso; nao ponha alguem duuida na casta da azeitona, ou nas feições della; porq no Algarue tambem ha a nossa gallega, e outras a que chamamos verdeal, e Torqual q tem huns bicos m.to mais agudos e salidos, e toda ella se faz desta maneira q tenho dito.

Serviço do Lagareiro que faz o azeite.

Lembro aqui tambem q̃ o Lagareiro tem ne
cessidade de hũa pessoa q̃ o sirva, isto he q̃ lhe aja
rette elle de decotmer, faça o fogo, e de agoa, sem
pre o pilão, e tire, e lova o azeite, e traga á azeitona
ao lagar. He q̃ acaba, não sáe delle, assi pello
trazer sempre quente como por lhe oar ser m.to
prejudicial p.a a saude nesse tempo em q̃ anda sem
pre suado; e por isso sempre sere lagares sem em
lugares abrigados, em q̃ venão de vento; e quando
estes servidores são dilligentes e cuidadosos hũ bas
ta p.a dous lagares; com hũ só fogo, e caldeira, e am
bos estão juntos em hũa só casa.

Cap. 4.º das Vinhas, Uvas e Vinho do Algarve.

A pobreza das vinhas do Algarve he a de Portugal
mas o adubio he m.to menos, porq̃ comũm m.te
não as cavão, nem empão, nem trazem tão mi

mores

moras como noutras partes. No vidonho ha tam.
diferença, porq em Portugal, o de vara he o me-
lhor, e que se tem mais aos veros; e o mourisco
se gasta logo no inverno, isto he no Algarve sen-
do ao contrario, porq o de vara he o somenos, e que
se bebe logo; e o mourisco he o melhor, e q se guar-
da p.a duraçaõ, e por isso as mais das vinhas se plan-
taõ deste vidonho. Saõ as uvas mouriscas lá taõ
asseijadas e saborosas como as açarias de cá; e co-
mũm m.te todas ellas saõ fermosas. As de que
fazem a passa q cá nos mandaõ ~~porrudos dimirios~~
saõ açarias, e doutra casta a q elles chamaõ sabra;
e a mestria q lhe fazem, naõ he outra senaõ colhe-
las como saõ maduras, e deitalas a secar nus ter-
reiros q fazem nas mesmas vinhas sobre a ter-
ra estendidas à maneira de canteiros, para terem
depois lugar de as virar, e tomar o sol dambas as
bandas, e de bom cobrilas de noite por causa do or-
valho q lhe faz mal; como saõ passadas as apa-
nhaõ, e enseiraõ, como as cá vemos. No tempo
do vindimar os q mais disto sabem, e querem
fazer melhor vinho naõ colhem as uvas a granel,
mas cada vidonho per si, porq desta maneira
se conserva

se conserva melhor, em q̃ pizão logo as uvas; mas
as deitão huas sobre outras em montes; no Al-
meixal, (já dito) onde as deixão estar 12, 15.
dias, em especial as Mouriscas, e as rociam cada
noite com huã pouca de agoa ~~...~~ outras de ma-
neira q̃ huas com outras aquecão, e apodrecão; e a-
firmão q̃ quem as aqui mais deixa estar melhor vi-
nho faz. a Lerão q̃ P.a isto dos nos parecerá mal aos
q̃ deste mister entendem porq̃ dizem q̃ o engaço
ou pes das uvas e tambem o folhelho quando as vin-
dimos tem hũ sabor lispido e mal; juntos huãs
com as outras estão se adelgaçando e compondo de
maneira q̃ quando as pizão nos tem q̃ deitar de si,
mas fica só o de dentro dos bagos sem outra mistu-
ra, q̃ faz o vinho singular. E bem creyo eu q̃ se esta
diligencia se fisesse em Portugal às uvas mouris-
cas, posto q̃ cá são mais carnosas e grossas, por causa
das terras serem mais humidas e frescas; não receberi-
ão pequeno beneficio o qual vemos por experiencia
nas q̃ se penduram, q̃ quanto mais estão tem melhor
gosto e sabor. Todo o vinho lá he branco porq̃ a tinta
se dá mal, e por isso ha mui pouca pranta della; tem
porem huã cor dourada q̃ lhe dá ames ma graça q̃

acrecen

achamos ouver melho.

A maneira de fazer o vinho he a mesma que do azeite, de maneira que nos he mais siencia ditto que meter as uvas na saca (como fica dito da azeitona) e no proprio lagar bem lavado pisalas m.to bem e dar lhe o atadilho the tres vezes, e sahe o vinho limpo, e sem folhelho nem bagulho ou p.ra alguã, e fas hũ homem folgadam.te huã pipa cada dia com sua agoa pé. Este nos he menor proveito, e descanço q.do azeite, porq todas as vezes q vos parece tempo; mandais o lagar à vossa vinha ou quinta (se lá nos tendes) e fazeis vosso vinho quanto podeis e como quem à vontade, sem empadamento de buscar lagares, carretos, e de quem vos dê preça aq.do desejeis o lagar p.a outro a quem se secas ou apodrecem as uvas. Ha nisto outro bem e he q se escusa o carreto das uvas da vinha ao lagar, onde ellas nos recebem menos perjuizo q do palgar ou lagarta na vinha e vos fica a lagarage a meiara p.a ajuda dos custos.

A cada pipa de vinho em espeçial as mouriscas se deita na mesma pipa, antes de começar a ferver hum grande cantaro de agoa ou dous meãos p.a lhe quebrar a fortidão; e se isto se lhe nos faz; corre risco de se tornar

nar vinagre. Alguns costumaõ deitarlhe gesso nas uvas quando as pizaõ ou as poem em monte, ou tambem na pipa; e isto aprenderaõ dos Castellanos vezinhos o qual conserva e a clara m.to o vinho, mas aos q̃ naõ costumaõ beber desta maneira, naõ he nada proveitoso ao estamago, nem tem bom sabor.

Cap. 5.o da Amendoa do Algarve.

A amendoa no Algarve he boa fazenda, porq̃ naõ lhe quere algum adubio, naõ apodrece com a chuva, nẽ se toma do bicho, nem tem seu dono com ella mays gosto q̃ varejala quando ella mesmo por si se abre, e despede a casca na Amendoeira. queremse estas arvores enxertadas, e fazemse m.to grandes, e fermosas; com o beneficio da enxertia. Saõ as amendoas de m.tas castas, porq̃ ha huãs aq̃ elles chamaõ Marqueranas, q̃ saõ grandes e quasi redondas; outras longais, outras molares; e destas na verdade saõ alguãs, tanto q̃ as comem os passaros, e tambem as formigas, nas mesmas amendoeiras pellas junturas das ilhargas; de maneira q̃ se seu dono as naõ apanha com tempo, alguãs vezes quando acode, naõ acha senaõ as cascas se miolo

miolo. Enterreirãose as amendoeiras, e varejãose como fazemos em Portugal às oliueiras, e depois tirãolhe a casca, q̃ ellas mesmo depois de maduras começão a dar: e põenas ao Sol a secar dous, outros dias. Val o alqueire da Amendoa com casca no Algarue comũm.te dous Reales de prata, quatro uintẽis pouco mais ou menos, conforme os annos; e as mollares sempre ualem mais, des, uinte reis, po alqueire. Não importa pouco esta fruta ao Algarue, porque no Anno de 1574. q̃ ouue esterilidade della; se dizimarão somente em Tauira, cem moyos della, confessado pollos q̃ tinhão este officio.

Cap. 6. da Pescaria dos Atuns, que morrerão, na costa do Algarue.

Os Atuns são huns peixes grandes sem escama à maneira de Golfinhos, e são alguns delles tão grandes q̃ pezão seis, oito arrobas, e deitão de si tanta carne, como hũ grande porco. Este peixe he o mais prouei toso q̃ no mar se pesca, porq̃ tudo delle se aproueita. Dos olhos fazem azeite; das ouas

fazem

Fazem Macâmas, q os Bretões estimão m.to por q as acham boas p.a o estomago; da Carne fazem Conserua, e de Hua só espinha q tem fazem lenha, de maneira q pouco, ou nada delle se deita fora. Assado em fresco he singular, e tão bem o Salgado guisado como Coelho; feito em conserua dura m.to tempo, e se leua em barrilado p.a todas as partes do mundo. Este pescado a mór parte do Anno anda engolfado por todo mar Oceano, e certos mezes q saõ os tres da primauera, Março, Abril, Mayo, em q faz criaçaõ, sentindosse prouocado a despedila, se ajunta em grandes cardumes: e com o natural distinto q Deos N. S.or lhe a todas as creaturas p.a sua conseruaçaõ, e vem buscar a corrente das agoas, ao Estreito de Gibaltar, onde o mar Occeano se comonica com o Mediterraneo como por hu Canal, com tanta força, e impeto, q em espaço de seis oras, q hua mare gasta em encher, o faz retirar a tras, e entra por elle quasi duzentas legoas. A estas correntes a code este pescado, (como digo) a desouar, e vem de ferir primeiram.te ao Cabo de S. Vicente, e dali faz sua viagem (nem longe de terra) por toda a Costa do Algarue; e corre p.a diante te a Ilha de Cales, q está antes do estreito; de maneira q em toda esta parajem se

faz

127

Has apescaria delle. Vem sempre diante dos Atuns grande multidão de lorcinos, parece q̃ p.ª o mesmo efeito, alguns dizem q̃ vem fugindo delles. e q̃ ascorrem p.ª os comer; e dellas se faz tãobem conserua para o inuerno. Hum segredo se conta dos Atuns, q̃ se o naõ ouuira a homens de credito, e q̃ os pescaõ mais tiuera algum escrupolo, mas como na natureza cada dia expirimentamos cousas marauilhozas, e nunca ouuidas, a esta mesma conta podemos tãobem deitar esta. Dizem q̃ chegados os Atuns ao Estreito, ao tempo do desouar, e despedir de si a semente, se poem com os lados p.ª a força da agoa, e a rrecebem nas guelras, ou pas patanas (como lá lhe chamaõ) q̃ p.ª este efeito abrem; e a tornaõ a leuar comsigo p.ª onde vieraõ, e lá se criaõ e naõ tornaõ cá senaõ depois de grandes, q̃ tem necessidade de desouar como os pays. Tem isto aparencia de uerdade; porq̃ se cá ficasse esta semente cá se criariaõ, e acharião Atunszinhos pequenos, mas naõ he asi, os pescadores isto tem por m.to certo.

A pescaria deste peixe, naõ só he prouei tosa (como tenho dito) mas tãobem de m.to gosto, e desenfado, porq̃ nos mezes q̃ asima disse a ode aella

grande

grande soma de pescadores de todo Algarue com suas molheres, filhos, e outra chusma e fazem su as cabanas por toda a costa, onde estaõ as armaçoẽs e continuamente acode a ellas toda a gente comarcã a lhe trazer todo o mantimento, e refresco necessario, e leuar peixe assi delle, como doutro q̃ tambem alli morre. De maneira q̃ cada armação, parece hũa feira, cada armação não traz menos de 70, 80, homens de seruiço, com suas barcas e carauelões pᵃ recolher e leuar o peixe onde se ha de dizimar, e pagar os mais direitos: afora os mercadores do Reyno, e doutros mᵗᵒˢ estrangeiros q̃ trataõ nelle, e o leuaõ a suas terras. Ha na costa do Algarue des do Cabo de Sᵗᵃ Maria te o de São Vicente, doze armações destas hũas apartadas das outras, noue das quaes saõ del Rey; e as tres das Raynhas de Portugal, e em todas ellas andaõ seus feitores, e escriuães, por cuja administração corre todo o rendimento desta pescaria. Os direitos q̃ aos Reys se pagaõ saõ de des peixes sete, e os tres ficaõ aos pescadores, e os Reys saõ obrigados a por so mᵗᵃˢ as redes, parece tambem a poderse tomar com ellas peixe, nem outra cousa alguã;

porque

porque saõ decordinhas de esparto delgadas, easmal
has saõ largas q̃ porcada huã dellas caberaã bem
hum porco. Com cada huã destas redes (sabendo
os pescadores q̃ vem os Atuns) cercaõ quazi huã
legoa demar emtorno eos tomaõ em meyo, os
quais emtocando como focinho em alguã bara-
cinha da rede, tornaõ p.ª tras com tanto medo
q̃ sedeixaõ tomar, ematar, antes q̃ passar adian-
te. Ficaõ m.tas barcas ecaravelas dentro no cerco
com amais dagente, m.ta della ja exercitada
neste mister, eos q̃ p.ª isto vaõ levaõ huns gan
chos de ferro, engastados em huãs pequenas aste-
as depao, os quais lhe metem pellos lombos, ou
poronde podem, eos alaõ assima, 2, ou 3. homẽs,
naõ sem trabalho, mas com m.to gosto. No tempo
q̃ os Atuns morrem, todos andaõ abastados, e
contentes, assi ricos, como pobres, porq̃ todos alli
tem q̃ fazer, eganhaõ sua vida, e he este outro
Brazil no Algarve. Importa esta pescaria dos
atuns alguns annos passante decem mil
cruzados, dos quais os pescadores tem sua parte,
e elRey omais; mas alguns annos q̃ ha de
pouco, porcausa dos tempos q̃ lhe correm ao contra-
rio

rio, os pescadores recebem a mayor perda, por
q̃ saõ grandes os gastos destas armaçoẽs pella
m.ta gente q̃ trazem nellas.

Cap. 7.º dos Solhos que se pes-
caõ no Algarue.

Ha no Reino do Algarue outra particu-
lar pescaria que he a dos Solhos, peixe Real,
e de grande estima, e que importaria mais
que a dos Atuns se morresem em tanta a-
bastança. Tomasse este peixe no Rio chama-
do Guadiana, que em parte diuide este Rey-
no do de Castella, e comumente saõ os Solhos
mores que os Atuns porq̃ saõ mais grossos
e mais compridos, o primeiro destes peixes
que se toma, he do Comendador de Mertola,
q̃ he hũa V.ª antiga que está por este Rio acima,
12. legoas da barra, naõ longe do lugar onde
se pesca que he agora de Dom Fernaõ Alvr.º,
Capitaõ dos Ginetes, e os moradores della lh'o
mandaõ onde elle a este tempo está: e elle

o saba

o Sabe agradecer. Os outros q̃ logo depois deste primeiro se tomaõ, m.ᵗᵒˢ vezes importaõ a seu dono, dez, doze mil reis cada hum, com que nesta terra se compra huã boa junta de bois. No anno de nossa geral redençaõ de 1321. estando El Rey D. Diniz em huã V.ᵃ chamada Aluja   Legoas de Lisboa, pello Tejo assima, lhe aprezentou Dom Guedelha Rabi mòr dos Judeus hum solho vivo que pouco havia se tomara no Tejo onde chamaõ Montalvo no campo de Valada, termo de Santarem, o qual tinha taõ grande boca q̃ lhe metia hum rapaz morto por ella, e botava logo fora com o resfolego. Tinha por sima do espinhaço des de o rabo atè a cabeça trinta conchas como empollas, e era de 17. palmos em comprido bem medidos, e de 7. de groço: e pezou 47. arrobas pellos pezos de Santarem. Naõ costumaõ estes peixes morrer neste Rio, mas parece q̃ se apartou dos outros com que vinha, e tomou a barra do Tejo, e sobio por elle assima the o lugar onde o tomaraõ, e por ser isto desacostumado, e o peixe em si grande o mandou

o mesmo

o mesmo Rey pintar na Torre do Tombo em Lisboa, com a historia deste acontesimento.

Cap. 8.º do Esparto que nasse no Algarve, e do proveito que se faz delle.

O esparto erva bem conhecida, pello uso que temos delle, nasse no Reyno do Algarve, nem se semeya, mas antes elle per si nasse antre penedos, e em terra q̃ de nenhuã ou-tra cousa presta, e nasse per si em moutinhas piquenas, sem o lavrarem, nem lhe fazerem bem feitoria alguã. O tempo de o colherem, e em que elle stá bem sazonado he do S. João por diante, e esta he a postura da Camara, mas a gente pobre que tem esta seara por sua, nom lhe espera tanto, mas por Abril, e Mayo acomeçom á panhar e levar p.ª suas necessidades. Colhese com huns paosinhos piquenos pouco mais de palmo, a q̃ chamom maniquetes, em torno dos quais

oem.

oembrulhao ciegaõ [e legão?] as pontas á moça de
maneira q̃ puxando alançaõ tudo o q̃
tem emburilhado. E isto apanhaõ negros,
e negras, e gente pobre e vendem em molhos
naõ m.to caro. Lavrase no em todo o Algar-
ue indifferente m.tas molheres ricas, e pobres,
e as donzelas em seus estrados (mas estas
com luvas) e dizem que este he o melhor d'es-
te Reyno, posto que mais aspero, e naõ
tem macio como o de Granada. Fazem delle
huãs tiras de meyo brauça em largo, quanto
o esparto sofre, e de 12. braças em comprido,
a que chamaõ empreitas, as quais comum-
m.te valem a Real de prata ou dous vin-
teis senaõ saõ alguãs de sobre meza, ou
encomenda q̃ valem mais caras. Proueo
Deos N. S. esta terra de tem bom remedio p.a
o figo, sem o qual padecera m.ta falta, e tam-
bem a necessidade de m.ta gente pobre que
desta nouidade (que saõ sem custo) se sustenta.
Fazse delle cordoagem grossa, e delgada,
seiroês, e seiras, e alcofas q̃ saõ como alcou-
fas p.a acarretar terra, e outros seruiços
de ma-

de maneira que o esparto nes sómente dá proveito, e ajuda a seus naturaes os Algarauios, mas também ás gentes doutras m.tes partes do mundo como cada dia vemos.

Cap. 9: da Palma do Algarue, e das obras q̃ se fazem della.

Nasse também no Algarue a palma monteirinha, de todos bem conhecida, pollo uso que temos della; criasse em moutas pellas serras, e tambem por toda a outra terra mã, e boa, e bem trabalho os lavradores com ella; porq̃ como deita as raizes altas pella terra, e feitas em cepa; onde hũa vez nasce por m.to q̃ as arranquem, e queimẽ, sempre tornes a brotar de novo. Nas se levantas com pé alto como as outras palmeiras caseiras, e mansas, que cá vemos, mas fasem hũas moutas redondas, e baixas, de folhas sobre hũas asteazinhas á maneira de braço, com dedos como as cá vemos, nas naçouras, que de lá vem. Dos na primavera fruto, que sas hũns cachos q̃ lhe nacem

nos olhos

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

nolhos, decada mouta a flor daterra, elas como
grandes ameixeas oito, edes pegados huas nas ou-
tras, mas nos tem bom sabor, contudo agente
pobre seaproueita dellas em falta dutro me
lhor mantimento ascomem cosidas. Tirasse
tãobem dellas palmitos q̃ sam os olhos dasmes-
mas palmeiras, q̃ tem debaixo daterra q̃do
estas tenrros, q̃ he desde Janeiro the Março es-
tes sam como pes delardo, etem melhor sabor q̃
oseu fruto ecouendem neste tempo, aos meninos
p. os moços q̃ fazem m.^to^ porelles. Das folhas ma
yores destas palmas se fazem as vassoiras q̃ se
leuam por diuersas partes danossa Europa; easme
lhores easq̃ se fazem de encomenda ualem a tres
reis, mas ascomuns q̃ os pobres dagadi pella
serra fazem, ualem a real emeyo, edous reis
mas assim ellas se fazem mais presto, edurão pou-
co. Cortasse a palma pollas serras, emontes, no
mes de Julho, eAgosto; e ali mesmo se ceca, mas
se lhe chove depois decortada, fazse negra edepouca
dura. Esta he asementeira, e cuidade dagente
pobre (como disse do esparto) porq̃ atodos he
comum e elle persi nasse, e secria sem indus-
tria

.dria nem beneficio dealguem. E porm.^to q̃ della collhem nunca falta. Dos olhos desta palma q̃ seu olhem quando estão tenrros, aq̃ chamão cogolhos fazem obras proueitosas, eoutras tão delicadas eeubtiras q̃ por marauilha as leuão por Reynos es tranhos. Dos Cogolhos mayores se fazẽ grande multidão dealcofas pintadas deuermelho epreto, q̃ durão m.^to, esão deboa seruentia por serem leues elimpas. Dos outros mais pequenos se fazem sombrerios aq̃ chamão galhetes com seus cordões domesmo festejados detanta laçaria arte, edelicadera q̃ em toda aparte onde os leuão são dem.^ta estima. fazem isto molheres, eganhão por este officio sua uida ecs pecial aq̃ são mais polidas naarte porq̃ laurão delles tão delicados, efinos q̃ com mil reis etres cruzados q̃ Vedẽs porcada hũ delles; não ficão m.^to contentes. fazem tãbem desta mesma palma cordões p.^a singir, cordeças, eal cofinhos com outras mil bogiarias, q̃ as molheres curiosas estimão m.^to p.^a sua costura ebrincos, as quais ornão p.^a milhor parecerem, comdiuersas laçarias ebotões deouro eseda, emq̃ gastão boa parte deseus meatheiros comq̃ os pobres se po-

derião

deriaõ bem Cobrir.

Cap. 40. das Serras do Algarue.

He couza notauel dizer as serras, egrandes montes deq̃ está sercado o Reyno do Algarue da banda de Portugal q̃ he do Norte, alem duuida q̃ lhe naõ fazem uentajem os Alpes, ou Pirineos, senaõ nam.to passagem q̃ diuersas gentes fazẽ porelles, eas m.tas guerras eacontesim.tos q̃ os autores escreuem q̃ nelles ouue; com q̃ ficou taõ celebrada asua memoria, porq̃ no mais nenhũa ou m.to pouca diferença lhe acho. Tem sette legoas em largo, q̃ com dificuldade se andaõ num dia, e em comprido desde o Rio Guadiana, q̃ lhe cae da banda de Leuante te Odemira, onde uaõ a cabar no mar Occeano da banda do poente, taõ taõ continuadas em se erguer eabaixar, fazer desi mil sombrancarias ediferenças de personages. q̃ quem os uê de alto considera com espirito sua uariedade naõ pode deixar de se marauilhar da ordem edisposiçaõ q̃ pos a natureza em suas cousas, porq̃ a semelhança de mar m.to empolado

com grande

com grande tormenta, onde naõ Se vé cousa chã ou
igual Senaõ Huã ondas altas, e outras mayores jun
to dellas; ficando Huns grandes baixos muito Sobidos
entre Huãs e as outras, e logo tudo isto revolto, e que
Se comem entre Si mesmas, p.ª Se tornaõ a repre
zentar em outra forma Sem ficar cousa q̃ muita
ta abranja, q̃ naõ Seja lavrado desta arte taõ va
ria, q̃ tudo junto considerado, faz Hũ espetaculo
maravilhozo. Estaõ continuam.te estas terras acom
panhadas de grandes manadas de Vacas, fermozos
fatos, de cabras, muitas varas de porcos, com Seus
pastores, e vaqueiros, tudo o qual dà grande ale
gria aos caminheiros, e os recreya com leite, e
queijo Se o tempo Ho dà a elles. Ha tambem por
estas Serras muitas silvas de colmeas de q̃ Se tira ca
da anno grande quantid.e de mel, e cera, com q̃
os moradores destas partes (sendo taõ Solicitos)
granjeaõ bem Sua vida. Em muitos lugares dos
mais accômodados dellas, Se semea trigo, Seva
da, e Senteyo, posto q̃ Saõ taõ fragozas como te
nho dito, porq̃ a industria Humana a tudo bus
ca remedio; e posto q̃ Se nellas o ha, naõ Ha fas
ventajem o de Alentejo, Senaõ em Ser muito destas

Serras

Serras se passa infinito gado pª Castella, atra
uessando o Rio Guadiana por cima de Alcoutim
posto q os Reys de Portugal tem defeso isto cõ
grandes penas, mas como o interesse desta pas
sagem he m.to, a tudo se auenturão os homens: e pa
sem isto tão de proposito q passando eu este Rio
o Janeiro de 1563. me contarão pessoas q se a
charão prezentes, q hauia poucos dias, q nesta
passajem q digo uierão ter certos passadores com grande
soma de porcos, os quais sendo sentidos polla justiça
de Mertola acudio lá com alguns da mesma villa,
mas elles uinhão tantos, e tãobem armados, q os Mer-
telinos os não ousarão acometer sós, e mandarão pedir
ajuda à Marqueza de Villa Real, q staua na sua
Villa de Alcoutim esperando tempo pª passar a
Ceita onde o Marques staua. A Marqueza lhe mã
dou logo alguns de seus criados, e ajuntandosse to-
dos os cometerão; mas elles se defendião como homes
já condenados à morte pollas leis do Reino; e q a isso
uem offerecidos, e por isso os não ousão acometer, se
não com m.ta uentajem de gente. Desta contenda
ficou hũ dos passadores morto; o qual antes disto se
arrimou a hũa aruore a pelejar como leão, sem

hauer

Lauer quem Rechegasse, té q̃ Retiraraõ á espin-
garda, eo derribaraõ; mas daoutra parte tãbem
Hũ Estribeiro da Marquera, eoutros ficaraõ feridos;
contudo leuaraõ os porcos, eos Repartiraõ estas du-
as Villas, Mertola, e Alcoutim antre si, eos come-
raõ. Daoutra banda do Rio, q̃ he Castella, q̃ tãbem
saõ serras, e montes; neste mesmo tempo acodem
os Castelhanos aesperar estes passadores comquem
tem suas intelligencias; evem com molheres, efi-
lhos, efazem Cabanas em q̃ moraõ otempo q̃ alli
estaõ. Haura esta passajem m.to falta ^isto^ em Portu-
gal, emuito mais nomesmo Reino do Algarue
onde este gado comũmm.te sevia, emuitas uezes a
contesse, q̃ nos asougues desuas terras senaõ poder
Lauer hum arratel decarne; estando em Castella
ás moscas, (como dizem) porq̃ lá aleuaõ onde
ual mais cara.

Ha finalm.te neste Reino do Algarue
m.ta, eboa fruta, como tenho dito, Ha m.to peixe
domelhor q̃ omar cria; Ha m.to, ebom azeite, e
tãbem Lauria m.to uinho seo Laurassem, porq̃
lhe sobeja aterra p.a isso; só m.to lhe falta paõ q̃
tem pouco, eparece q̃ oordenou assim Deos
nosso

nosso Senhor, p.a sua conservaçaõ, porq̃ se elles o tiueraõ como os mais; saõ os Algarauios gente taõ alteroza, e descriminada q̃ naõ pudera ninguem com elles.

Finis Laus deo.

O Fim de todos os quatro Liuros da discripsaõ do Algarue.

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA